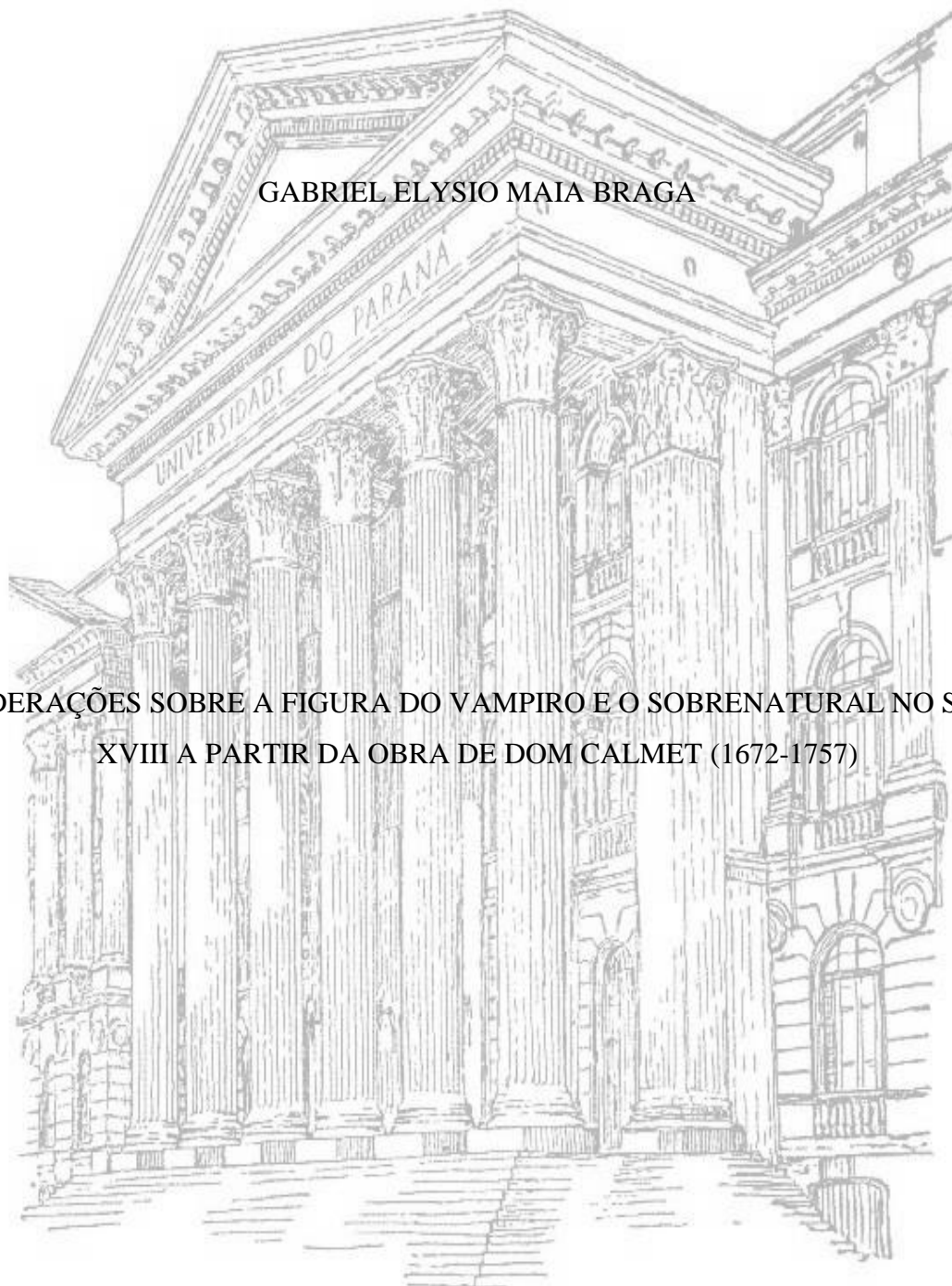


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**GABRIEL ELYSIO MAIA BRAGA**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO VAMPIRO E O SOBRENATURAL NO SÉCULO  
XVIII A PARTIR DA OBRA DE DOM CALMET (1672-1757)**



**CURITIBA**

**2015**

GABRIEL ELYSIO MAIA BRAGA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO VAMPIRO E O SOBRENATURAL NO SÉCULO  
XVIII A PARTIR DA OBRA DE DOM CALMET (1672-1757)

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para a conclusão do Curso de História – Licenciatura e Bacharelado, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins.

CURITIBA

2015

## AGRADECIMENTOS

O seguinte trabalho é resultado de um ano e meio de pesquisa, iniciada devido a um particular – e talvez peculiar – gosto pelo tema e pela temática relacionada ao horror em geral. É evidente que nada disso seria possível sem a ajuda, o carinho e o amor de muitas pessoas que comigo estiveram durante toda essa trajetória. Não é fácil expressar em palavras toda gratidão e admiração que eu tenho a todos os que foram parte integrante de minha vida.

Gostaria de agradecer aos meus pais e a minha irmã por todo o apoio, todo o amor e o carinho que muito me ajudaram e me acompanharam por toda minha vida. Também deixo expressa aqui minha felicidade e o meu orgulho de ver minha irmã começando sua vida acadêmica. Muita sorte e muito estudo!

Agradeço ao vô Joaquim, à Adlea que em todas as idas à Antonina e passeios a bordo do Kenya me prestaram imenso apoio nessa trajetória acadêmica. Obrigado também por abrigarem os “estudantes de história” durante os festivais de inverno. Agradeço ao tio Zé e a tia Sérvia pelo incentivo pelas vezes em que me hospedaram.

Agradeço às professoras e aos professores do DEHIS por tudo o que proporcionaram nesses 4 anos e em especial à professora Andréa Doré pela disciplina de *Teoria da História III*. Foi ao escolher *Drácula* (1897) para analisar em um dos trabalhos da disciplina que encontrei meu tema de pesquisa.

Agradeço muito a professora Ana Paula Vosne Martins por naquela tarde fria de julho ter aceitado orientar um tema tão peculiar. Muito obrigado pela orientação, por todas as correções e pelo apoio.

Agradeço à professora Renata Senna Garraffoni, tutora do PET-História, grupo do qual fiz parte todo o período de minha graduação. Não posso deixar de expressar minha admiração e dizer que aprendi muito com todas as conversas e discussões nas reuniões de sexta.

Aos amigos e amigas do PET que deixaram as reuniões mais divertidas e cheias de comidinhas. Agradeço pela oportunidade de ter conhecido vocês e por ter compartilhado diversas discussões. Com vocês eu aprendi muito.

Agradeço a Guina, Carol, Felipe, Jéssica, Karin, Kelleny, Lauriane, Mari, Maria, Maurício, May, Michel, Shirlei e Su pela zoeira. Obrigado pelos almoços nos fantásticos e

maravilhosos restaurantes de circundam a bela reitoria. Um agradecimento especial ao Ponto Setti, que tanto sediou nossas filosóficas refeições de sexta-feira.

Ao GRR 2012 expresso todo meu carinho. O período de graduação não seria tão especial sem as piadas, risadas, amizades e chinchiladas. Obrigado por tudo, chinchilas! Agradecimentos especiais a Lucas, Sara, Jean e Fred pelas idas ao mercado. Agradeço também a Felipe, Karin e Bárbara pelos estudos para o mestrado. Sem vocês e todas as nossas discussões eu não teria conseguido. Muito obrigado!

Agradeço imensamente ao Felipe. Ganhei um irmão nesses quatro anos de curso que esteve sempre do meu lado, me ajudando, me dando apoiando e zoando geral. Aprendi muitas coisas com você, cultura do *youtube*, músicas de altíssima qualidade, a necessidade de sempre ter um pé-de-cabra a mão, entre outras coisas. Desejo-lhe muito sucesso no seu novo percurso de pós-graduação em Campinas. Agradeço aos seus pais e seu irmão pelas vezes em que me hospedaram na Capital do Oeste.

À Karin e ao GP pelas idas a Antonina, abundantes risadas, caronas, churrascos e cervejas artesanais. Obrigado, Karin, por toda a ajuda, conversas e indicações de filmes, livros e quadrinhos.

À Mayara e seu *esprit d'imperatrice*, que faz *brownies* deliciosos e sempre esteve do meu lado me apoiando e “dando broncas” quando necessário. Agraço também à Shirlei e ao pessoal do apê pelas festas!

À Jéssica e sua loucura que tanto nos animaram nas manhãs e tardes reitorianas. Aprendi muito nas nossas conversas sobre Foucault e política. Que você seja muito feliz iniciando o novo curso!

Agradeço a Bárbara, Gabi e Su por todos os momentos em que estivemos juntos, todos os conselhos e todas as vezes – não foram poucas – que escutaram meus lamentos e me ajudaram a superar coisas não muito boas.

À Gabi e a Flávia pela ajuda na correção do projeto de mestrado. Minha aprovação dependeu muito das contribuições de vocês!

Gostaria de agradecer à Liandra pela amizade, intermináveis conversas, apoio, incentivo, carinho e paciência. Muito obrigado por tudo!

Agradeço ao Antônio pela interminável amizade desde o maternal. Presto meus agradecimentos a sua família por todo apoio que me deram desde sempre.

Agradeço a Marina pelas longas conversas e sessões de filmes de horror. Agradeço a Fernando, Portilho e Aguirre por todo o período de amizade desde o colégio e pelas ajudas e incentivos. Obrigado por todos os churrascos e vídeos de trabalhos escolares.

Agradeço a Carol, Elo, Letícia e Fabíola pela amizade e incansável apoio. Agradeço também à Yuria pelas caminhadas, conversas loucas, amizade e viagens acadêmicas.

Por fim, agradeço ao Colégio Marista Paranaense pela formação, pela oportunidade de realizar meu estágio e a todos os professores, em especial à professora Denise e ao professor Sergião que foram as grandes inspirações para minha escolha de profissão.

*“Captain to crew: Those of you who have served for long on this vessel have encountered alien life-forms. You know the greatest danger facing us is... ourselves, and irrational fear of the unknown. There's no such thing as 'the unknown,' only things temporarily hidden, temporarily not understood.”*

*Captain James Kirk*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. O MORTO-VIVO NA HISTORIOGRAFIA: A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA</b> .....	14
1.1. KLANICZAY – DAS BRUXAS AOS VAMPIROS .....	17
1.2. PAUL BARBER – O PRIMEIRO “VAMPIRÓLOGO”.....	23
1.3. OS VAMPIROS DE CLAUDE LECOUTEUX.....	28
1.4. KOEN VERMEIR – VAMPIROS E A IMAGINAÇÃO.....	31
1.5. BIBLIOGRAFIA NORTE-AMERICANA .....	35
<b>2. OS VAMPIROS DOS BÁLCÃS</b> .....	40
2.1. SOBRE A MAGIA E O SOBRENATURAL.....	40
2.2. O LESTE EUROPEU E OS RELATOS DE VAMPIROS .....	44
2.2.1 PETER PLOGOJOWITZ .....	47
2.2.2. VISUM ET REPERTUM.....	49
2.3. ANTECESSORES DE CALMET.....	54
2.3.1. VAMPIROS NO <i>LE MERCURE GALANT</i> (1693 – 1694).....	54
2.3.2 <i>DE MASTICATIONE MORTORUM IN TUMULIS</i> .....	59
2.3.3. <i>DISSERTAZIONE SOPRA I VAMPIRI</i> .....	62
<b>3. DOM CALMET: O MONGE PESQUISADOR</b> .....	67
3.1. SUA LEGITIMAÇÃO COMO PESQUISADOR.....	68
3.2. APARIÇÕES DE ANJOS E DEMÔNIOS.....	70
3.3. SOBRE A MAGIA, AS BRUXAS E A INFLUÊNCIA DO DIABO.....	72
3.4. SOBRE A IMAGINAÇÃO .....	74
3.5. FANTASMAS.....	77
3.6. O FENÔMENO DOS VAMPIROS – UM TEMA DE PESQUISA LEGÍTIMO....	78
3.7. EXPLICAÇÕES NATURAIS PARA O VAMPIRISMO .....	86
3.8. SOBRE O PODER DO DEMÔNIO E OS PROPÓSITOS DAS APARIÇÕES.....	88
3.9. SISTEMAS DE EXPLICAÇÃO PARA O RETORNO DOS MORTOS.....	90

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>



## RESUMO

Partindo da indagação de como eram analisados fenômenos considerados sobrenaturais – sobretudo os vampiros – esta monografia analisa a obra *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* (1751), escrita pelo monge beneditino Dom Augustin Calmet. O século XVIII é conhecido pela efervescência do pensamento esclarecido e racionalista. Quando chegaram na Europa ocidental – em especial na França – os primeiros relatos de vampiros, os pensadores ilustrados foram os primeiros a negá-los, denominando-os como credíces e fruto de imaginações fracas. A Igreja também se pronunciou contra a crença nos mortos sugadores de sangue, principalmente através da *Dissertazione Sopra i vampiri* (1744?) do padre italiano Giuseppe Davanzati. Calmet, não satisfeito com uma simples negação sem a devida pesquisa e argumentação, decidiu realizar sua própria pesquisa sobre o assunto, viajando e reunindo relatos sobre casos de aparições de anjos, demônios, mortos, fantasmas e vampiros. Sua obra, de acordo com o próprio autor, segue três vertentes, a histórica, a filosófica e a teológica. A pesquisa aqui apresentada foi dividida em três capítulos. No primeiro apresentamos uma revisão da pequena produção historiográfica sobre vampiros. No segundo capítulo desenvolvemos o contexto político da Europa oriental e como este propiciou um contato maior com os países da parte ocidental, conseqüentemente, o intercâmbio de relatos sobre vampiros. Neste mesmo capítulo comenta-se também sobre a produção acerca dos mortos-vivos desde meados do século XVII até o século XVIII. Por fim, no terceiro e último capítulo há uma análise sobre o tratado de Calmet, procurando destacar o modo como analisou os vampiros – buscando explicações naturais para o fenômeno – confraternizando o pensamento científico com o religioso.

**Palavras-chave:** Iluminismo; Vampiros; Sobrenatural; Dom Calmet.

## ABSTRACT

Starting from the query of how were analyzed certain phenomena considered supernatural – especially the vampires – this monography intends to analyze the work *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* (1751), written by the Benedictine monk Don Augustin Calmet. The XVIIIth century is known by the effervescence of enlightenment and rationalistic thought. When the first vampire reports have arrived in Europe – especially in France – the enlightened thinkers were the first to deny them, judging them as mere beliefs, results of weak imaginations. The Church also has pronounced herself against the belief in living dead bloodsuckers; particularly through the *Dissertazione Sopra i Vampiri* (1744?) by the Italian priest Giuseppe Davanzati. Calmet, not satisfied with the simple deny without a proper research and argumentation, decided to conduct his own research about the subject, traveling and gathering reports about cases of apparitions of angels, demons, dead people, ghosts and vampires. His work, according to himself, follows three strands, the historical, the philosophical and the theological one. The following research was divided in three chapters. In the first, we present a revision of the small historiographical production about vampires. In the second chapter, we developed the political context of Eastern Europe and how it propitiates a grater contact with countries from the western part, and consequently, the exchange of vampire reports. In this same chapter, we comment the production about the living dead from the mid-seventeenth century to the mid-eighteenth century. Lastly, the third and last chapter intends to analyze Calmet's treatise, highlighting the way he has analyzed the vampires – seeking natural explanations to this phenomenon – fraternizing the scientific thinking with the religious one.

**Key Words:** Enlightenment; Vampires; Supernatural; Don Calmet

## INTRODUÇÃO

*Dans ce siècle une nouvelle scene s'offre à nos yeux depuis environ soixante ans dans la Hongrie, la Moravie, la Silésie, la Pologne : on voit, dit-on, des hommes morts depuis plusieurs mois, revenir, parler, marcher, infester les villages, maltraiter les homes & les animaux, sucer le sang de leurs proches, les rendre maladies, & enfin les causer la mort.<sup>1</sup>*

O sobrenatural foi comumente definido enquanto um assunto da alçada do medo<sup>2</sup>. É o desconhecido, aquilo que não pode ser facilmente definido e explicado. No entanto, o sobrenatural atraiu a atenção de filósofos, juristas e religiosos em diferentes períodos históricos<sup>3</sup>. A Magia e as bruxas eram temas comuns em tratados medievais, como por exemplo, o *Directorium Inquisitorium* (1376?), e modernos, a exemplo de *Malleus Maleficarum* (1487) e do *De la Démonomanie des Sorciers* (1593), de Jean Bodin.

A partir de finais do século XVII, mas em especial nas primeiras décadas do século XVIII, a figura da Bruxa não possuía a mesma força e o mesmo efeito que tivera em outros tempos. Leis foram redigidas no intuito de reduzir as perseguições<sup>4</sup>. A partir disso, os mortos mastigadores começaram a ter mais espaço nos jornais e em correspondências oficiais. Sua imagem foi modificada ao longo das décadas e posteriormente receberam a denominação de vampiros, os quais foram então, gradativamente, ganhando mais espaço também nos estudos de homens de letras e religiosos, para depois adentrarem no mundo da literatura e, posteriormente, do cinema, tornando-se assim uma das criaturas mais famosas da ficção.

No século XVIII a Europa vivia a efervescência do pensamento Iluminista, o qual tinha em sua base a busca pela Razão e propunha explicar os acontecimentos por um viés científico e racional. O Iluminismo abarcou críticas ao social e ao político. “Por suas reflexões e críticas se concentrarem em temas sociais e políticos, foi *mister* que os filósofos que se assumiram partícipes

---

<sup>1</sup> “Neste século surge algo novo aos nossos olhos há cerca de 60 anos na Hungria, Moravia, Silésia, Polônia: vemos, eles dizem, homens mortos há muitos meses, retornar, falar, andar, infestar as aldeias, maltratar os homens e os animais, sugar o sangue dos parentes, lhes causar doenças, e enfim, lhes causara morte” [tradução livre] Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. V.

<sup>2</sup> Sobre o medo houve por muito tempo um silêncio historiográfico devido, entre outros fatores, à confusão entre medo e covardia. Delumeau em seu livro *História do Medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade citiada* (1978), mostra vários exemplos de como a coragem – mais especificamente o heroísmo – desde a Antiguidade era exaltada, e como isto influenciou para um silêncio historiográfico sobre o medo, até os trabalhos de Febvre (1956) e Mandrou (1959).

<sup>3</sup> BAROJA, 1971, p. 17.

<sup>4</sup> Como demonstra Gábor Klaniczay em seu artigo *Decline of Witches and Rise of the Vampires* (1987).

das ideias e dos valores esclarecidos tratassem de questões pertinentes à realidade”<sup>5</sup>. Realidade esta que não suportava – ou ao menos não deveria suportar – temas como o sobrenatural, em especial as aparições e ataques de mortos-vivos. O espírito empirista, contudo, não impediu – e podemos dizer que para certos indivíduos até mesmo incentivou – análises sobre esse tema não usual, como é o exemplo da obra do monge beneditino francês, Dom Augustin Calmet, ou mesmo os comentários de Voltaire<sup>6</sup>.

Em meados do século XVII começaram a chegar na França através das cartas de Pierre Des Noyers, relatos sobre mortos-vivos que ao mastigar suas vestes levavam seus parentes à morte. Este autor trata os *Upior*<sup>7</sup> como uma “doença fabulosa”<sup>8</sup>. O assunto foi levado ao periódico *Le Mercure Galant* na última década do século XVII, pelo próprio Des Noyers. Outro comentador neste mesmo periódico foi Marigner<sup>9</sup>, o qual acreditava que vampiros eram demônios ou almas condenadas ligadas ao mundo corpóreo. Para ele as aflições sofridas pelos gregos<sup>10</sup> eram um castigo divino. Nota-se, portanto, que em um período de meio século os vampiros passaram de doença a castigo divino, de algo natural a algo diabólico/fantástico.

Um maior contato do ocidente com o oriente europeu se deu a partir dos Tratados de Carlowitz (1699) e de Passarowitz (1718), nos quais a Áustria dos Habsburgos conseguiu a posse, com o primeiro, da maior parte da Hungria e, com o segundo, do norte da Sérvia, norte da Bósnia e da Valáquia. As forças de ocupação austríacas permaneceram nestas regiões até 1739<sup>11</sup>. Durante esse tempo, muitos relatos sobre mortos-vivos que estrangulavam e/ou sugavam o sangue dos vivos apareceram. Até meados do setecentos já havia, portanto, diversos relatos de ataques realizados supostamente por pessoas que se levantaram dos túmulos, nas regiões da Romênia, Morávia, Silésia, Hungria e Polônia, deixando assustada a população e provocando certa inquietação entre os pensadores, pois isso parecia mais ser indício de superstições e credices que não combinavam com a época do esclarecimento.

Os casos de Peter Plogojowitz e Arnod Paole e a grande repercussão dos mesmos mostraram a força que a figura vampiresca tinha no imaginário social. Mais famosos ficaram esses

---

<sup>5</sup> ARAÚJO, 2014, p. 29.

<sup>6</sup> Voltaire faz uma referência aos vampiros em seu *Dictionnaire Philosophique* (1764), não para estudá-los, mas para realizar uma crítica social.

<sup>7</sup> DES NOYERS, 1859, p. 561.

<sup>8</sup> *Idem*.

<sup>9</sup> A única informação disponível sobre este autor é a de que era advogado no parlamento de Paris.

<sup>10</sup> Uma referência à doutrina cristã grega ortodoxa, visto que os casos não se passavam na Grécia.

<sup>11</sup> BARBER, 2010, p. 5.

casos quando médicos foram enviados ao local e constataram que os supostos vampiros estavam realmente mortos. A solução apresentada foi a de decapitar e queimar os corpos. O caso de Paole ficou ainda mais conhecido, pois tudo foi descrito no relatório *Visum et Repertum*, de 1732, que chamou a atenção da imprensa e propagou a lenda do vampiro por toda a Europa<sup>12</sup>.

A Igreja, por sua vez, condenava a profanação de corpos que se generalizara nesses países. O padre italiano Giuseppe Davanzati se propôs a investigar o fenômeno após escutar um bispo comentando sobre os casos. Sua *Dissertazione sopra I Vampiri* afirmava que os mortos-vivos eram tão somente fruto da imaginação popular. Contudo, seu trabalho não era baseado em observações porque Davanzati não viajou para os locais onde supostamente aconteceram os casos. Esta pura negação sem uma fundamentação empírica instigou a curiosidade de dom Augustin Calmet, que fez uma investigação sobre o assunto.

Nascido em 26 de fevereiro de 1672, Calmet era muito conhecido no meio erudito católico por seus escritos sobre a interpretação da Bíblia. Curioso com os casos relatados e descontente com explicações que abriam mão da investigação empírica, procurou examinar o fenômeno a partir da análise dos relatos escritos e orais, reclamando uma atitude científica que não havia sido proposta para o tema por ninguém. Em 1746 foi impressa a primeira edição de *Dissertation sur les apparitions des anges, des demons et des esprits, et sur les revenans et vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie*. Em 1751 foi publicada a terceira edição, corrigida, ampliada, dividida em dois tomos e com um nome um pouco diferente, *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.*

O beneditino afirmou ter ficado impressionado com as descrições dos ataques e tomou como principal objeto de sua investigação os vampiros da Hungria<sup>13</sup>. Calmet, devido à pluralidade do material levantado para sua pesquisa, não se limitou apenas aos vampiros e também investigou outros tipos de aparições. O religioso argumentava que a narração dos ocorridos apresentava tantas particularidades, tantos detalhes e tantas informações jurídicas, que a crença existente naquelas localidades não poderia ser atribuída somente às superstições<sup>14</sup>.

O autor analisou os cadáveres que supostamente retornavam à vida sob as lentes da Teologia e também por meio da investigação médica. O tratado de Calmet pode ser considerado

---

<sup>12</sup> ARGEL & MOURA NETO, 2008.

<sup>13</sup> O termo Hungria designa um grande território e que causava muita confusão. A maior parte dos relatos estudados por Calmet, por exemplo, ocorreram na região da Sérvia.

<sup>14</sup> CALMET, 1751, tomo II, p.VI

um trabalho diferente do que era comumente visto na época: um religioso que se propôs a uma pesquisa com metodologia empírica analisando um assunto não usual. É justamente no século das Luzes – mas já a partir do século XVI – que Deus começa a ser afastado dos sistemas explicativos da Natureza, principalmente das pesquisas científicas<sup>15</sup>. Procura-se aqui investigar como se elabora a análise de Calmet, religioso e empirista, trabalhando com um tema rejeitado tanto pelos religiosos quanto pelos cientistas, articulando o dogma com a crítica resultante da observação metódica dos fenômenos sobrenaturais.

No que diz respeito à estrutura, esta monografia divide-se em três capítulos. No primeiro, *O Morto-Vivo na Historiografia: a construção de um problema de investigação histórica*, faz-se um levantamento bibliográfico sobre o tema. Constatou-se que os casos de vampiros são uma temática pouco explorada por estudos historiográficos. As primeiras obras devem-se aos esforços de pesquisadores da área da biologia/medicina e da literatura. Recentemente, mais precisamente a partir de 2009 e 2010, com a publicação do livro de Lecouteux (2009) e a reedição de Barber (2010), a temática ganhou novo fôlego em pesquisas na França e nos EUA, em especial na Universidade do Texas e no *North Central Texas College*.

Em *Os Vampiros dos Bálcãs*, buscamos traçar um panorama histórico sobre a questão do sobrenatural, da magia e da bruxaria e um quadro analítico sobre a percepção das mesmas na modernidade. Utilizamos principalmente as contribuições de Julio Baroja (1971)<sup>16</sup>, Keith Thomas (1991)<sup>17</sup> e Michel de Certeau (2005)<sup>18</sup>, que afirmam que na ausência de uma explicação científica, os motivos de certos acontecimentos, mesmo que naturais, foram relegados ao plano do diabólico em sociedades religiosas. Trabalhamos também o complexo contexto político europeu centro-oriental, pois como Barber (2010) apontou, ele é vital para o entendimento de como os casos de vampiros se tornaram uma mania na Europa ocidental.

No terceiro e último capítulo desenvolvemos a análise mais específica de nossa fonte primária principal, o *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* (1751). Buscamos neste último capítulo analisar esta obra de Calmet com enfoque em suas concepções acerca do conceito de natural/sobrenatural e o modo como procurou

---

<sup>15</sup> ROMANO, 2003, pp. 11-15.

<sup>16</sup> BAROJA, J. C. *As Bruxas e o Seu Mundo*. Lisboa: Vega, 1971.

<sup>17</sup> THOMAS, K. *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. Trad. Denise Bottmann e Tomas Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>18</sup> CERTEAU, M. A Formalidade das Práticas. In: \_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Mendes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

conciliar suas pesquisas e resultados com os dogmas católicos. Importante foi também entender os diferentes meios com que procurou explicar o sobrenatural a partir do natural, e como propôs uma explicação para os casos aparentemente “inexplicáveis”.

Observamos então a tentativa por parte do religioso de uma explicação fundamentada no racional. Deus e o Diabo aparecem com frequência ao longo desta obra, mas apenas são invocados na argumentação final de Calmet para explicar que aquilo que foi relatado realmente tivesse ocorrido, o poder divino seria então o responsável. Entretanto, o que mais se destaca em seu trabalho não é o poder da intervenção divina, mas a sua própria busca de erudito e de filósofo, seja recorrendo aos conhecimentos médicos então disponíveis, seja pelo conhecimento que tinha das leis da natureza, para os diversos fatores naturais que somados à imaginação de certos povos, convergiram para a explicação sobrenatural que tanto atiçou e alimentou a curiosidade e o medo no Ocidente, tão bem explorados pela literatura e bem mais tarde pelo cinema.

## 1. O MORTO-VIVO NA HISTORIOGRAFIA: A CONSTRUÇÃO DE UM PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

*Nosso contínuo interesse pelos chupadores de sangue que desabrocharam na noite é óbvio. Não há nenhuma outra criatura no mundo do horror que tenha causado mais medo, mais pavor e, no entanto, mais fascínio do que o vampiro<sup>19</sup>*

Tratar do sobrenatural, do oculto, principalmente no que concerne aos mortos-vivos, não tem sido algo atraente para historiadores. O morto-vivo nunca foi um tema de grande apelo historiográfico. Muitas das pesquisas, e as primeiras com esta temática, – assim como se poderá constatar nas referências deste trabalho – deve-se a esforços de pesquisadores da área da biologia, da medicina e da literatura, os quais foram os primeiros a se interessar pelo tema depois do religioso Montague Summers<sup>20</sup>, cujos dois livros sobre vampiros datam do final da década de 1920.

Ao realizar uma pesquisa sobre vampiros é mais fácil encontrar trabalhos escritos por biólogos e estudiosos da área da literatura. O interesse destes se deve ao abrangente universo literário no qual o vampiro foi inserido, principalmente, no século XIX, mas com origens nos dois séculos precedentes; e aqueles por uma curiosidade particular à medicina, a saber, quais seriam os processos biológicos da putrefação que poderiam levar a uma crença em mortos-vivos.

A respeito dos pesquisadores da literatura e, não podemos deixar de citar também os do cinema, as pesquisas geralmente estão relacionadas com o romance do irlandês Bram Stoker, *Drácula* (1897), ou pelo menos com seu personagem principal, o vampiro mais famoso de todos os tempos. As mudanças que a figura do vampiro sofreu ao longo do tempo, na literatura, no cinema, ou mesmo na cultura em geral, também são estudadas por esses pesquisadores.

Falando sobre a produção literária, o primeiro texto literário sobre vampiros foi escrito em 1748. *Der Vampir* [o Vampiro], de autoria do poeta alemão Heinrich August Ossenfelder é narrado pelo vampiro, o qual objetiva seduzir uma jovem que segue os preceitos cristãos. *A Noiva de*

<sup>19</sup> MELTON, 2008, p. XXIII.

<sup>20</sup> O Reverendo Montague Summers (1880 – 1948) foi um clérigo da Igreja Católica que dedicou sua vida a pesquisas principalmente sobre o campo do sobrenatural e a literatura que nele foi inspirada. Suas primeiras pesquisas tratavam da produção literária da época da restauração da monarquia inglesa. Outro tema por ele tratado foi a literatura gótica, tendo escrito dois livros sobre o assunto e sido o editor de novas edições de romances góticos. Summers também foi editor da única versão para o inglês do *Malleus Maleficarum*, e tradutor de obras do século XVI que trataram sobre demonologia e casos de possessão. Suas publicações mais conhecidas foram: *The History of Witchcraft and Demonology* (1926), *The Geograpy of Witchcraft* (1927), *The Vampire, his Kith and Kin* (1928) e *The Vampire in Europe* (1929). Estes quatro livros tratam de temáticas do sobrenatural: bruxaria, demonologia e vampirismo.



*Corinto* de Goethe, *Christabel* de Samuel Taylor Coleridge e *Carmilla* de Sheridan Le Fanu, também tratam da sedução, sendo que os dois últimos retratam vampiras femininas que seduzem mulheres. John Polidori, secretário de Lord Byron, publicou em 1819 o conto *O Vampiro*, o qual se tornou um grande sucesso, tendo sido adaptado para o teatro por toda a Europa.

A primeira grande obra que unificou e estruturou a imagem do vampiro foi o romance de Stoker. Muitas vezes, *Drácula* (1897), aparenta ser um grande manual sobre quem é, como vive e como matar um vampiro. Outra grande mudança no universo literário vampiresco são as personagens de Anne Rice para a série *Entrevista com o Vampiro*, cujo primeiro livro data de 1976. Os vampiros de Rice apresentam uma face mais humana e sentimental e abordam os dilemas da imortalidade, que depende de uma “dieta” bem específica.

A condição dos vampiros de se constituírem em seres que estão entre a vida e a morte antes de chamar a atenção pelo apelo filosófico que esta questão carrega, foi objeto de curiosidade de biólogos e médicos. Estes pesquisadores buscaram esclarecer os motivos biológicos para a crença nos mortos-vivos, como por exemplo, as reações do corpo durante a putrefação. Paul Barber pode ser aqui citado como um exemplo. Seu livro *Vampires, Burial & Death: Folklore and Reality*, publicado originalmente em 1988, é até hoje a principal referência para trabalhos sobre mortos-vivos realizados por pesquisadores da biologia e da medicina.

Outro *front* de pesquisa desta área consiste em procurar quais doenças poderiam causar os efeitos descritos em relatos oficiais e na literatura – ou até mesmo nos filmes. A partir disso, alguns pesquisadores chegaram à conclusão de que a porfíria<sup>21</sup> pode ser a resposta<sup>22</sup>, ou ainda, um surto de raiva ocorrido entre 1721 e 1729 na Hungria<sup>23</sup>. A busca pela origem é tão intensa nesses casos que muitas vezes negligencia-se o fato de que 60 ou 70 anos antes daquele surto já havia relatos sobre vampiros chegando na França.

Outra doença geralmente citada enquanto formadora do mito do vampiro é a catalepsia, a qual confundia a população, pois as pessoas acreditavam que o indivíduo estava realmente morto e o enterravam. Esta última assertiva é um pouco problemática, pois, já a partir do século XVI

---

<sup>21</sup> A porfíria é uma deficiência de enzimas específicas que tem como efeito a palidez, a alta sensibilidade da pele ao sol e a retração da gengiva, o que faz com que os dentes pareçam maiores do que realmente são. Cf. SANTOS, A.; SANTOS, L.; SILVA L.; LUCINDA, L., 2013, pp. 526 – 527.

<sup>22</sup> Algo que Paul Barber nega veemente, devido ao fato de os vampiros não serem tão raros quanto os portadores dessa doença. Cf. BARBER, 2010, p. IX.

<sup>23</sup> SANTOS, A.; SANTOS, L.; SILVA L.; LUCINDA, L., 2013, p. 528.

observa-se em testamentos a exigência de um período – às vezes longo – de velório, refletindo o medo de um possível enterro prematuro<sup>24</sup>.

A *morte aparente*<sup>25</sup> era uma preocupação entre os médicos setecentistas, os quais buscavam alertar a população sobre a importância de um período de exposição, observação e espera: o velório. Foram então sendo somados aos velórios costumes como a *conclamatio*, a “chamada por três vezes, em voz alta, do nome do defunto”<sup>26</sup>. Quando acontecia de um indivíduo ser enterrado ainda vivo histórias aterradoras surgiam, especialmente durante a exumação quando se constatava que alguns haviam devorado partes de seus corpos. Acontecimento que era explicado pela lenda dos *mastigadores*, cadáveres que devoravam sua mortalha e/ou partes de seus corpos levando membros de suas famílias à morte.

Essas interpretações estavam de acordo com o entendimento que a medicina possuía sobre a morte na época. Médicos entre os séculos XVI e XVIII acreditavam que a morte só se consumava totalmente quando o corpo era decomposto. “O tempo de morte era, muito pelo contrário, um estado que participava, ao mesmo tempo, da vida e da morte”<sup>27</sup>. Nos séculos XVI e XVII era comum a crença em uma sobreposição da vida sobre a morte, pois, na concepção da época o cadáver, embora morto, apresentava sinais evidentes de atividades como os vivos, como por exemplo, os sangramentos. Já no século XVIII, como mostra Ariès (2014), a percepção era inversa. A morte se sobrepunha à vida, como se fosse uma batalha ganha lentamente com a putrefação do cadáver.

Citamos aqui os médicos, suas interpretações e as doenças com naturalidade, pois estes elementos fazem parte do nosso repertório, contudo, os indivíduos dos séculos XVI, XVII e XVIII não possuíam esses mesmos conhecimentos. Entretanto isso nunca os impediu de formular teorias a partir de seus próprios repertórios. Seja a explicação com fundamentação religiosa ou a natural, os vampiros tornaram-se assunto de muitos debates sérios durante meados do século XVII e meados do século XVIII.

Curioso relatar que é exatamente durante o Século das Luzes, no qual os pensadores buscavam fundamentar suas análises na soberania da Razão, que o vampiro surgiu assustando populações não mais somente nos distantes Bálcãs, mas também na Europa ocidental. Por que

---

<sup>24</sup> DELUMEAU, 2009, p. 134.

<sup>25</sup> ARIÈS, 2014, p. 527.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 529.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 538.

exatamente no período em que a Razão deveria prevalecer os *revenants*<sup>28</sup> e os vampiros são tratados com tanto realismo? Quais as causas dessa crença e o que a fortalecia? Neste capítulo buscaremos algumas respostas através de uma revisão bibliográfica para posteriormente melhor analisarmos a obra de Calmet (1751), considerando o contexto na qual foi produzida.

### 1.1. KLANICZAY – DAS BRUXAS AOS VAMPIROS

Gábor Klaniczay é professor do departamento de história medieval na Universidade Centro Europeia, em Budapeste. Em 1987, escreveu o artigo *Decline of Witches and Rise of Vampires in 18th Century Habsburg Monarchy*, no qual apresentou a tese de que entre a abolição da perseguição às bruxas e os casos de vampirismo há uma conexão.

Durante o reinado de Maria Teresa (1740 – 1780), houve uma série de decretos com a finalidade de combater a perseguição às bruxas. O autor procurou analisar como as crescentes notícias sobre ataques de vampiros influenciaram na decisão em amenizar, se não mesmo abolir a crença e a perseguição às bruxas na Europa Oriental. Segundo Klaniczay, a figura do vampiro fazia muito mais sentido para o pensamento racionalista, médico e religioso do setecentos do que podemos imaginar<sup>29</sup>.

Primeiramente, o autor analisa os casos de perseguição às bruxas na Hungria. Embora estes sejam muito escassos na Idade Média – só se tornaram mais numerosos a partir da década de 1550<sup>30</sup> –, atingiu seu ápice no século XVIII. Entre 1690 e 1760 ocorreram quase 70% dos 1700 casos registrados<sup>31</sup>. Há uma “convivência” entre bruxas e vampiros, lembrando que estas duas figuras estavam conectadas, pois, acreditava-se que uma bruxa, quando morta, tornava-se uma morta-viva que afligia os habitantes da vila<sup>32</sup>.

A imperatriz Maria Teresa emitiu então, decretos visando a diminuição dessas perseguições, como já haviam feito Luís XIV em França e Frederico Willian I em Prússia. A imprensa, na mesma época, reportou os crescentes casos de vampirismo. A repercussão dos casos

<sup>28</sup> Palavra de origem francesa que designa “aqueles que voltaram do túmulo”, os retornados.

<sup>29</sup> KLANICZAY, 1987, p. 165.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>31</sup> *Idem*.

<sup>32</sup> LECOUTEUX, 2005, p. 69.

chegou a tal ponto que após um acontecimento em 1755<sup>33</sup>, a rainha emitiu um decreto proibindo a exumação de corpos. Interessante notar que o mesmo decreto condenava as duas práticas – perseguição às bruxas e exumações. Em janeiro do ano seguinte, outro decreto foi emitido, transferindo todas as investigações de casos de bruxos e bruxas para a corte<sup>34</sup>.

Interessante notar que mesmo nas leis a existência da feitiçaria não era descartada. O que podemos perceber, através das colocações de Klaniczay, é que há uma tentativa de excluir todos os casos “não verdadeiros” de feitiçaria, os casos que poderiam ser adulterados pelas credices e superstições locais. A *Constitutio Criminalis Theresiana*, um código penal promulgado em 1768, justifica muitos casos de bruxaria como resultado da ignorância popular, que levaria as pessoas a adotar práticas supersticiosas, pessoas essas que não mais eram consideradas aptas para distinguir o real do ilusório<sup>35</sup>, questão esta muito pertinente em outros trabalhos setecentistas.

Considerava-se primeiro, se as acusações poderiam ser fantasiosas, imaginárias ou mesmo fraudulentas. Após isso, levava-se em conta se não eram produtos da loucura e da melancolia. A negação de Deus e a *tentativa* de realizar um pacto com o diabo também era considerada pelos *experts*. Destacamos aqui a palavra *tentativa*, pois não se considerava que isso era possível, ou pelo menos que não era tão simples quanto o número de casos fazia parecer ser. Por último, mas somente com provas “infalíveis”, poderia se considerar a possibilidade real de haver feitiçaria ou ajuda demoníaca<sup>36</sup>.

Klaniczay destaca o fato de que na *Constitutio Criminalis Theresiana*, era exigido dos juízes que estes consultassem médicos experientes para avaliar se a acusação ou o acontecimento poderiam ter causas naturais. Além disso, deveriam renunciar as práticas de conseguir a confissão através da tortura e da procura pela marca da bruxa. A fraude tornou-se passível de punição assim como a difamação. Importante destacar aqui a necessidade de comprovação acompanhando assim

---

<sup>33</sup> Na vila de Hermesdorf, perto da fronteira com a Silésia e a Morávia – que também foram locais citados por Calmet – o corpo de Rosina Polakin foi, por meio de uma decisão municipal, exumado, devido ao fato de que a população acreditava que ela era na verdade uma vampira que os atacava a noite. A família foi obrigada a arrastar o corpo até o local onde ele seria decapitado e queimado. Maria Teresa enviou então, dois médicos de sua corte à vila, e após o relatório se aconselhou com seu médico principal, o qual sugeriu a emissão de uma nota repudiando as superstições locais e proibindo a exumação. A imperatriz acatou a sugestão do médico e emitiu o decreto proibindo a exumação e condenando outras práticas, como por exemplo, a busca por tesouros e a perseguição às bruxas. Cf. KLANICZAY, 1987, p. 167.

<sup>34</sup> Klaniczay afirma que 11 países protestaram contra a medida da rainha, argumentando que bruxas eram condenadas na Bíblia. O protesto foi em vão. Dez anos depois, uma comissão foi formada em Viena para redigir a lei que proibiria definitivamente a perseguição às bruxas. Cf. *Idem*.

<sup>35</sup> *Idem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 168.

um movimento maior da época, do qual Calmet pode ser considerado um representante, o empirismo.

Ainda comentando sobre certo “espírito da época”, Klaniczay aponta que antes mesmo da publicação da *Constitutio Criminalis Theresiana*, já havia sido publicado certo número de obras que condenavam as superstições e as atrocidades e julgamentos malconduzidos a que elas levavam. Um dos nomes que podem ser destacados, que, aliás, fazia parte da corte de Maria Teresa desde 1743 e a aconselhou a redigir a lei contra as exumações e as perseguições, é o de Gerard van Swieten. Médico holandês formado em Leyden, escreveu muitos trabalhos sobre casos de vampiros – como, por exemplo, o de Rosina Polakin – e sobre como o que era observado nos cadáveres e tido como evidências de vampirismo<sup>37</sup>, poderiam ser reações naturais após a morte<sup>38</sup>.

Van Swieten, em seus escritos, atribuiu à ignorância e à falta de educação, somados a uma “doutrinação pelos contos de fada”<sup>39</sup>, o motivo da crença em vampiros. O médico dedicou grande parte de seu tempo em escrever contra a exumação de corpos. Com argumentos até mesmo religiosos, demandou à imprensa um combate à tais práticas. Ele descreveu as torturas e a dor sofrida pelas mulheres que eram submetidas ao método utilizado pelos inquisidores para colocar palavras em suas bocas. Na opinião de Klaniczay: “His actions in this case, where he personally took care of the medical treatment and the hospitalizing of the poor woman, show a nice example of the unity of theory and practice in the time of Enlightenment.”<sup>40</sup>

O professor afirma que a “mentalidade racionalista duvidosa”<sup>41</sup> de van Swieten veio de sua cultura natal. A última execução conhecida de uma bruxa na Holanda ocorreu no ano de 1603. E a tradição de crítica a essa prática já vinha de décadas antes. Johan Wier, discípulo de Cornelius Agrippa<sup>42</sup>, é destacado por Klaniczay como uma autoridade em assuntos sobrenaturais. Em sua

<sup>37</sup> Como por exemplo, o sangue na boca e a incorruptibilidade do corpo.

<sup>38</sup> KLANICZAY, 1987, p. 169.

<sup>39</sup> “Indoctrination coming from fairytales” Cf. *Ibidem*, p. 169.

<sup>40</sup> “Suas ações neste caso, onde pessoalmente cuidou do tratamento médico e da hospitalização destas pobres mulheres, mostram um bom exemplo da união entre teoria e prática no período do Iluminismo”. Cf. *Ibidem*, p. 170. [Tradução livre].

<sup>41</sup> *Idem*.

<sup>42</sup> Cornelius Agrippa von Nettesheim, foi um escritor da Renascença que escreveu, dentre muitos outros temas, sobre a Magia e o Oculto. Nascido de uma família de nobres que servia a casa real da Áustria, licenciou-se em artes pela Universidade de Colônia em 1502. Após um período de estudos na França, Agrippa especializou-se nos estudos sobre a Magia e o oculto. Entre 1509 e 1510 escreveu a primeira versão de *Filosofia Oculta*, sendo que o primeiro livro (são três no total), só foi publicado em 1531. A edição completa da obra foi publicada dois anos depois. O primeiro livro discorre sobre a Magia no mundo natural, o segundo analisa o mundo celestial (ou matemático), e por fim, o último livro é um estudo sobre a magia popular, as crenças e os rituais utilizados para uma conexão com uma entidade superior (divina ou demoníaca). Cf. TYSON, 2008, pp. 13 – 49.

obra *De Praestigiis Daemonum* (1563), Wier reconhece a existência da magia, da bruxaria e da feitiçaria, entretanto nega a suposta habilidade que as bruxas possuíam de ir voando para o Sabah. Nesta obra já há uma crítica ao método utilizado para se conseguir confissões, pois este, segundo o discípulo de Agrippa, junto da ilusão demoníaca, levava os acusados a confessarem fatos que considerava *scientific nonsense*<sup>43</sup>.

Em 1592, em um tratado, Cornelis Loos reforçou as assertivas de Wier. O relatado voo das bruxas era, para ele, apenas um truque da imaginação. Loos também negou a existência de demônios *incubi e succubi*<sup>44</sup>. A tortura igualmente é criticada enquanto um meio de se conseguir confissões. Entretanto, a mais forte crítica, na opinião de Klaniczay, veio no século seguinte, através do padre holandês Balthasar Bekker. Em seu tratado, *De Betoverte Weereld* (1690), o padre negava a existência de qualquer espécie de poder mágico sobrenatural. Seus argumentos baseavam-se na racionalidade e na ciência, “The ‘magic’ according to him has only reality as fraud, and the ‘devilish’ acquires existence only in human wickedness and malignity”<sup>45</sup>.

Ao tratar da figura do vampiro, Klaniczay fala sobre uma divergência em torno do significado desta palavra entre seu uso mais corriqueiro e o uso que fez o clérigo Montague Summers. Este evoca diversos tipos de mortos-vivos sugadores de sangue desde a Antiguidade. Klaniczay propõe para seu artigo, que o termo vampiro abarque somente o conceito de vampiro surgido na modernidade na Europa Central e nos Balcãs. Mesmo com a restrição do termo, abarca muitos outros conceitos. De acordo com o autor, o vampiro a que ele se refere foi influenciado pelas lendas dos fantasmas retornados, que abarca da *strix* da Antiguidade até mesmo o lobisomem<sup>46</sup>.

O primeiro caso reportado de vampiro ocorreu na Silésia em 1591<sup>47</sup>. Klaniczay aponta para a região dos Balcãs, principalmente as de procedência grega e eslava, como o centro desses ocorridos. No trabalho de Calmet, entretanto, observamos que os casos são relacionados à Hungria<sup>48</sup>, e a justificativa dada pelo professor consiste na proximidade geográfica dessas regiões – os ataques de vampiros ocorriam nas regiões periféricas.

---

<sup>43</sup> KLANICZAY, 1987, p. 170.

<sup>44</sup> *Idem*.

<sup>45</sup> “A ‘mágica’ de acordo com ele somente possuía realidade enquanto fraude e o ‘diabólico’ adquire existência somente na fraqueza e malignidade humanas” Cf. *Idem* [tradução livre].

<sup>46</sup> *Ibidem*, 172.

<sup>47</sup> *Idem*.

<sup>48</sup> CALMET, 1751, tomo II, p.VI.

A questão geográfica não é o ponto central do trabalho de Klaniczay, mas sim entender o motivo que levou “essa dúzia de casos de vampiros”<sup>49</sup> a atrair a atenção de toda a Europa, sendo que o mesmo não ocorreu com os muito numerosos casos de execução de bruxas que ocorreram na mesma região. Essa “explosão” dos vampiros, na opinião do autor, revela algumas preocupações essenciais do período sobre a Magia. O professor afirma que os casos de bruxas se tornaram tediosos<sup>50</sup>, e por isso o ocidente europeu voltou-se para os exóticos casos de sugadores de sangue do oriente.

O mais importante a se destacar é que estes relatos ganharam estudos desde o final do século XVII<sup>51</sup>, como por exemplo o estudo do padre jesuíta polonês Gabriel Rzączyński<sup>52</sup>, que reuniu histórias de vampiros que se passavam na Polônia. George Tallar<sup>53</sup> procurou outra explicação para os relatos de aparições e ataques de mortos-vivos. Segundo este médico húngaro, as dietas sugeridas pela Igreja Ortodoxa, especialmente no período do inverno poderia causar problemas de digestão, o que contribuía para esses relatos aumentarem<sup>54</sup>.

Mais especificamente sobre os religiosos, Klaniczay destaca o dilema enfrentado por estes quando tratam das lendas de vampiro<sup>55</sup>. A figura do morto-vivo em si já confronta o dogma da ressurreição e vai de encontro com a definição de santo. Os santos não tinham seu corpo deteriorado e cabelos e unhas continuavam crescendo mesmo após a morte<sup>56</sup>, o que eram sinais de vampirismo. Além disso, o ato de sugar sangue pode ser interpretado como uma comunhão, neste caso, uma blasfêmia contra práticas religiosas.

O professor ainda tece comentários sobre os dois mais conhecidos religiosos que escreveram sobre vampiros, o padre italiano Giuseppe Davanzati e o monge beneditino francês Augustin Calmet. O primeiro, de acordo com Klaniczay, desenvolve uma explicação tanto geográfica quanto social, pois associa os casos tanto às regiões da Morávia e da Hungria como às

---

<sup>49</sup> KLANICZAY, 1987, p. 173.

<sup>50</sup> No original: “[...] it started to become sort of boring” Cf. *Ibidem*, p. 173.

<sup>51</sup> O que significa que Dom Calmet dispunha de uma pequena, mas considerável tradição literária quando escreveu em 1746.

<sup>52</sup> *De Cruentibus Cadaverum* (1721)

<sup>53</sup> *Visum Repertum anatómico-chirurgicum von den sogenannten Vampier, oder Moroi in der Wallachei, Siebenbürgen und Banat, welche eine eigends dahin abgeordnete Untersuchungskommission der löbl* (1784).

<sup>54</sup> KLANICZAY, 1987, p. 173.

<sup>55</sup> Tal análise pode em muito auxiliar-nos em nossa análise sobre a obra de Calmet, pois sendo um religioso cristão, enfrentou dilemas semelhantes aos que enfrentaram os colegas europeus orientais.

<sup>56</sup> KLANICZAY, 1987, p. 172.

classes menos educadas, ou seja, vampirismo não acontecia nas regiões da Europa ocidental e nem entre os nobres<sup>57</sup>.

O autor então citou a visão médica<sup>58</sup>, a visão da Igreja<sup>59</sup> e o sarcasmo e racionalismo crítico de pensadores iluministas<sup>60</sup>. Há ainda uma “quarta corrente” que esteve presente nos debates sobre mortos-vivos. Esta é por ele denominada de *occult revival of the 18th century*<sup>61</sup>, que, em sua opinião, desenvolveu-se enquanto uma contracorrente ao “*mainstream* cartesiano racionalista”<sup>62</sup> que predominava na época. A literatura ligada a esta tendência buscava explorar “o oculto, o místico, o espiritual e explicações físicas para as ‘forças da fantasia humana’”<sup>63</sup>.

Klaniczay também comenta sobre a sexualização do vampiro na literatura, a qual coincidentemente ocorre no mesmo momento em que a literatura sadecana foi elaborada. A partir do século XVIII, o vampiro passa a sempre estar relacionado à sedução, muitas vezes de jovens damas que necessitam de um jovem e virtuoso herói para salvá-las. Entre as exceções podemos citar *Die Braut von Corinth* (A Noiva de Corinto) de Goethe, e *Christabel* de S. T. Coleridge e também o clássico *Carmilla* de Sheridan le Fanu. As três obras apresentam sedutoras vampiras, sendo que nos dois últimos romances as “vítimas” das incursões dessas vampiras são mulheres.

Apresentados os motivos de porque os vampiros eram atraentes da atenção e da análise, o professor busca explicar como esta atenção ajudou a diminuir a perseguição às bruxas. Vampiros, segundo o autor, apresentam outro sistema de explicações mágicas para problemas similares, lançando o debate no terreno das contradições da crença às bruxas. Contudo, apenas esta explicação não é suficiente. Klaniczay procura um meio para comparar os contextos francês e europeu centro-oriental. Ele fala da *descriminalização da bruxaria* nos dois diferentes contextos. No caso das possessões das freiras ursulinas de Loudun<sup>64</sup>, o religioso envolvido – o padre Urbain Grandier – se

---

<sup>57</sup> KLANICZAY, 1987, p. 172.

<sup>58</sup> Na figura de Gerard van Swieten.

<sup>59</sup> Principalmente o trabalho do padre Giuseppe Davanzati, mas o autor também cita alguns escritos do papa Benedito XIV sobre a incorruptibilidade do corpo, nos quais refere-se aos vampiros. Cf. KLANICZAY, 1987, p. 174.

<sup>60</sup> Um exemplo a ser citado é Voltaire e seu verbete sobre vampiros no *Dictionnaire Philosophique*. Contudo, não é a este escrito específico que o autor faz referência e sim a *Questions sur l'Encyclopedie* (1772). Cf. *Idem*.

<sup>61</sup> *Idem*.

<sup>62</sup> *Idem*.

<sup>63</sup> *Idem*. [Tradução livre].

<sup>64</sup> Em setembro de 1632 as freiras ursulinas da cidade de Loudun começaram a relatar fatos estranhos que ocorriam com elas no convento: primeiramente uma bola negra que atravessava o refeitório, depois um homem que só podia ser visto de costas. Sonhos eróticos com o padre Urbain Grandier, gritos noturnos e convulsões também estavam incluídos. Constatou-se que cada freira, incluindo a madre-superiora Jeanne des Anges, estava possuída por um demônio diferente. Algumas fontes relatam que mais de 10 padres participaram das sessões de exorcismo. Foi durante uma dessas sessões que uma das religiosas possuídas acusou o padre Grandier de ter realizado um pacto com o Diabo, o



tornou o grande culpado devido suas ditas ações libertinas<sup>65</sup>. No segundo caso, monstros sugadores de sangue<sup>66</sup>.

As fantasias que envolvem o vampirismo, de acordo com Klaniczay, são mais espetaculares do que as que envolvem as bruxas, além disso, as evidências agradavam ao empirismo<sup>67</sup>. Pode-se até mesmo destacar um processo: bruxas eram perseguidas, o que constituía um processo personalizado; em seguida, as pessoas possuídas não mais eram culpadas dos seus atos – embora pudessem ser responsáveis pela possessão, “convidando” o diabo<sup>68</sup> –, ou seja, a atenção se volta para Satã; por último, este é derrotado e a explicação passa a ser médica, devido ao contágio<sup>69</sup>. Contudo o debate sobre o papel do diabo nas ressurreições de mortos ainda foi muito debatido, principalmente em Calmet (1751).

Por fim, a figura do vampiro, em especial a do *sugador de sangue*, adquire, com as reflexões dos críticos iluministas uma conotação de metáfora social. Voltaire, no *Dictionnaire Philosophique*, classifica os mercadores, os recolhedores de impostos e os especuladores com os “vampiros da vida real”. Tal visão obteve seguidores mesmo nos países da Europa oriental, como por exemplo, a Hungria<sup>70</sup>.

## 1.2. PAUL BARBER – O PRIMEIRO “VAMPIRÓLOGO”

Uma das maiores referências sobre o morto-vivo é o professor de ecologia e biologia evolutiva da Universidade da Califórnia e pesquisador associado do Fowler Museum of Cultural

---

que teve como consequência as possessões. Após os exorcismos o padre foi preso, julgado e condenado à morte. O caso foi analisado por Michel de Certeau no livro *La Possession de Loudun* (1970), no qual inclusive, tece importantes comentários acerca da percepção da Magia e do demoníaco na modernidade.

<sup>65</sup> Importante referenciar que Urbain Grandier, o padre de Loudun, escreveu um tratado contra o celibato clerical, o que fez com que fosse mal visto por uma considerável parte da Igreja.

<sup>66</sup> KLANICZAY, 1987, pp. 176 – 177.

<sup>67</sup> Não mais o *teatro* (termo utilizado por Klaniczay e Certeau), e sim os corpos exumados. Provar a existência de um vampiro era muito mais concreto do que comprovar um caso de bruxaria ou possessão.

<sup>68</sup> Como por exemplo o caso de Jeanne des Anges, que já no final de sua vida, escreveu uma autobiografia realizando uma espécie de *mea culpa*, e se responsabilizando *também* (não excluiu a culpa de Grandier, mas colocou-se como cúmplice, mesmo não-intencionalmente) pela sua própria possessão. A madre-superiora afirmou que permitiu a entrada do demônio em seu corpo no momento em que não lutou e até mesmo aproveitou as fantasias eróticas proporcionadas pelo Diabo em seus sonhos. Cf. CERTEAU, 2005, pp. 62-66.

<sup>69</sup> KLANICZAY, 1987, p. 177.

<sup>70</sup> *Idem*.

History, da mesma instituição, Paul Barber. Em 1988 escreveu *Vampires, Burial & Death: Folklore and Reality*, obra sempre citada em trabalhos sobre o assunto. Barber, além de uma análise sobre os processos decorridos da putrefação dos corpos, também transcreve e traduz os relatos oficiais, para a língua inglesa. O pesquisador utiliza o termo *vampiro* de um modo restrito, referindo-se apenas ao *vampir* ou *upir*, de acordo com ele, o *revenant* eslavo<sup>71</sup>.

Observa-se a preocupação de Barber com a “verdade histórica”, devido a isso as figuras do vampiro literário e cinematográfico são muitas vezes satirizadas no livro por não serem fieis às definições por ele encontradas nas fontes. O autor se atém bastante à aparência que os mortos-vivos deveriam possuir de acordo com os relatos – o que é completamente diferente da figura do vampiro sedutor, mais conhecido atualmente por causa da construção cinematográfica – e com a sua maneira de agir.

No prefácio à edição de 2010, o autor deixa claro que estudiosos por muito tempo ignoraram, ou negligenciaram, os relatos sobre vampiros, o que legou estrangeiros letrados e viajantes, às principais produções sobre os mitos dos mortos-vivos<sup>72</sup>. Estas observações, de acordo com Barber, levaram ao acréscimo de muitos aspectos às crenças vampírescas que não existiam originalmente. O maior exemplo disso é a saída do túmulo: a capacidade de o vampiro se levantar, ir ao encontro da vítima, sugar o sangue, retornar ao túmulo e voltar à tumba de forma que não seja perceptível que a terra foi remexida. Este aspecto, que se tornou central nas narrativas literárias e cinematográficas, não esteve presente nos relatos.

De acordo com o biólogo, foram os estrangeiros que não compreendendo totalmente as crenças locais, associaram o ataque do vampiro à sua saída do fundo da terra<sup>73</sup>. O problema se torna maior, na opinião do autor, pois os relatores-viajantes não escrevem sobre o que viram, mas sobre “o que deduziram a partir do que eles viram, sem fazer a distinção”<sup>74</sup>. A isso o autor dá o nome de *movie construct*, ou seja, deduções feitas pelos viajantes para criar um nexos na narrativa, mas que não estavam presentes nos momentos que foram relatados originalmente.

A partir do momento em que os vampiros passaram a assustar também as pessoas do Ocidente europeu – o que ocorre já em meados do século XVII através das matérias publicadas no

---

<sup>71</sup> BARBER, 2010, p. 2.

<sup>72</sup> “Again and again, literate outsiders observed the exhumation of supposed vampires and recount the beliefs of the people who took it upon themselves to kill them. Again and again, scholars ignore or dismissed these accounts.” Cf. *Ibidem*, p.VI.

<sup>73</sup> *Ibidem*, pp.VI-VII.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. VIII. [Tradução livre]

*Le Mercure Galant* – é que religiosos se voltaram para o assunto, realocando a questão, de acordo com Barber, de um ponto de vista médico ao amplo confronto Bem *versus* Mal<sup>75</sup>.

A paz de Passarowitz, assinada em 1718, é tida pelo biólogo como um importante fator para a aproximação das partes oriental e ocidental da Europa. Esse tratado anexou partes da Sérvia e da Valáquia à Áustria, que enviou tropas de ocupação que permaneceram até 1739. É exatamente neste período em que são redigidos os relatos oficiais mais conhecidos: o caso Peter Plogojowitz e *Visum et Repertum*. Tais relatos originaram o que o autor denomina de *Vampire Craze*, uma “vampiromania”, o que na concepção do autor foi um evento de mídia precoce, no qual europeus – ocidentais – letrados entraram em contato com práticas que não eram recentes – as exumações de corpos – e as trouxeram ao público letrado<sup>76</sup>.

A história de Peter Plogojowitz, o sapateiro de Breslau, o documento *Visum et Repertum* e o vampiro de Tournefort são alguns dos relatos presentes no livro de Barber. Após cada fonte, ou extrato de fonte, o autor apresenta em tópicos algumas colocações que depois resume em quatro importante tópicos, destacando os fatores que influenciaram no surgimento de um *revenant*: Predisposição, Predestinação, Eventos e Coisas não finalizadas.

A predisposição se refere a pessoas diferentes, não populares ou aos grandes pecadores. Neste grupo dos predispostos encontram-se os alcóolatas<sup>77</sup>, os suicidas<sup>78</sup>, os feiticeiros e os excluídos da sociedade. Os predestinados podem ser reconhecidos já ao nascerem. A data de aniversário é um forte indício, ser filho ilegítimo de dois pais ilegítimos, também. Crenças mais locais acrescentavam ao grupo crianças que nasciam com dentes (Alta Silésia), nascidos com um mamilo extra (Romênia) e nascidos com o lábio inferior fendido ou com falta de cartilagem no nariz (Rússia)<sup>79</sup>.

Dentre os eventos, o mais conhecido é a mordida de um vampiro, que no folclore não era direcionada ao pescoço, mas sim ao peito<sup>80</sup>. Outros fatores são o pulo de um animal sobre o cadáver, ou o voo de um morcego e até mesmo o roubo da sombra<sup>81</sup>. O último fator, o “deixar de

---

<sup>75</sup> BARBER, 2010, p. VII.

<sup>76</sup> *Ibidem*, pp. 5-7.

<sup>77</sup> Há um caso de exumação do corpo de um alcóolatra na Rússia em 1889, mais de 100 anos após os principais fatos aqui referenciados. Cf. *Ibidem*, pp. 29 – 30.

<sup>78</sup> Há diversos casos em que a população se revoltava e militares precisavam atuar para garantir o enterro de um suicida.

<sup>79</sup> BARBER, 2010, pp. 31-32.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>81</sup> *Ibidem*, pp. 33 – 34.

fazer algo” também era motivo para um corpo voltar à vida, para resolver os “negócios não resolvidos”, ou completar uma tarefa.

Barber também fez um levantamento de práticas utilizadas para impedir a emergência de um vampiro, como por exemplo, o enterro com a face virada para baixo ou com algum objeto alocado na boca para impedir a mastigação. Algum objeto metálico afiado poderia ser colocado no caixão com o intuito de impedir o corpo de inchar ou, se houvesse movimento, prender o cadáver ao caixão<sup>82</sup>.

Nos capítulos *The Body After Dead* e *Actions and Reactions*, Barber trata mais especificamente da sua área de formação, a biologia. Os processos de decomposição são então descritos no intuito de encontrar os fatores biológicos que levaram à crença no vampiro, seu principal questionamento para desenvolver tal pesquisa. Quanto aos corpos não corrompidos, Barber afirma que isto era constatado devido à precoce abertura de túmulos, além disso, o autor ironiza que eram tidos como mortos-vivos corpos que não mudavam e corpos que se modificavam<sup>83</sup> – cabelos mais crescidos, pele trocada, unhas caídas.

Barber relaciona a coloração do corpo com a posição do corpo – com a face para cima ou para baixo – e com a temperatura ambiente, que interfere na coloração da *hipóstase cadavérica*<sup>84</sup>, de manchas mais lívidas para manchas em vermelho mais vivo<sup>85</sup>. Tal fenômeno poderia esclarecer a coloração presente nos rostos de cadáveres que foram enterrados com a face virada para baixo, o que como já comentamos, não era uma prática incomum.

O biólogo invoca a explicação de Calmet sobre a fluidez do sangue após a morte e a analisa. Muitos são os fatores que podem descoagular o sangue, dentre eles está a morte precoce, principalmente se ocasionada por concussão, eletrocutamento<sup>86</sup> ou sufocamento<sup>87</sup>. Barber lembra então, que em muitas culturas o potencial morto-vivo é a pessoa que morreu “antes do tempo”, ou

---

<sup>82</sup> Em algumas partes da Bulgária e da Macedônia, mulheres eram enterradas com foices com a justificativa de que como o trabalho da mulher nunca estaria terminado, ela não importunaria os seus parentes e habitantes da vila, mas sim ceifaria. Cf. BARBER, 2010, p. 50

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>84</sup> Quando a morte é consumada, a pressão sanguínea se anula, sendo assim, somente a força da gravidade atua sobre o sangue, o que o leva para as partes do corpo mais próximas ao solo, deixando assim manchas vermelho-arroxeadas no corpo. Tais manchas, após um certo período de tempo – entre 6 e 15 horas – se fixam na pele e não mais se modificam independentemente da posição do corpo. Cf. ZERBINI, 2013, pp. 16-18.

<sup>85</sup> BARBER, 2010, p.105.

<sup>86</sup> Na época, devido a pessoa ser atingida por um raio.

<sup>87</sup> BARBER, 2010, p. 114.

seja, por algum motivo adverso como assassinato ou acidente, como é o caso das causas de morte que acabamos de comentar.

Outros acontecimentos que são, de acordo com o autor, absolutamente normais do ponto de vista biológico e que contribuíram para a crença nos vampiros são a emersão do corpo da terra e o processo que ocorre no cadáver de uma mulher que estava grávida a fim de expelir o feto. A isso se somam o processo de *saponificação cadavérica*<sup>88</sup> e mumificação natural. Entretanto o próprio autor reconhece que devido à fluidez do sangue é evidente que o processo de mumificação não poderia ter ocorrido e não teria havido tempo hábil para se completar o processo de saponificação.

Sabendo que estes dois processos não poderiam ser a resposta completa, o autor questiona o que então ocorria para que o processo de decomposição se retardasse ou mesmo não se desenvolvesse. Barber aponta que talvez não fosse o caso de não haver sinais de putrefação, mas de estes serem compreendidos como uma evidência de vampirismo. O inchaço do corpo, presente em vários relatos, era tido como um sinal de que o morto era um *revenant*. O mesmo inchaço é um dos sinais biológicos da putrefação, como mostram Croce e Croce Júnior (2012), devido à produção de gases que incham rosto, tranco e pênis<sup>89</sup> do cadáver.

Barber não compartilha da hipótese de que uma das origens da lenda dos vampiros é o enterro prematuro – fazendo com que pessoas, que provavelmente sofriam de catalepsia, acordassem dentro de caixões, entrando assim em desespero. Para o biólogo esta não pode ser a explicação, pois demandaria que a vítima conseguisse sair do túmulo e agisse como um vampiro. Para ele os processos de putrefação e a imaginação<sup>90</sup> dos camponeses sustentam uma hipótese muito mais consistente sobre as origens da crença vampiresca.

---

<sup>88</sup> “É um processo transformativo de conservação que aparece sempre após um estágio regularmente avançado de putrefação, em que o cadáver adquire consistência untuosa, mole, como o sabão ou a cera (adipocera), às vezes quebradiça, e tonalidade amarelo-escura, exalando odor de queijo rançoso. A saponificação atinge comumente segmentos limitados do cadáver; pode, entretanto, raramente, comprometê-lo em sua totalidade. Tal processo, embora factível de individualidade, habitualmente se manifesta em cadáveres inumados coletivamente em valas comuns de grandes dimensões, como nas primeiras exumações ocorridas no Cemitério dos Inocentes de Paris.” Cf. CROCE; CROCE JR, 2012, s/p.

<sup>89</sup> A ereção também era entendida enquanto um sinal de vampirismo – o que muito auxiliou na posterior sexualização do vampiro literário. Cf. BARBER, 2010, p. 9.

<sup>90</sup> Barber insiste muito no fato de que as visitas do suposto vampiro sempre ocorriam enquanto a vítima estava dormindo. Cf. *Ibidem*, p.185.

### 1.3. OS VAMPIROS DE CLAUDE LECOUTEUX

Professor de Literatura e Civilização Germânica na Universidade de Paris IV, Claude Lecouteux escreveu um dos dois livros analisados neste primeiro capítulo que foram traduzidos para o português<sup>91</sup>, *A História dos Vampiros: Autópsia de um mito* (2005). Seu livro foi uma das leituras iniciais para se entender o que já havia sido escrito sobre vampiros e mortos-vivos na academia.

Suas indagações e colocações foram essenciais para o entendimento da figura do vampiro enquanto ser que se encontra entre a vida e a morte, uma criatura que prolonga sua vida retirando a de outras:

O vampiro faz parte da história desconhecida da humanidade, desempenha um papel e tem uma função; não brotou do nada no século XVII ou XVIII. Ele se inscreve num conjunto complexo de representações da morte e da vida, que sobreviveu até nossos dias, certamente com uma riqueza bem menor do que naquele passado distante que tendemos a confundir com séculos de obscurantismo, aquelas épocas remotas e ignorantes que baniram as Luzes da Razão<sup>92</sup>

Lecouteux se concentra nas idiossincrasias de cada região para comprovar que não há uma única lenda do vampiro, mas sim diferentes tipos de mortos-vivos vampíricos, cada qual com suas características. O autor apresenta os mortos-vivos sedutores da Polésia, região em que atuava o espírito amante, *Dux-Ljubovnik*; Polônia, onde atuava o *Latawiec*, que seduzia mulheres com seu olhar e como consequência elas definhavam e faleciam; e Romênia, onde havia a crença no *Zburator*, que se assemelhava a um sedutor rapaz alto e esbelto<sup>93</sup>.

Interessante ressaltar que Lecouteux nos mostra que o lado sedutor do *revenant* já existia mesmo antes de o poema *Der Vampyr* (1748), o primeiro texto literário sobre vampiros, ser escrito por Heinrich August Ossenfelder. A história, narrada pelo vampiro, conta como o morto-vivo aspira seduzir uma jovem cristã<sup>94</sup>.

O professor de literatura resgata lendas datadas da época medieval, resultado de um trabalho anterior denominado *Fantômes et Revenants au Moyen Âge* (1987), para comprovar que

<sup>91</sup> O outro é a *Enciclopédia dos Vampiros* de J. Gordon Melton.

<sup>92</sup> LECOUTEUX, 2005, p. 15.

<sup>93</sup> *Ibidem*, pp. 59-60.

<sup>94</sup> ARGEL & MOURA NETO, 2008, pp. 21-22.

o vampiro não foi simplesmente criado entre o final do século XVII e o começo do século XVIII, mas sim era parte de um conjunto de lendas, datadas desde a Antiguidade que se modificou ao longo do tempo – devido ao intercâmbio de relatos e do sucesso literário – e acabou por se concentrar em uma só figura.

O autor se preocupa em trazer para o leitor o máximo de informações sobre as lendas de cada região. Ao tratar da Romênia, os modos de tornar-se um vampiro são descritos em detalhes. Desde animais que pulam sobre o corpo do cadáver aos nascidos com rabo. Neste grupo também se incluem homens ruivos, irmãos cuja data de nascimento é no mesmo mês, homens que são o sétimo filho de uma família que só possui filhos homens, aqueles que foram lobisomens enquanto vivos, aqueles que nunca comeram alho, malfeitores, enforcados, enterrados ao pôr-do-sol e aqueles que foram destinados ao diabo<sup>95</sup>.

Lecouteux faz uma crítica a Calmet quanto à nomenclatura utilizada pelo monge, justamente por ele nomear quase todos os mortos-vivos cujos relatos estão presentes em sua dissertação, de vampiros. Lecouteux apresenta um relato sobre uma vila que estava sendo perturbada por um morto que se levantava do túmulo todas as noites – mas não sugava sangue –, até que chegou à vila um viajante húngaro que resolveu o problema. Lecouteux conclui então, que possivelmente, a palavra vampiro inicialmente designava também os fantasmas para depois tornar-se exclusiva aos sugadores de sangue<sup>96</sup>. Além disso, muitos termos eslavos que designavam fantasmas foram traduzidos para vampiro.

Voltando-se para a Idade Média, período tratado em seus trabalhos anteriores, o autor relembra as crenças que relacionavam a ação do cadáver à revelação do assassino, por exemplo, acreditar que um defunto sangraria na presença de seu assassino, ou que ao se amarrar o cadáver ao suspeito a culpa seria confirmada se este fosse devorado por aquele<sup>97</sup>.

Importante ressaltar que para o autor o vampirismo não se reduz apenas ao ato de sugar o sangue<sup>98</sup> e para demonstrar isso ele relaciona o *nonicida* alemão com a história de Peter Plogojowitz. Os dois eram mortos mastigadores. Como mostra o nome, o *nonicida* fazia nove vítimas, o mesmo ocorreu com Plogojowitz. Além disso, neste caso em especial, as primeiras

---

<sup>95</sup> LECOUTEUX, 2005, pp. 68-70.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 89.

peessoas que relataram terem sido visitadas por ele não o acusaram de tê-las sugado, mas sim de tentar estrangulá-las.

Feitas essas conexões, Lecouteux discorre um pouco mais sobre os estranguladores e os mastigadores. Os primeiros são considerados vampiros, mesmo que sua natureza sanguessuga não seja evocada, entretanto, seus corpos são encontrados em caixões cheios de sangue. Os segundos são mais conhecidos, “o mastigador é um vampiro passivo, já que não deixa sua sepultura, provocando mortes à distância, por ‘simpatia’ mágica: como ele se devora ou engole seu sudário, seus parentes falecem”<sup>99</sup>. Os primeiros relatos sobre estes seres datam do século XV e em muito influenciaram as lendas de vampiros. Martinho Lutero também escreveu sobre os mastigadores, afirmando que estes eram uma ilusão diabólica.

Lecouteux nos apresenta um relato de 1665, em que um coveiro da Silésia foi interrogado pelas autoridades sobre como ele reconhecia túmulos suspeitos de abrigarem mortos-vivos mesmo antes de abri-los. O homem respondeu que havia uma erva que quando ele consumia o permitia identificar túmulos suspeitos. A confirmação da suspeita vinha com a abertura do túmulo e a constatação de que o corpo não estava corrompido, com pele e unhas novas e mergulhado em sangue<sup>100</sup>.

O autor faz uma breve reflexão sobre a importância do sangue como substância vital para a vida do vampiro, principalmente o vampiro da literatura, que pode até mesmo morrer se não se alimentar, logo, o sangue é a maldição do vampiro<sup>101</sup>. Lecouteux encerra seu livro afirmando que “o mito moderno do vampiro desemboca numa reflexão sobre a vida, a morte, o amor, três polos essenciais de nossa humanidade”<sup>102</sup>.

O autor traz no apêndice as transcrições e traduções de *Visum et Repertum, Sagen aus Breslau's Vorzeit* e um texto de autoria de Martin Weinreich publicado no *Schlesisches Labyrinth*. Os três apresentam histórias sobre mortos-vivos. O primeiro e o último relatam ataques de vampiros, e o segundo é a já citada história sobre o fantasma que saía do túmulo todas as noites para incomodar a população da vila.

---

<sup>99</sup> LECOUTEUX, 2005, p. 94.

<sup>100</sup> *Ibidem*, pp. 135 – 136.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 177.



#### 1.4. KOEN VERMEIR – VAMPIROS E A IMAGINAÇÃO

Historiador especializado em história da imaginação no período moderno, o francês Koen Vermeir, é autor de dois textos que tratam mais especificamente sobre os vampiros: *Vampirisme, Corps Mastiquants et Force de l’Imagination: Analyse des premiers traites sur les vampires (1659 – 1755)* (2010) e *Vampires as Creatures of the Imagination: Theories of body, soul, and imagination in early modern vampire tracts (1659 – 1755)* (2012).

Sua abordagem não trata da cultura da Europa oriental. O autor anseia compreender como esses casos sobrenaturais foram vistos pela medicina, pela teologia e pela filosofia ocidental. Utilizando como fontes escritos produzidos na França e no Sacro Império Romano-Germânico, Vermeir pretende demonstrar que os vampiros eram considerados uma *doença da imaginação*<sup>103</sup>:

L’ambiguïté de la notion d’imagination permettait à ces théoriciens de négocier et de dépasser les frontières entre le corps et l’âme, entre le matériel et le spirituel, entre la vie et la mort. L’imagination était en réalité convoquée selon des registres différents par ces auteurs, ce qui permet de présenter un échantillon tout à fait saisissant des conceptions de maladies de l’imagination au début de l’ère moderne.<sup>104</sup>

O autor inicia os dois artigos citando o mesmo acontecimento: a descoberta do antropólogo Matteo Borrini, que no norte da Itália encontrou restos mortais de uma “vampira”, a qual, descobriu-se, foi enterrada em 1576<sup>105</sup>. O fato de ela ter sido considerada uma vampira<sup>106</sup> foi explicitado pela pedra que foi colocada em sua boca. No final do século XVI os vampiros ainda não eram sugadores de sangue, mas sim mastigadores<sup>107</sup>, ou seja, mastigavam suas vestes ou a mortalha, ou até mesmo partes de seus corpos, o que, dizia-se, ocasionava na morte dos parentes próximos.<sup>108</sup>

---

<sup>103</sup> VERMEIR, 2010, p. 2.

<sup>104</sup> “A ambiguidade da noção de imaginação permitia a esses teóricos negociar e ultrapassar as fronteiras entre o corpo e a alma, entre o material e o espiritual, entre a vida e a morte. A imaginação era na realidade convocada segundo diferentes registros por esses autores, permitindo apresentar uma amostra surpreendente das concepções de doenças da imaginação no começo da era moderna”. Cf. *Idem* [tradução livre].

<sup>105</sup> Ano em que ocorreu uma grande praga na região de Lazzaretto Nuovo. Cf. VERMEIR, 2012, p. 341.

<sup>106</sup> Ou mais corretamente, uma mastigadora.

<sup>107</sup> Assim como relatou Des Noyers em suas cartas à rainha da Polônia em 1659 e igualmente trabalhou Michael Ranft em 1728 no seu *De Masticatione Mortuorum in Tumulis*.

<sup>108</sup> VERMEIR, 2010, p. 1.

Mastigadores estavam, segundo o autor, relacionados às histórias de vampiros. A imaginação tem um papel fundamental para as explicações. Vermeir (2012) firma que enquanto certos pesquisadores acreditavam que, através da imaginação, a vítima se auto afligia, outros acreditavam que a imaginação do corpo, mesmo já morto, fazia com que o cadáver expelisse “noxious vapours or even a semi-corporeal avatar that could kill specific surviving relatives”<sup>109</sup>.

Vermeir discorre sobre o termo vampiro e critica David Keyworth<sup>110</sup> que define o vampiro como uma criatura que possui sede de sangue, logo os mastigadores não poderiam ser considerados enquanto tal. O pesquisador francês não concorda com este uso, pois o considera muito “rudimentar e gratuito”<sup>111</sup>, visto que o próprio vampiro recebeu influências de muitas outras criaturas folclóricas<sup>112</sup>. Além disso, ele percebe uma continuidade desde os mastigadores até o vampiro literário. Sua solução para a querela da nomenclatura é então utilizar as categorias utilizadas pelos autores<sup>113</sup>, e não tentar restringir um termo tão plural<sup>114</sup>.

O pesquisador francês discorre sobre as diferentes interpretações e teorias sobre o vampiro nos séculos XVII e XVIII. O vampiro, de acordo com ele, “constituía um conjunto de problemas para a filosofia natural, a teologia e a medicina”<sup>115</sup>. Essa lenda mexia com os conceitos de vida e morte, com os dogmas religiosos da vida após a morte e da ressurreição, com a relação entre corpo e espírito e também com a relação entre imaginação, doença e moral<sup>116</sup>.

Falando sobre uma cronologia da introdução do vampiro na França, o secretário Pierre Des Noyers foi o primeiro a introduzir o termo *Upior*, através de uma carta escrita à rainha da Polônia, Marie Louise de Gonzague. O secretário comenta sobre uma *Maladie Ukranienne*<sup>117</sup>, cuja definição é exatamente a mesma dos mastigadores<sup>118</sup>, sem nenhuma citação sobre sugar sangue. Quando constatado um *Upior*, este era decapitado.

<sup>109</sup> “Vapores nocivos ou até mesmo um avatar semi-corporal que poderia matar parentes vivos específicos”. Cf. VERMEIR, 2012, p. 343.

<sup>110</sup> Autor americano com alguns artigos e livros sobre vampirismo.

<sup>111</sup> VERMEIR, 2010, p. 2 [tradução livre].

<sup>112</sup> Como o *Lamia* grego, a *Strige* romena e o também grego *Vrykolakas*. Cf. *Idem*.

<sup>113</sup> *Idem*.

<sup>114</sup> Muitas são as criaturas folclóricas e literárias que podem ser denominadas de *vampiros*. O livro *Universo dos Vampiros*, publicado pela Masdras Editora, reúne diversas lendas ao redor do mundo e em várias épocas sobre criaturas que podem ser classificadas enquanto vampiros: mastigadores, sugadores de sangue, sugadores de energia...

<sup>115</sup> VERMEIR, 2010, p. 4.

<sup>116</sup> *Idem*.

<sup>117</sup> Em tradução livre: Doença ucraniana.

<sup>118</sup> Cf. VERMEIR, 2010, p. 4.

A primeira menção a sugadores de sangue, de acordo com o autor, foi feita em 1693 por Claude Comiers<sup>119</sup>, em um artigo para o periódico francês, *Le Mercure Galant*, intitulado *La Baguette Justifiée*. Comiers justificava a grande quantidade de sangue vista nos cadáveres pelo fato de estes sugarem sangue. Ele também planejava, segundo Vermeir, escrever um trabalho de medicina, explicando as causas naturais de muitos temas da medicina e da filosofia oculta, e também os ataques de vampiros, mas infelizmente o canônico faleceu antes de poder realizar seu projeto<sup>120</sup>.

No mesmo ano da publicação de Comiers, Des Noyers publica outra carta, dessa vez no mesmo periódico que o canônico. A argumentação permaneceu quase igual à da carta de 1659, com algumas exceções: além de mastigar, os vampiros também sugavam sangue; entre meio-dia e meia-noite um demônio saía do corpo do cadáver em busca dos parentes do falecido para lhes sugar o sangue; após estar saciado o demônio voltava para o cadáver com uma quantidade tão grande de sangue que saía pelos orifícios do corpo – como muitas vezes aparece em relatos sobre vampiros sendo descoberto<sup>121</sup>.

Nota-se, portanto, de acordo com Vermeir, que entre 1659 e 1693, o vampirismo transmutou-se de uma doença natural para um fenômeno demoníaco, de mastigador para sugador de sangue. Até mesmo foi criado um remédio para proteção contra o vampiro: pão feito com trigo misturado com o sangue do suposto vampiro. Calmet (1751) comenta bastante sobre estas práticas e discute sobre o “lado demoníaco” do vampiro e a influência de Satã sobre corpos de pessoas mortas.

Ainda no *Le Mercure Galant*, Marigner, advogado no parlamento de Paris, também se envolveu com o tema, publicando um artigo em duas partes: *Sur Les Créatures des Eléments* e *Sur les Stryges de Russy*. Neste artigo foi estruturado um esquema de sobre os seres vivos que apenas permitia 64 espécies destes, logo os seres fantásticos não poderiam ter lugar neste mundo. Não possuindo um lugar, as aparições dos mesmos só poderiam ser frutos da imaginação<sup>122</sup>: “ou bien

---

<sup>119</sup> Canônico da catedral de Émbrun e professor de matemática em Paris. Cf. VERMEIR, 2010, p. 5.

<sup>120</sup> *Idem*.

<sup>121</sup> VERMEIR, 2010, p. 5.

<sup>122</sup> A imaginação não possuía uma conotação apenas de algo falso, um truque da mente. A imaginação tinha o poder de tornar certas coisas reais, a exemplo do que Marigner fala sobre as mães. Outro exemplo é Michael Ranft, que em *De Masticatione Mortuorum in Tumulis* (1728), considera que mesmo após a morte a imaginação do morto podia fazer mal a outras pessoas, o que é uma possível explicação levantada por Ranft para as aflições sofridas pelos parentes dos ditos mastigadores.

eles sont inventées, produits d’une imagination poétique, ou bien eles sont réelles, créatures monstrueuses nées d’une mère dotée d’une imagination perverse”<sup>123</sup>.

Entretanto, o vampiro não foi tratado como uma criatura fantástica e sim uma das “64 criaturas”. Marigner classificou os mortos-vivos sugadores de sangue na categoria dos demônios ou almas condenadas<sup>124</sup>. O vampirismo, para ele, era “une punition divine particulièrement bien adaptée aux populations primitives et superstitieuses de Pologne et de Russie”<sup>125</sup>. Devemos lembrar que mesmo já havendo passado muitos anos do Grande Cisma das Igrejas de 1054, ainda havia muita rivalidade, o que será mais visível em Calmet (1751), visto sua posição eclesiástica.

Vermeir afirma que, para Marigner, os vampiros atacam seus parentes como um aviso para que estes abandonem a vida de pecado que levavam. Caso estes não se corrigissem, ao morrerem, graças à imaginação depravada, se tornariam vampiros. Logo, na interpretação do advogado, o vampirismo é tanto uma doença física quanto moral<sup>126</sup>.

O pesquisador francês faz uma comparação entre Marigner e o filósofo alemão Michael Ranft, autor de *De Masticatione Mortorum in Tumulis* (1728). Dissertação defendida na Universidade de Leipzig, esta obra de Ranft discute os poderes da imaginação. Para o filósofo, nem Deus nem o Diabo estavam relacionados aos casos de vampirismo. Este deveria ser atribuído às forças ocultas da natureza<sup>127</sup>.

Negava que os vampiros sugassem sangue ou mastigassem suas vestes ou partes do corpo. Os efeitos percebidos durante a exumação foram por ele justificados pela putrefação. Contudo, o filósofo não negava que havia sim uma influência maléfica dos ditos vampiros na vida dos vivos<sup>128</sup>. A imaginação era tida por ele como uma força poderosa, principalmente quando relacionada ao medo, sendo que poderia até mesmo afligir doenças na pessoa assustada<sup>129</sup>. Entretanto, Ranft não acreditava que a imaginação se extinguia no momento da morte, mas sim permanecia ativa durante algum tempo, o que explicava as aflições sofridas pelos vivos<sup>130</sup>.

---

<sup>123</sup> “ou bem elas [as criaturas] são inventadas, produtos de uma imaginação poética, ou bem elas são reais, criaturas monstruosas nascidas de uma mãe dotada de uma imaginação perversa”. Cf. VERMEIR, 2010, p. 7 [tradução livre].

<sup>124</sup> VERMEIR, 2010, p. 7.

<sup>125</sup> “uma punição divina particularmente bem adaptada às populações primitivas e supersticiosas da Polônia e da Rússia” Cf. *Idem* [tradução livre].

<sup>126</sup> VERMEIR, 2010, p. 9.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>128</sup> *Idem*.

<sup>129</sup> Uma teoria que é muito trabalhada por Calmet (1751).

<sup>130</sup> VERMEIR, 2010, p. 11.

O vampiro transmutou-se ao longo da modernidade, adquirindo e perdendo características. Essas criaturas se encontravam nos limites do que era aceitável pelos discursos médico, filosófico e teológico<sup>131</sup>. Observamos também um grande papel dado pelos autores da época à imaginação, papel este que não é citado por Calmet em sua dissertação, nem por outros escritores iluministas e racionalistas<sup>132</sup>. Ainda que o padre francês a mencione, não faz referência clara aos pensadores que escreveram anteriormente, embora cite suas teorias. Se por um lado ignora o papel que era dado a imaginação do morto, Calmet reforça que a imaginação da vítima poderia ser, sim, responsável por sua condição<sup>133</sup>.

## 1.5. BIBLIOGRAFIA NORTE-AMERICANA

Tendo em vista o escasso número de autores que tratam da temática do medo dos mortos-vivos, é de chamar a atenção que entre estes destaquem-se os norte-americanos. Seleccionamos os dois autores mais destacados, um por seus trabalhos acadêmicos, Thomas J. Garza, e outro por ter escrito o *best-seller* mundial, mas que não deixa a desejar na parte relativa à pesquisa, *A Enciclopédia dos Vampiros*, John Gordon Melton.

O livro organizado pelo professor Thomas J. Garza<sup>134</sup> é um compêndio de textos históricos, trabalhos acadêmicos de diferentes autores e textos literários, com o intuito de criar um portfólio sobre a experiência ocidental com vampiros em geral e o contexto eslavo e euro-oriental em particular. Além dos relatos, que já apareceram nas obras de Paul Barber e Claude Lecouteux, Garza apresenta-nos os ditos “vampiros da vida real”, Vlad Tepes e Elizabeth Bathory, que embora não tendo sido eslavos, sua proximidade geográfica, na opinião do autor, influenciou as lendas<sup>135</sup>.

Primeiramente o professor reúne definições de vampiros presentes em diferentes dicionários e enciclopédias para depois introduzir textos de diversos autores procurando salientar

---

<sup>131</sup> VERMEIR, 2012, p. 371.

<sup>132</sup> VERMEIR, 2010, p. 11.

<sup>133</sup> VERMEIR, 2012, p. 372.

<sup>134</sup> Thomas Jesús Garza é professor associado de estudos eslavos e euroasiáticos na Universidade do Texas. Garza realiza pesquisas com ênfase nas áreas de linguagem e literatura russa, pedagogia de língua estrangeira e cultura da Rússia contemporânea. O livro aqui analisado nasceu de um curso que o professor ofertava desde 1997, sobre o vampiro nas culturas eslavas.

<sup>135</sup> GARZA, 2010, p. 1.

as diferentes concepções e interpretações para as lendas de mortos-vivos, além de considerações sobre os termos que originaram a palavra *vampiro*. Destacaremos aqui os textos que considerarmos mais relevantes para a compreensão do tema.

O Folclorista Dudley Wright em *What is a Vampire?* destaca o medo da morte repentina entre os Valáquios e como este medo está ligado aos vampiros. A transformação em um morto-vivo é rápida e nada pode salvar a vítima deste destino<sup>136</sup>. Sobre as origens do mito, o autor afirma que há referências aos sugadores de sangue em tabletes assírios e que entre os romanos pagãos havia a crença na ressurreição do corpo através dos feiticeiros, sendo que a solução para a “segunda morte” era a cremação<sup>137</sup>.

Pesquisador do paranormal e autor de diversos livros de ficção e não-ficção sobre o assunto, Brad Steiger traz casos de vampiros da vida real na Itália e na Inglaterra. Vincent Verzini, que atuou entre 1867 e 1871, e John George Haigh (1909 – 1949) eram assassinos que atacavam suas vítimas com mordidas na garganta<sup>138</sup>.

O pesquisador sobre o folclore estônio Felix Oinas, realiza interessantes ligações entre os hereges e os vampiros. A ligação destes dois foi tão grande na Rússia, que a primeira palavra passou a ser sinônima da segunda, fazendo com que o termo *Upyr* caísse em desuso. O autor esclarece esta relação lembrando que para a igreja ortodoxa os corpos dos hereges e pecadores não se decompunha, diferentemente da crença apostólica romana, segundo a qual os corpos dos santos eram incorruptíveis<sup>139</sup>.

Em *Vampirism: Old World Folklore* os professores Raymond MacNelly e Radu Florescu<sup>140</sup>, fazem um panorama histórico sobre os vampiros. Os autores remetem as lendas da Babilônia e Egito, Grécia, Roma e China. Segundo os professores, a crença no vampiro é universal, pois é acordado que o sangue é vida<sup>141</sup>. A primeira criatura sobrenatural destacada é a *Lamiae*, uma mulher-demônio da Grécia Antiga que seduzia homens para beber seu sangue e se alimentar de suas carnes.

---

<sup>136</sup> WRIGHT, 2010, p. 16.

<sup>137</sup> *Ibidem*, pp. 16 – 17.

<sup>138</sup> STEIGER, 2010, pp. 25 – 26.

<sup>139</sup> OINAS, 2010, pp. 35 – 36.

<sup>140</sup> Ambos, já falecidos, foram professores no *Boston College*, MacNelly na área de história do leste europeu e Florescu como professor emérito de História. Os dois escreveram uma série de artigos e livros juntos, sendo a maioria sobre a temática dos vampiros.

<sup>141</sup> FLORESCU & MACNELLY, 2010, p. 41.

Lilith, a primeira mulher da história, de acordo com uma antiga crença semita, também é citada pelos autores. Anterior a Eva, Lilith teria sido desobediente a Adão e recusava-se a se submeter à sua autoridade. Abandonando o paraíso, três anjos suplicam sua volta e ao verem sua recusa matam seus filhos e a transformam em um “monstro que vagueia à noite”<sup>142</sup>. Lilith então jura matar todos os filhos de Adão e Eva como vingança. Partindo do princípio que toda a humanidade descende dos dois primeiros humanos, todos deveriam temer a mulher-demônio<sup>143</sup>.

Sobre a relação do Drácula da vida real<sup>144</sup> com o Drácula ficcional, os autores consideram a conversão de Vlad, o Empalador, à fé católica romana como um ponto vital para que ocorresse sua ligação com a figura do vampiro. A conversão à fé católica romana era vista como heresia, e como vimos com Oinas (2010), isso significava que o corpo de Vlad seria incorruptível, o que era um pré-requisito para a transformação em vampiro<sup>145</sup>.

Os capítulos de James Frazer, *The Need of Fire* e de Linda Ivanits, ‘*Spoiling*’ and ‘*Healing*’ investigam o folclore da região dos Balcãs, em especial sobre a crença nas bruxas e feiticeiras, a qual, na opinião do organizador ajudou a consolidar a lenda do vampiro. Rosemary E. Guiley, *Tlahuelpuchi*; e Thomas Garza, *Sirin*, comentam sobre outros tipos de vampiros que não conhecemos através da literatura.

David Keyworth, outro autor com diversas publicações sobre a temática dos vampiros, realiza, no artigo intitulado *Lycanthropy and the Undead Corpse*, uma ligação entre as lendas de lobisomem<sup>146</sup> e as lendas de vampiro. O pesquisador norte-americano cita alguns casos históricos de licantropia, como por exemplo, o de Pierre Bourgot, condenado à fogueira em 1521 por ser um lobisomem, como relatado por Jean Bodin em *Demonomanie des Sorciers*<sup>147</sup>.

Muitos dos capítulos do livro organizado por Garza são retirados da *Enciclopédia dos Vampiros*, de J. Gordon Melton, portanto os trataremos separadamente, juntamente às considerações sobre esta obra.

---

<sup>142</sup> Os autores utilizam o termo *night-roaming monster*.

<sup>143</sup> FLORESÇU & MACNALLY, 2010, pp. 41 – 42.

<sup>144</sup> Aqui os autores se referem a Vlad III, Príncipe da Valáquia, mais conhecido como Vlad, O Empalador, filho de Vlad II, ou Vlad Dracul, que ganhou essa alcunha ao entrar para a ordem do dragão.

<sup>145</sup> FLORESÇU & MACNALLY, 2010, p. 43.

<sup>146</sup> A figura do lobisomem é importante pois eram tidos como predadores do *Vrykolakas* (vampiro grego), além disso acreditava-se que homens que fossem lobisomens em vida seriam vampiros após a morte.

<sup>147</sup> KEYWORTH, 2010, p. 107.

Talvez o livro mais popular desta lista, a *Enciclopédia dos Vampiros*, de J. Gordon Melton<sup>148</sup> ganhou traduções e foi vendida em diferentes países. Na edição brasileira de 2008, foi adicionado no início da obra um texto de Martin V. Riccardo<sup>149</sup>, sobre o qual também comentaremos aqui. Não sendo possível, nem relevante comentar todos os verbetes, visto que em sua maioria tratam do vampiro literário e cinematográfico, selecionamos dois que mais se aproximam de nossa pesquisa e que podem auxiliar na análise que realizamos do livro de Calmet (1751). Trata-se dos verbetes *Bruxaria e Vampiros* e *Vampiros na França*.

Riccardo escreveu o texto *Breve História Cultural dos Vampiros*, incluído na *Enciclopédia* como prefácio. Nele, comenta sobre as crenças em mortos sugadores de sangue desde a Antiguidade, contudo, afirma que foi somente na modernidade, na Europa oriental, que estas criaturas se integraram “aos sistemas de crenças culturais”<sup>150</sup>. O autor também tece comentários sobre o caso de Arnod Paole, o responsável por introduzir o termo *vampire* – ou *vampyre* – na língua inglesa.

Procurando os vários tipos de vampiros e representações dos mesmos em diferentes localidades e temporalidades, Melton analisa diversos países em todos os continentes. Tecendo comentários sobre relatos, estudos, romances, poemas, jogos, filmes e histórias em quadrinhos, o autor produziu um dos mais extensos catálogos sobre histórias e principalmente produtos culturais relacionados aos “filhos da noite”.

O verbete *Bruxaria e Vampiros*, procura demonstrar o quanto as duas personagens folclóricas estiveram ligadas. Melton comenta sobre dois intelectuais da modernidade, o frei grego Leo Allatius e o padre jesuíta francês François Richard. Seus trabalhos tiveram como efeito a ligação entre o vampirismo e a bruxaria. Richard utiliza passagens do *Malleus Malleficarum*, publicado em 1487, com tal propósito. De acordo com esta obra, para um caso de bruxaria ser considerado deveria coincidir três elementos: o Diabo, a bruxa e a permissão de Deus. Já para os vampiros, alterava-se um dos elementos o diabo, o *cadáver* e a permissão divina<sup>151</sup>.

O verbete *Vampiros na França* discorre sobre Dom Calmet e o reconhecimento que ele tinha devido aos trabalhos sobre interpretação da Bíblia. Sua *Dissertation sur les apparitions des anges, des demons et des esprits, et sur les revenans et vampires de Hongrie, de Bohême, de*

<sup>148</sup> Pesquisador sobre os vampiros, fundou em 1977 um periódico sobre estas criaturas denominado *Journal of Vampirism*.

<sup>149</sup> Fundador da *Vampire Studies Society*, escreveu um bom número de obras com a temática vampiresca.

<sup>150</sup> RICCARDO, 2008, p. IX.

<sup>151</sup> MELTON, 2008, p. 49.



*Moravie et de Silésie* (1746), foi recebida, de acordo com Melton, com grande desprezo por boa parte dos intelectuais da época. Voltaire e Diderot publicaram opiniões sarcásticas sobre a obra do padre francês. O único pensador que defendeu a metodologia utilizada por Calmet – o empirismo e sua abordagem racionalista perante as evidências – foi, de acordo com Melton, Jean-Jacques Rousseau<sup>152</sup>.

Como vimos, o tema dos mortos-vivos e dos sugadores de sangue ainda é pouco usual na escrita historiográfica. Suas lendas de origem estão entre os assuntos mais explorados. Klaniczay (1987) investiga o processo histórico no qual o discurso racionalista se sobrepôs ao que então foi denominado pejorativamente como credices populares. Com forte referência nos estudos biológicos, Barber (2010) busca explicações principalmente nos processos de decomposição da matéria. Lecouteux (2005) apresenta uma maior preocupação com diferenças – mesmo que pequenas – entre as lendas de diferentes regiões. Vermeir, em seus dois trabalhos, analisa o problema da imaginação, questão que era de grande importância no momento em que Calmet escreveu e que é essencial para a compreensão de sua obra. A recente bibliografia norte-americana que se concentra no estado do Texas<sup>153</sup>, analisa mais as representações daquelas criaturas, presentes na produção cultural, especialmente filmes, livros e quadrinhos. A maior influência destes pesquisadores estadunidenses é o trabalho de Radu Florescu e Raymond MacNelly, *In The Search of Dracula* (publicado pela primeira vez em 1975), no qual os pesquisadores relatam sua viagem à Romênia em busca das origens do mito do vampiro de Stoker, e o ligam à personagem histórica de Vlad, o Empalador.

Mesmo que recorrentemente se cite a obra de Calmet, procurando relacionar sua metodologia à dos iluministas, pouco se explorou sobre suas considerações acerca da Magia, das aparições de espíritos e dos vampiros. Para isso, é necessário considerar o contexto em que o beneditino viveu, em especial os modos como o sobrenatural era abordado num contexto racionalista e empirista. Keith Thomas (1991) e Julio Caro Baroja (1971), com suas considerações sobre a Magia na Modernidade, serão de grande ajuda neste estudo.

---

<sup>152</sup> Sobre esse assunto, Stu Burns (2008) apresenta algumas conclusões um pouco diferentes. Mesmo que Rousseau não tenha sido irônico em relação ao trabalho de Calmet, nem o tenha criticado pelo tema escolhido, Burns afirma que ele fez sim uma crítica ao trabalho do padre francês, na medida em que testemunhas, mesmo calmas, podem conceder testemunhos errôneos. Cf. BURNS, 2008, p. 7; p. 10.

<sup>153</sup> Tanto na *University of Texas* como no *North Central Texas College*. Este último abrigará, em outubro de 2015, um evento sobre a vida de pesquisadores de vampiros.

## 2. OS VAMPIROS DOS BÁLCÃS

*Listen to them, the children of the night. What music they make*<sup>154</sup>

No longo intervalo de tempo entre os séculos XIV e XVII surgiram muitos tratados e estudos sobre a Magia e sobre bruxaria. No final do século XVII os processos sobre bruxaria declinaram, especialmente no norte europeu, parte disso deveu-se às leis promulgadas durante este período que visavam o fim da perseguição às pessoas acusadas<sup>155</sup>. Contudo é importante também ressaltar a mudança na mentalidade da época no que concerne à magia, ao que era considerado natural e o que era tido enquanto obra de Deus, de Satã ou do homem.

Neste segundo capítulo, portanto, pretendemos primeiramente traçar um quadro analítico sobre a Magia e sua percepção na modernidade. Para isso privilegiamos os estudos de Baroja (1971), Klaniczay (1987) e Keith Thomas (1991) juntamente as considerações e percepções de Michel de Certeau (2005). Feitas essas primeiras considerações a partir da historiografia, analisaremos o contexto político europeu centro-oriental, para entender sua articulação com os relatos e estudos sobre os mortos-vivos sugadores ou não de sangue, que surgiram antes da publicação da obra de Dom Calmet (1751).

Falar sobre as percepções modernas sobre a Magia e o conceito de *natural* em um estudo sobre um pensador religioso que escreveu sobre fantasmas e vampiros se faz necessário, pois é preciso compreender os argumentos de uma extensa literatura à qual teve acesso. Nas crenças e nos estudos sobre vampiros podemos observar alguns elementos pertencentes ao contexto histórico como a secularização, o empirismo e o conceito cartesiano de matéria, por exemplo.

### 2.1. SOBRE A MAGIA E O SOBRENATURAL

Em *As Bruxas e o seu Mundo* (publicado originalmente em 1961), Julio Caro Baroja demonstra a marginalidade da magia desde a Antiguidade. Platão já a condenava<sup>156</sup>. Contudo, essa

---

<sup>154</sup> STOKER, 1897, p. 17.

<sup>155</sup> Como visto em Klaniczay (1987).

<sup>156</sup> BAROJA, 1971, pp. 41 – 42.

marginalidade era relativa, “de facto, magia e religião estiveram mais intimamente ligadas do que a maior parte dos tratados diz”<sup>157</sup>. Havia uma distinção entre magia e religião que não é nem um pouco sólida. As categorias e definições foram alteradas em vários momentos através dos séculos, especialmente se analisarmos a história do cristianismo.

Foi com a ascensão do cristianismo que “as religiões pagãs foram, pois, desnaturadas para melhor fazer delas meras reproduções do mal”<sup>158</sup>. Assim instituiu-se uma divisão entre magia e religião ditada pelo poder religioso. Após o triunfo da religião cristã, de acordo com Baroja, as crenças passaram a ser classificadas não somente entre verdadeiras e falsas, mas também entre superiores e inferiores<sup>159</sup>.

Foi durante a Idade Média que os estudos sobre o mundo da magia e também sobre os poderes do demônio se fortaleceram. Uma obra que ganhou muitas reedições foi *Directorium Inquisitorum* de 1376. Seu autor, Nicholas Eymerich (no catalão: Nicolau Aymerich), classificou as bruxas e os bruxos em três categorias: os que prestavam culto idólatrico ao demônio, incluindo oferendas e sacrifícios; os que misturavam crenças cristãs às demoníacas, mas rogavam aos demônios a interseção com Deus; e aqueles que invocavam o demônio com ajuda de figuras mágicas<sup>160</sup>.

Outra importante obra medieval é o *Malleus Maleficarum* (1497)<sup>161</sup>, um grande manual para inquisidores contendo informações sobre como identificar, quais os malefícios e como proceder juridicamente em relação às bruxas. Para Baroja, “a primeira parte [desta obra quatrocentista] afirma que é necessário acreditar na acção das ‘maleficas’ (no feminino) e na sua colaboração com o Demônio, que é o único que pode realizar malefícios”<sup>162</sup>. Essa obra exerceu um grande impacto no contexto de perseguição às bruxas.

Ressalta nessas duas obras a culpabilização da bruxa. O pacto com o diabo é voluntário, semelhante às cerimônias de Investiduras<sup>163</sup>. As rés dos processos eram julgadas por terem conscientemente compactuado com o demônio no intuito de causar malefício a alguém. Esta

---

<sup>157</sup> BAROJA, 1971, p. 44.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>160</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>161</sup> Traduzido no Brasil como “Martelo das Bruxas”.

<sup>162</sup> BAROJA, 1971, p. 134.

<sup>163</sup> *Ibidem*, p. 135.

mentalidade, principalmente no que diz respeito à *responsabilidade* do ato, modificou-se ao longo dos séculos, mas trataremos disso melhor adiante.

Antes de discorrer sobre as mudanças na percepção da culpa, devemos atentar para algumas considerações de Keith Thomas em seu livro *Religião e o Declínio da Magia* (publicado originalmente em 1971) que, embora trate especificamente do contexto inglês, apresenta muitas reflexões sobre as mudanças, nos âmbitos intelectual e popular, no que concerne às definições, percepções e estudos sobre a Magia em um contexto mais geral.

Essas crenças possuíam, de acordo com Thomas, faces sociais e intelectuais, sendo que uma das principais características era “a preocupação com a explicação e o mitigamento do infortúnio humano”<sup>164</sup>. Entretanto não podemos ser reducionistas a ponto de imaginar que as estruturas de explicação mágica eram meras consequências das aflições e inseguranças, pois como demonstrou o autor, muitas já vinham de antigas tradições de sociedades precedentes.

Existia uma relação muito próxima da população com as práticas mágicas. Sendo os médicos muito caros e escassos, não era raro que as pessoas buscassem ajuda de curandeiros, curandeiras, cirurgiões e boticários<sup>165</sup>. Essa busca por um poder mitigador era um reflexo do que ocorria com as religiões antigas. Nestas, os adeptos procuravam meios de obter um poder sobrenatural, e isso, segundo Thomas, inclui o cristianismo.

A Igreja medieval se preocupou muito em propagar os feitos sobrenaturais dos santos, os milagres, através das chamadas hagiografias. As relíquias e objetos sagrados, dizia-se, possuíam poder. “A Igreja medieval mostrava-se como um grande reservatório de poder mágico, capaz de ser empregado para uma série de finalidades seculares”<sup>166</sup>. Essa característica da Igreja medieval recebeu críticas já a partir da reforma protestante. Os protestantes se colocavam contra a Magia e atacavam a Igreja católica devido à venda das indulgências, o poder sobrenatural relacionado aos objetos religiosos e os casos de exorcismos. Até mesmo Thomas Hobbes “denunciara” os católicos romanos por magia em seus rituais: batismo, casamento, extrema unção... Na Inglaterra isso se tornou tão radical que os reformados iam contra qualquer crença que promettesse prosperidade material ou a invocação de Deus.<sup>167</sup>

---

<sup>164</sup> THOMAS, 1991, p. 19.

<sup>165</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>167</sup> *Ibidem*, pp. 56 – 60.

Os teólogos influenciados por todos os ataques às práticas mágicas, afirmavam que nada poderia ocorrer a não ser pela vontade de Deus, pois qualquer que fosse a situação ou acontecimento, a permissão d’Ele era necessária<sup>168</sup>. Dom Calmet tinha isso muito claro quando falava dos vampiros, pois estes em definição seriam corpos ressuscitados, o que exigiria o poder de Deus, logo, sua vontade e permissão.

Não existindo uma explicação científica que apontasse as causas naturais, os motivos de certos acontecimentos eram relegados ao sobrenatural e, como afirma Certeau (2005), em sociedades religiosas o “estranho” se torna o diabólico<sup>169</sup>. Importante salientar que a Igreja jamais negou que os poderes sobrenaturais existissem, contudo ela reforçava que estes poderiam somente emanar de duas fontes: Deus ou o Diabo. Este, aliás, era muito citado em pregações da época e estava diretamente relacionado com os casos de bruxaria. As bruxas, acreditava-se, faziam um pacto com o demônio para causar o mal a alguém.

Satã era usado para explicar uma série de acontecimentos e doenças que, à primeira vista, eram tidos como inexplicáveis<sup>170</sup>. Essas explicações pelo sobrenatural eram muito recorrentes, em especial quando não havia causa natural conhecida. Podemos citar como exemplo os vampiros do século XVIII. Sem ter como explicar o sangue na boca, a aparência “saudável” e os “gritos” emitidos quando a estaca era utilizada, esses cadáveres foram entendidos enquanto mortos-vivos, o que também compreendia algumas explicações acerca do conceito de morte naquela época. Esta só era considerada absoluta no momento em que o corpo estivesse completamente decomposto<sup>171</sup>.

Ao final do século XVII na Inglaterra, após a disseminação das ideias protestantes, ocorreu uma diminuição considerável dos casos de bruxaria. Os autores da reforma afirmavam que a bruxaria não possuía precedentes bíblicos. Hobbes e os seguidores de Descartes<sup>172</sup>, nas palavras de Thomas (1991), “rejeitavam inteiramente o conceito de substâncias incorpóreas”<sup>173</sup>, alijando assim os demônios do mundo natural e colocando-os na esfera do mental/imaginário. “A noção de que o universo estava sujeito a leis naturais imutáveis liquidou o conceito de milagre”<sup>174</sup>. Não

---

<sup>168</sup> THOMAS, 1991, p. 77.

<sup>169</sup> CERTEAU, 2005, p. 14.

<sup>170</sup> Assim como doenças estranhas, crimes sem motivo ou mesmo algum sucesso incomum. Cf. THOMAS, 1991, p. 387.

<sup>171</sup> ARIÈS, 2014, p. 238.

<sup>172</sup> O conceito cartesiano de matéria, de acordo com Thomas (1991), classificava os espíritos ao mundo mental.

<sup>173</sup> THOMAS, 1991, p. 461.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 524.

demorou muito para que a imaginação passasse a ser citada como a grande responsável pelos casos de bruxaria, aparições de fantasmas e outros acontecimentos tidos como sobrenaturais.

Outra face dessa distinção do natural e do mental/imaginário era a necessidade de demonstração<sup>175</sup>. O chamado empirismo está muito presente nas obras de Ranft, Davanzati e Calmet. Essa nova forma de pensar é uma grande influência para esses três autores. Ranft e Calmet buscaram explicar os vampiros através da natureza e procuraram demonstrar suas colocações e hipóteses a todo momento.

Retornando ao contexto geral, a partir do final do século XVII, com o desenvolvimento das ciências naturais e sociais, o que implicava em um maior conhecimento e controle do indivíduo sobre a natureza, a Magia foi perdendo força enquanto modelo explicativo. É claro que essa relação não se deu como uma substituição automática. Os ingleses, segundo Thomas (1991), perderam muitas crenças antes mesmo de encontrarem as explicações naturais para supri-las. O curioso é que o autor afirma que os pensadores que abandonavam as explicações mágicas possuíam “fé de que a solução técnica seria encontrada um dia”<sup>176</sup>. Uma esperança relegada à posteridade que em muito se assemelha a uma religião. O aspecto “mágico”, agora no poder de explicação que o natural guardava, continuou muito presente.

O mais importante a ser destacado desse contexto intelectual sobre o qual aqui discorreremos é a crença nas potencialidades humanas que se fortaleceu no século XVII e inspirou diversos pensadores e o desgaste sofrido pelas explicações mágicas devido ao novo tipo de ciência, em especial a busca pela explicação através do natural. O empirismo se torna igualmente importante e no caso dos vampiros será invocado tanto para comprová-los – todas as evidências eram descritas e testemunhadas –, como para relegá-los ao domínio da imaginação.

## 2.2. O LESTE EUROPEU E OS RELATOS DE VAMPIROS

Depois de realizada a discussão acerca das diferentes visões acerca da Magia, precisamos também analisar o contexto político no qual os países da Europa oriental estavam inseridos, pois

---

<sup>175</sup> THOMAS, 1991, p. 525.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 537.

foi a partir deles, em um momento de contato com o ocidente, que a crença nos vampiros se espalhou e se tornou “febre”, atraindo a atenção de políticos e pensadores.

Um importante aspecto do leste europeu do século XVIII era a grande diversidade cultural, o que implicava em diferentes línguas e práticas religiosas. A área que abarca a Romênia, a parte norte oriental da Sérvia, a Bulgária, o norte da Grécia, o norte da Turquia e o oeste ucraniano, é apontada por Armour (2012) como a zona de maior variedade linguística e cultural do leste europeu<sup>177</sup>. Coincidentemente, esta área também corresponde à região com mais casos narrados de vampiros.

Essa mesma região sofreu muito com as diversas invasões que ocorreram ao longo da história. Armour afirma que durante certo tempo ela foi usada como uma forma de “capacho” por germânicos, eslavos e turcos<sup>178</sup>. Uma série de conflitos acompanhou essas invasões, expulsões e a busca pelo domínio do território e algumas vezes, os invasores eram, no final, assimilados pela população local<sup>179</sup>. Deparamos-nos, portanto, com uma região linguisticamente diversa e completamente miscigenada culturalmente. Ora, não esqueçamos o que já nos apontaram Barber (2010), Lecouteux (2005) e Garza (2010): o vampiro eslavo constituía-se, na realidade, em uma grande mutação de criaturas sobrenaturais de diferentes culturas.

Em meados do século XIV, como apontam Forbes *et all* (1915), os turcos passaram a ser uma grande ameaça à Sérvia, parceira histórica de Veneza. Em uma expansão ao noroeste, o Império Turco conquistou, em 1361, a cidade de Adrianópolis<sup>180</sup>, muito próxima geograficamente da área que Armour destaca<sup>181</sup>. Após a conquista de Constantinopla, em 1453, os turcos tornaram-se uma grande potência. Seis anos depois deste acontecimento eles já possuíam controle do território sérvio. Um pouco mais ao norte, no território onde hoje é a Romênia, Vlad, o Empalador derrotou e expulsou os turcos da então Valáquia. Contudo, após o fim de seu reinado o domínio turco retornou à região<sup>182</sup>.

O cenário somente sofreu alterações drásticas a partir do final do século XVII. Os tratados de Carlowitz (1699) e Passarowitz (1718) comentam das grandes perdas territoriais aos turcos,

---

<sup>177</sup> ARMOUR, 2012, pp. 15 – 16.

<sup>178</sup> No original: “[...] was used as a sort of doormat by Germanic, Slavic, Turkic and other peoples”. Cf. *Ibidem*, p. 15.

<sup>179</sup> Assim como ocorreu com os turcos após as invasões ao território eslavo. Cf. *Idem*.

<sup>180</sup> FORBES *et all*, 1915, p. 81.

<sup>181</sup> Mais precisamente, perto da fronteira búlgara.

<sup>182</sup> O fim desse domínio se deu em 1877. Cf. FORBES *et all*, 1915, pp. 218 – 219.

principalmente na região do norte da Sérvia, que passou para o domínio austríaco<sup>183</sup>. Barber (2010) cita Passarowitz como essencial para a história dos vampiros. As tropas austríacas permaneceram nessa região até 1739. Neste meio tempo foram relatados os dois mais importantes casos de vampiros: o de Peter Plogojowitz e o de Arnod Paole. A lenda dos mastigadores já havia sido levada para a França mais de 50 anos antes por Pierre Des Noyers, mas foi a partir desses dois relatos que o assunto dos mortos-vivos sugadores de sangue tornou-se matéria de diversos estudos.

O primeiro relato conhecido sobre vampiros data de 1659. Em uma carta à rainha da Polônia, Marie-Louise de Gonzague, o secretário real Pierre Des Noyers comenta sobre os rumores e temores que haviam tomado a região da Ucrânia. Os relatos eram sobre cadáveres que mastigavam suas vestimentas ou até mesmo partes dos seus corpos, levando os membros de suas famílias à morte. Des Noyers trata os denominados *Upior*, em língua rutena, e *Friga*, em polonês, como uma “doença fabulosa”<sup>184</sup>. A lenda dizia que uma criança nascida com dentes estava destinada, após falecer, a tornar-se essa criatura “mastigadora” que não descansava até ter causado a morte de “trois fois neuf”<sup>185</sup> pessoas – aqui a ligação com o *nonicida* alemão que Lecouteux nos apresentou é evidente. A solução apresentada pela população para interromper este processo antes das mortes terminarem era a decapitação: “On lui coupe la tête: alors le sang tout clair en sort, comme il serait d’une personne vivante; et après cela, la mortalité cesse aussitôt dans sa famille, et le nombre de trois fois neuf ne meurt plus, comme cela serait arrivé autrement”<sup>186</sup>.

O assunto foi levado ao famoso periódico francês *Le Mercure Galant* na última década do século XVII, por Marigner<sup>187</sup>, o qual acreditava, e deixou isso bem claro em sua escrita, que vampiros eram almas condenadas ligadas ao mundo corpóreo, ou mesmo demônios. Para ele as aflições sofridas pelos “gregos”<sup>188</sup> eram um castigo divino. Nota-se, portanto, que em um período de meio século os vampiros passaram de doença a castigo divino, ou poderíamos dizer, de algo natural a algo diabólico/fantástico. Mas comentaremos melhor sobre a interpretação de Marigner no tópico sobre os estudos de vampiros antes de Calmet.

<sup>183</sup> FORBES *et all*, 1915, pp. 88 – 89.

<sup>184</sup> DES NOYERS, 1859, p. 561.

<sup>185</sup> “três vezes nove”. Cf. *Idem*. [Tradução livre]

<sup>186</sup> “cortamos-lhe a cabeça: então o sangue claro sai, como seria o de uma pessoa viva; e após isso, a mortalidade cessa imediatamente na sua família, e o número de três vezes nove não mais morre, como seria se tivesse acontecido de outra maneira”. Cf. *Idem*. [Tradução livre]

<sup>187</sup> Advogado no parlamento de Paris.

<sup>188</sup> Possivelmente o termo “gregos” refere-se à doutrina católica grega ortodoxa, e não aos habitantes da Grécia, pois os relatos utilizados por Marigner não provém dessa região.



### 2.2.1. PETER PLOGOJOWITZ

Na primeira metade do século XVIII, em 1725, o caso do morto-vivo estrangulador e sugador de sangue Peter Plogojowitz ficou conhecido por toda a Europa<sup>189</sup>. Na Sérvia, mais precisamente na vila de Kisilova, dez semanas após a morte de Plogojowitz nove pessoas morreram em um período de uma semana do que os relatores denominaram de doença de 24 horas. Antes de falecerem, todas afirmaram terem visto o falecido e que este se deitou em suas camas e as tentou estrangular. A própria viúva de Plogojowitz afirmou o ter visto e que ele teria lhe pedido um sapato e dito que iria para outra vila.

Neste período já estavam disseminadas as crenças nos mortos-vivos e os sinais cadavéricos que, de acordo com as lendas, indicavam tal condição – sangue na boca, ouvidos, nariz e olhos; unhas e cabelos crescidos; a falta de odor pútrido; e a conservação do corpo – já eram de conhecimento público. A população da vila, então, foi desesperada até o provedor imperial – como ele próprio relata – e o pediu autorização – a ele e ao papa local<sup>190</sup> – para a exumação do corpo, o que realmente ocorreu, após certa insistência da população<sup>191</sup>:

And although I at first disapproved, telling them that the praiseworthy administration should first be dutifully and humbly informed, and its exalted opinion about this should be heard, they did not want to accommodate themselves to this at all, but rather gave this short answer: I could do what I wanted, but if I did not accord them the viewing and the legal recognition, to deal with the body according to their custom, they would have to leave house and home, because by the time a gracious resolution was received from Belgrade, perhaps the entire village – and this was already supposed to have happened in Turkish times – could be destroyed by such an evil spirit, and they did not want to wait for this. Since I could not hold such people from the resolution they had made, either with good words or with threats, I went to the village of Kisilova, [...] and viewed the body of Peter Plogojowitz, just exhumed, [...] first at all *I did not detected the slightest odor* that is otherwise the characteristic of the dead, and the body, excepted for the nose, which was somewhat fallen away, was *completely fresh*.<sup>192</sup>

<sup>189</sup> O relato foi transcrito e traduzido para o francês em CALMET (1751) e para o inglês em BARBER (2010) e GARZA (2010).

<sup>190</sup> Provavelmente o patriarca – chefe religioso da Igreja Ortodoxa Grega – da região.

<sup>191</sup> Após a exumação o provedor chegou à conclusão de que Plogojowitz realmente era um morto vivo, visto os sinais que apresentava – sangue na boca e cabelos e unhas crescidos. Cf. BARBER, 2010, pp. 6-7.

<sup>192</sup> “E embora primeiramente tivesse desaprovado, dizendo-os que a louvável administração primeiro deveria ser devidamente e humildemente informada, e que sua elevada opinião sobre o assunto deveria ser ouvida, eles não quiseram acomodar-se a isso, mas, ao contrário, deram sua resposta: eu poderia fazer o que quisesse, porém se eu não

Interessante perceber no relato como, primeiramente, o provedor se colocava enquanto um homem esclarecido e que jamais cometeria tamanha atrocidade – exumar e decapitar um cadáver – se a população não estivesse tão exaltada a ponto de ameaçar abandonar a vila. Ele até mesmo procurou convencer a multidão com *boas palavras*, porém sem efeito. Contudo, ao longo do relato, a partir do momento em que encontra o corpo recém exumado do suposto morto-vivo, é perceptível uma mudança na atitude do oficial. O provedor segue o relato e atesta que os cabelos e unhas de Plogojowitz realmente estavam maiores, ou seja, cresceram após sua morte<sup>193</sup>. A pele do cadáver havia se descolado e uma nova havia crescido no lugar, o corpo, de acordo com o relator, estava em perfeito estado, como estaria se ainda estivesse vivo. Isso após relatar a mudança que sofreu o nariz do defunto.

A presença de sangue na boca do morto também é destacada. De acordo com o autor do relato, era de comum acordo que o sangue ali presente pertencia a suas vítimas. O vampiro, portanto, o teria sugado delas<sup>194</sup>. O provedor afirma que todas as características que o povo o havia informado serem evidências de vampirismo estavam presentes no cadáver de Plogojowitz. A população então providenciou uma estaca para ser atravessada no suposto vampiro. O relator descreve a grande quantidade de sangue que saiu do corpo pelos orifícios após tal procedimento ter sido realizado – além de outras reações que preferiu não comentar por respeito. O corpo então foi queimado e reduzido a cinzas. Ao final do relato, o provedor pediu perdão à administração se houvesse algum mal-entendido no caso, contudo afirmou que a culpa não deveria ser relegada a ele, mas à multidão que estava tomada pelo medo.

Barber (2010) destaca alguns pontos importantes na história de Plogojowitz. Primeiramente a localidade de sua aldeia: em muitas versões do relato ela aparece como pertencente à Hungria<sup>195</sup>, o que na opinião de Barber era um erro ocasionado pelas complexas

---

os concedesse a visão e o reconhecimento legal, para lidar com o corpo de acordo com seu costume, eles teriam de deixar suas casas e lares, porque no momento em que uma resolução chegasse de Belgrado, talvez a vila inteira – e isso já deveria ter ocorrido em tempos de dominação turca – poderia ser destruída por tão mal espírito, e eles não desejavam esperar por isso. Visto que eu não pude conter essas pessoas da resolução que haviam tomado, nem com boas palavras ou com ameaças, fui a vila de Kisilova, [...] e observei o corpo de Peter Plogojowitz, recém exumado, [...] primeiramente *não detectei o mais leve odor* normalmente característico dos mortos, e o corpo, à exceção do nariz, que estava um pouco caído, estava *completamente fresco*” [tradução livre] [grifos nossos]. Cf. BARBER, 2010, pp. 6.

<sup>193</sup> Mesmo que, muito provavelmente, como afirma Paul Barber, ele não tenha conhecido Plogojowitz antes de sua morte.

<sup>194</sup> BARBER, 2010, pp. 6.

<sup>195</sup> Como, por exemplo, na obra de Ranft.

mudanças políticas que ocorriam naquela região. Os casos de vampirismo geralmente seguiam uma estrutura epidêmica, o que também ocorreu com o que foi relatado em Kisilova: primeiro morreu Plogojowitz e então se seguiram as outras mortes. Estas, diferentemente da literatura – e do cinema – que retratava longos sofrimentos<sup>196</sup>, eram rápidas e inesperadas. O autor também aponta uma contradição presente no relato, a afirmação de que o corpo estava *completamente fresco*. Ora, o próprio relator descreveu as mudanças sofridas – cabelos, unhas, pele... – logo, não se pode dizer que o corpo estava exatamente do mesmo jeito que quando Plogojowitz era vivo. Um dos sinais que o provedor não comentou devido ao respeito, pode ter sido, segundo Barber, a ereção, comum em cadáveres masculinos.

Este caso foi, como já dito anteriormente, o primeiro caso de vampiros a atingir uma grande fama internacional. O caso de Plogojowitz também inspirou a obra *De Masticatione Mortorum in Tumulis* (1728), escrita pelo filósofo alemão Michael Ranft. Contudo, nada se compara a abrangência do caso dos vampiros da Medvegia, relatado em *Visum et Repertum*.

### 2.2.2. VISUM ET REPERTUM

Em 1732, o caso de Arnod Paole<sup>197</sup> e os vampiros da Medvegia – no original Médreiga, uma vila na Sérvia situada em uma região que, na época, ainda estava sob o domínio turco – veio à tona<sup>198</sup>. Paole era um heiduque<sup>199</sup> sérvio que relatou ser perseguido por um vampiro quando viajou para Gossova, na região da Sérvia turca. Em uma tentativa desesperada de se proteger, chegou a comer terra do túmulo desse vampiro e ungi-se em seu sangue, práticas que, acreditava-

---

<sup>196</sup> Em *Drácula* (1897), as duas vítimas principais, Lucy Westenra e Mina Harker recebem visitas constantes do conde vampiro, o que prolonga o sofrimento. Os parentes de Lucy pensam que ela está com alguma doença que causa fraqueza e palidez, até que o doutor Van Helsing, analisando as evidências, conclui que um vampiro era o causador do mal da moça, e recomenda transfusões de sangue, além de um quarto repleto de flores e dentes de alho.

<sup>197</sup> Também citado como: Arnold Paole, Arnont Paole e Arnont Paule.

<sup>198</sup> O relato foi transcrito e traduzido para o francês em CALMET (1751), para o inglês em BARBER (2010) e GARZA (2010) e para o português em LECOUTEUX (2005).

<sup>199</sup> Heiduque, originalmente, designava o soldado que havia lutado contra a ocupação turca na Hungria e na Sérvia, no século XV. Durante os séculos XVI e XVII o termo era utilizado na França para designar os criados vestidos à moda húngara. A designação também é sinônima de “alabardeiro de um nobre Húngaro”, ou seja, o guerreiro de um nobre que carrega a arma chamada de alabarda, o que, acreditamos, mais se aproxima da situação de Arnod Paole.

se, possuíam um poder mágico de proteger a vítima de se tornar uma dessas criaturas. O heiduque faleceu pouco tempo depois: quebrou o pescoço ao cair de uma carroça de feno<sup>200</sup>.

Entre 20 e 30 dias após sua morte, vários habitantes da vila sofreram ataques noturnos e todos afirmaram que Paole era o responsável por estes. Após um curto período de tempo quatro dessas pessoas vieram a falecer. A fim de acabar com o mal causado pelo suposto morto-vivo, a população optou pela exumação do cadáver. O corpo, de acordo com o relato, foi encontrado totalmente conservado, sem sinais de decomposição. Foi relatado que sangue fresco se fazia presente em seus olhos, nariz e boca, além de ter uma quantidade considerável deste no caixão<sup>201</sup>. Novas unhas e cabelos haviam crescido. Com estas evidências, foi concluído que Paole era realmente um vampiro. Seguiu-se então a perfuração de seu corpo por uma estaca, momento em que os relatores afirmaram terem ouvido um audível gemido proveniente do cadáver. Após isso seu corpo foi queimado e as cinzas jogadas no rio.

Os ataques, contudo, não cessaram. A culpa agora recaía nas quatro vítimas que supostamente teriam sido transformadas em vampiros. Mais quatro exumações, decapitações e incinerações foram realizadas. Apesar dessas medidas, os relatos de ataques noturnos continuavam, o que intrigava as autoridades locais e mesmo a população.

Then, they also add that this Arnod Paole attacked not only people but also the cattle, and sucked out their blood. And since the people used the flesh of such cattle, it appears that some vampires are again present here, inasmuch as, in a period of three months, seventeen young and old people died, among them some who, with no previous illness, died in two or at the most three days. In addition, the haiduk Jowiza reports that his stepdaughter, by name of Stanacka, lay down to sleep fifteen days ago, fresh and healthy, but at midnight she started up out of her sleep with a terrible cry, fearful and trembling, and complained that she had been throttled by the son of a haiduk, by the name of Milloe, who had died nine weeks earlier, whereupon she had experienced a great pain in the chest and became worse hour by hour, until finally she died on the third day.<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> LECOUTEUX, 2005, p. 180.

<sup>201</sup> Em alguns relatos o suposto vampiro está praticamente imerso em sangue.

<sup>202</sup> “Então, eles acrescentaram que esse Arnod Paole atacou não somente pessoas, mas também uma criação de gado, e sugou o sangue dos animais. E tendo pessoas se alimentado da carne deste gado, parece que alguns vampiros estão novamente presentes aqui, visto que, em um período de três meses, dezessete pessoas, jovens e idosas, morreram, dentre eles alguns que, sem estarem doentes, faleceram em dois ou, no máximo, três dias. Somando a isso, o heiduque Jowiza declarou que sua enteada, de nome Stanacka deitou-se para dormir quinze dias atrás, saudável, contudo, a meia-noite ela despertou de seu sono com um grito terrível, cheia de medo e tremendo, e declarou que havia sido estrangulada pelo filho de um heiduque, de nome Milloe, que havia morrido nove semanas antes, após isso ela experimentou uma grande dor no peito e ficou pior a cada hora até finalmente falecer no terceiro dia”. Cf. BARBER, 2010, p. 16. [Tradução livre]

A repercussão do caso dos vampiros da Medvegia foi tamanha que a imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico, Maria Teresa, enviou ao local uma comissão composta por médicos e soldados. Estes, acompanhados pelos heiduques mais velhos, foram ao cemitério para abrir os túmulos suspeitos e examinar os corpos dos falecidos neste período de 3 meses que separa a exumação de Paole e a chegada dos austríacos. O relato então segue em 13 tópicos, descrevendo o que foi realizado. Gostaríamos de destacar alguns:

1. A woman by the name of Stana, twenty years old, who had died in childbirth two months ago, after a three-day illness, and who had herself said, before her death, that she had painted herself with the blood of a vampire, wherefore both she and her child – which had died right after birth and because of a careless burial had been half eaten by dogs – must also become vampires. She was quite complete and undecayed. After the opening of the body there was found in the *cavitate pectoris* a quantity of fresh extravascular blood. The *vasa* of the *arteriae* and *venae*, like the *ventriculis cordis* were not, as is usual, filled with coagulated blood, and the whole *viscera*, that is the *pulmo*, *hepar*, *stomachus*, *lien*, *et intestina* were quite fresh as they would be in a healthy person. The uterus was however quite enlarged in place, wherefore the same was in complete *putredine*. The skin on her hands and feet, along with the old nails, fell away on their own, but on the other hand completely new nails were evident, along with a fresh and vivid skin.

2. There was a woman by the name Miliza (sixty years old, incidentally), who had died after a three-month sickness and had been buried ninety-some days earlier. In the chest, much liquid blood was found, and the other viscera were, like those mentioned before, in a good condition. During her dissection, all the heidukes who were standing around marveled greatly at her plumpness and perfect body, uniformly stating that they had known the woman well, from her youth, and she had, throughout her life, looked and been very lean and dried up, and they emphasized that she had come to this startling plumpness in the grave. They also said that it was she who had started the vampires this time, because she had eaten the flesh of those sheep that had been killed by the previous vampires.<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup> “1. Uma mulher de nome Stana, 20 anos, que morreu durante um parto, dois meses atrás, após uma doença de três dias, e que declarou, antes de morrer, que havia se pintado com o sangue de um vampiro, por consequência ela e seu filho – que morreu logo após o nascimento e devido a um enterro não cuidadoso havia sido comido por cachorros – deveriam ambos ter se transformado em vampiros. Ela estava bem completa e não decomposta. Após a abertura do corpo foi encontrada na cavidade peitoral uma quantidade de sangue fresco extravascular. Os vasos das artérias e veias, como os ventrículos do coração não estavam, como seria o usual, cheios de sangue coagulado e todas as vísceras que são o pulmão, o fígado, o estômago, o baço e intestinos estavam tão frescos quanto estariam em uma pessoa saudável. O útero estava contudo bastante alargado, consequência de que o mesmo estava completamente pútrido. A pele em suas mãos e pés, junto com suas antigas unhas caíram por conta própria, mas por outro lado unhas completamente novas eram evidentes, juntamente a uma pele fresca e vívida.

2. Havia uma mulher de nome Miliza (sessenta anos de idade, a propósito), que morreu após uma doença de três meses e foi enterrada noventa e alguns dias mais cedo. No peito, muito sangue líquido foi encontrado, e as outras vísceras estavam, como aquelas mencionadas anteriormente, em boas condições. Durante sua dissecação, todos os heiduques que estavam a volta admiraram-se de sua robustez e corpo perfeito, uniformemente afirmando que eles haviam conhecido bem a mulher, desde sua juventude, e ela teria, ao longo de sua vida, sido muito magra e seca, e eles enfatizaram que ela começou a engordar no túmulo. Eles também disseram que era ela quem tinha começado os vampiros desta vez, porque havia comido a carne daquelas ovelhas que haviam sido mortas pelos vampiros anteriores”. [Grifos do autor]. Cf. BARBER, 2010, pp. 16 – 17. [Tradução livre].

Assim procedeu a comissão até completarem sete sepultamentos. Não satisfeitos com o fato de que todos obtiveram o mesmo resultado – características vampíricas –, os médicos procuraram exumar outros corpos, no mesmo cemitério, de pessoas que não estivessem relacionadas ao caso de Paole. O empirismo os “obrigava” a isso. Como saber se não era o solo propiciava a incorruptibilidade do corpo<sup>204</sup>?

Foram dois os exumados que não possuíam relações com os vampiros:

8. They caused the wife of the Hadnack to be dug up, along with her child. She had died seven weeks previously, her child – who was eight weeks old – twenty-one days previously, and it was found that both mother and child were completely decomposed, although earth and graves were like those of the vampires lying nearby.

9. A servant of the local corporal of the haiduks, by the name of Rhade, twenty-three years old, died after a three month-long illness, and after a five-week burial was found completely decomposed.<sup>205</sup>

Para concluir, o último corpo exumado foi o de Stanoicka<sup>206</sup>, esposa de um heiduque, que faleceu após ser atacada e estrangulada por Milloe, que havia morrido nove semanas antes:

13. Stanoicka, the wife of a haiduk, twenty years old, died after a three day illness and had been buried eighteen days previously. In the dissection I found that she was in her countenance quite red and of a vivid color, and as mentioned above, she had been throttled at midnight, by Milloe, the son of the haiduk, and there was also to be seen, on the right side under the ear, a bloodshot blue mark the length of a finger. As she was being taken out of the grave, a quantity of fresh blood flowed from her nose. With the dissection I found, as mentioned often already, a regular fragrant fresh bleeding, not only in the chest cavity, but also *in ventriculo cordis*. All the viscera found themselves in a completely good and healthy condition. The hypodermis of the entire body, along with the fresh nails on hands and feet, was as though completely fresh.<sup>207</sup>

<sup>204</sup> Como Calmet (1751) alguns anos depois sugere.

<sup>205</sup> “8. Eles selecionaram a esposa do Hadnack para ser desenterrada, junto com seu filho. Ela havia morrido sete semanas atrás, seu filho – que tinha oito dias de vida – vinte e um dias atrás, e ambos mãe e filho foram encontrados completamente decompostos, embora terra e túmulo fossem como os dos vampiros enterrados nas proximidades.

9. Um servo do corpo local de heiduques, de nome Rhade, vinte e três anos de idade, morreu depois de uma doença de três meses, e depois de um enterro de cinco semanas foi encontrado completamente decomposto”. Cf. BARBER, 2010, p. 17. [Tradução livre].

<sup>206</sup> Anteriormente citada como Stanacka, enteada de um heiduque.

<sup>207</sup> “13. Stanoicka, a esposa de um heiduque, vinte anos de idade, morreu após uma doença três dias e havia sido enterrada dezoito dias atrás. Na dissecação observei que ela estava com o rosto bastante vermelho e de uma cor vívida, e como mencionado acima, ela tinha sido estrangulada à meia-noite, por Milloe, o filho do heiduque, e havia também para ser visto, no lado direito sob a orelha, uma marca azul avermelhada do comprimento de um dedo. Enquanto ela estava sendo levada para fora da sepultura, uma quantidade de sangue fresco fluiu por seu nariz. Com a dissecação eu encontrei, como já mencionado antes, um sangramento fresco de aroma regular, não apenas na cavidade peitoral, como também nos ventrículos do coração. Todas as vísceras encontravam-se em boas e saudáveis condições. A hipoderme de todo o corpo, juntamente com as novas unhas das mãos e dos pés, era como se estivesse completamente fresca”. [Grifos do autor]. Cf. BARBER, 2010, p. 17. [Tradução livre].

A equipe constatou que os supostos vampiros realmente apresentavam todas as características que a população atribuía a um vampiro. Os corpos, incluindo os órgãos internos, como comprovado pelas autópsias, estavam em perfeitas condições, como estariam em uma pessoa ainda viva, de acordo com os relatores. Foi então permitido aos ciganos da região a decapitação e a cremação dos corpos e cabeças desses vampiros. As cinzas foram recolhidas e atiradas no rio Morava. Os corpos decompostos foram devolvidos aos respectivos túmulos. O relatório derivado deste caso, *Visum et Repertum*<sup>208</sup>, foi enviado em 1732. O documento, de acordo com Argel e Moura Neto (2008) chamou a atenção da imprensa e propagou a lenda do vampiro por toda a Europa<sup>209</sup>. Jenkins (2010) afirma que logo os nomes de Paole e Stanoicka estavam nas bocas dos europeus ocidentais. Em um período de dois anos após a publicação desse relato, foram redigidos 14 tratados e 4 dissertações<sup>210</sup>.

Analisando estes dois relatos observamos algumas diferenças. O primeiro foi escrito por um funcionário do Império dos Habsburgos. Um administrador que se encontrava em uma posição de autoridade local, o que explica o fato de a população ter ido até ele – e ao líder religioso – para pedir a legalização de seus costumes. A descrição de detalhes é perceptivelmente mais influenciada pelas lendas ouvidas. Pode-se observar também que o provedor imperial preocupou-se muito em se desculpar caso algo desse errado, ou não fosse do agrado do imperador Carlos VI, governante do Sacro Império Romano-Germânico na época e pai da futura imperatriz Maria Teresa<sup>211</sup>.

Redigido sete anos mais tarde, *Visum et Repertum* possui uma linguagem distinta e uma estrutura diversa. A então imperatriz Maria Teresa, após a grande repercussão que o caso tomou, formou e enviou uma comissão composta por médicos e soldados especialmente para investigar o caso dos vampiros da Medvegia. O relato segue, portanto, uma estrutura científica médica, com exumações e observações que buscavam, empiricamente, comprovar ou desmentir os relatos recebidos desde a morte de Paole. Talvez seja a isso que se deva a fama: médicos renomados que foram enviados pela rainha e que não conseguiram comprovar empiricamente que os casos eram apenas fruto da imaginação.

---

<sup>208</sup> Visto e descoberto.

<sup>209</sup> ARGEL & MOURA NETO, 2008, pp. 15-16.

<sup>210</sup> JENKINS, 2010, p. 112.

<sup>211</sup> Da casa dos Habsburgos. Maria Teresa é a mãe da rainha da França, Maria Antonieta.

Estes dois relatos, juntamente à carta de Des Noyers, foram os principais influenciadores de uma literatura que antecedeu a obra de Dom Calmet, a qual devemos tecer alguns comentários antes de passarmos para uma análise mais detalhada do *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc* (1751).

### 2.3. ANTECESSORES DE CALMET

Não foram muito numerosos os autores que se dedicaram ao estudo de relatos sobre a lenda do vampiro e seus comentadores, como é o caso de Dom Augustin Calmet, monge beneditino francês, ainda mais se compararmos ao extenso número de obras sobre os casos das possessões de Loudun, por exemplo, ou mesmo com os tratados sobre bruxaria e magia que surgiram a partir do final da Idade Média.

Separamos os três nomes que tiveram uma maior expressão na França, ou seja, que provavelmente eram de conhecimento de Calmet. Marigner, que mesmo tendo escrito ao final do século XVI, foi quem levou o debate sobre os mastigadores ao público através do periódico *Le Mercure Galant*. Michael Ranft era alemão, escreveu em latim e foi traduzido para o francês. Sua principal influência era o caso de Plogojowitz. Giuseppe Davanzati escreveu sua dissertação, encomendada pela Igreja, em 1744, procurando relegar à imaginação os casos de vampiros.

#### 2.3.1. VAMPIROS NO *LE MERCURE GALANT* (1693 – 1694)

Na última década do século XVII, o debate sobre os mortos-vivos foi levado ao público através de um famoso periódico francês. No *Le Mercure Galant*, edição de maio de 1693, foi publicado um artigo de Pierre Des Noyers, o mesmo que fora secretário da rainha da Polônia e que 39 anos antes enviara uma carta comentando sobre uma “doença extraordinária” que assolava a Ucrânia.



Vous avez peut être entendu déjà parler d'une chose fort extraordinaire qui se trouve en Pologne &, principalement en Russie. Ce sont des Corps morts que l'on appelle en latin *Striges*, & en langue du Pays *U pierz*, & qui ont une certaine humeur que le commun peuple & plusieurs personnes sçavantes assurent être du sang.<sup>212</sup>

Des Noyers apresenta uma explicação completamente diferente da que conhecemos através da literatura e do cinema: um demônio se apossa do corpo morto de uma pessoa e retira-lhe ou suga-lhe o sangue. De tempos em tempos ele deve sair do corpo, entre meio-dia e meia-noite<sup>213</sup>, para recolher sangue. Ao terminar o prazo, o demônio retorna ao corpo e lá deposita todo o sangue que acumulou. Este, de tão abundante, escorre da boca, olhos, orelhas e nariz, sendo que às vezes o cadáver “nage dans son Cercueil”<sup>214</sup>.

Há mais, afirma o autor, o cadáver fica possuído por uma fome tão grande que devora as próprias vestimentas, o que é comprovado pelo fato de o tecido ser encontrado em sua boca<sup>215</sup>. Além disso, “le Demon qui sort du Cadavre, va troubler la nuit ceux avec qui le Mort a eu le plus de familiarité pendant sa vie, & leur fait beaucoup de peine dans le temps qu'ils dorment”<sup>216</sup>. O demônio finge ser o amigo ou parente morto no intuito de se aproximar da pessoa para sugar-lhe o sangue que será levado ao caixão. Sobre as vítimas, ficam cada vez mais magras e fracas. O demônio não as deixa em paz até que mate todos os familiares do morto.

O remédio indicado contra essa aflição é o pão feito com a mistura do trigo ao sangue do cadáver possuído. Este cadáver, segundo Des Noyers, é encontrado em sua tumba totalmente flexível e com aparência robusta e saudável.

Quand on les trouve de cette sorte, ayant la figure de ceux qui ont apparu en songe, on leur coupe la telle, & on leur ouvre le cœur, & il en fort quantité de sang. On le ramasse, & on le mêle avec de la farine pour la pétrir, & en faire ce pain, qui est un remede seur pour se garantir d'une vexation si terrible.<sup>217</sup>

<sup>212</sup> “Vocês já devem ter ouvido falar de uma coisa muito extraordinária que se encontra na Polônia e, principalmente na Rússia. São os corpos mortos que chamamos em latim de *Striges*, e na língua do país *U pierz*, e que possuem um certo humor que as pessoas comuns e muitos sábios asseguram que é sangue”. Cf. DES NOYERS, 1693, pp. 62 – 63. [Tradução livre].

<sup>213</sup> Diferentemente dos vampiros da ficção que possuem hábitos noturnos.

<sup>214</sup> “nada no seu caixão”. Cf. DES NOYERS, 1693, p. 64. [Tradução livre].

<sup>215</sup> *Idem*.

<sup>216</sup> “o demônio que sai do cadáver, vai perturbar à noite aqueles com quem o morto teve mais familiaridade durante sua vida, e causar muita aflição durante o tempo em que dormem.” Cf. *Ibidem*, pp. 64 – 65.

<sup>217</sup> “Quando os encontram dessa maneira, com a figura daqueles que apareceram em sonho, o cortam-lhes a cabeça, e o abrem-lhe o coração, e uma grande quantidade de sangue sai. O pegam-lhe, e o misturam com farinha para amassar, e fazem esse pão, que é remédio para se garantir de uma vexação tão terrível”. Cf. *Ibidem*, pp. 66 – 67. [Tradução livre].

Após a decapitação, de acordo com o ex-secretário real, as tormentas cessam. Des Noyers apresenta um caso em que uma mulher afirmou ter visto a mãe que havia morrido e a partir de então definhou, ficando cada vez mais magra e com a saúde debilitada. O caso só foi resolvido com a decapitação. De acordo com o autor, até mesmo os padres – no caso, da Rússia – comprovaram a eficácia do método. Aqui, como observou Vermeir (2010) ocorreu uma mudança no discurso sobre a localidade, da Ucrânia, passou para a Polônia e a Rússia. Além disso, a “doença ucraniana”, um fenômeno natural, passa a ser considerado um fenômeno sobrenatural demoníaco<sup>218</sup>.

No ano seguinte, Marigner, senhor de Plessis, Ruel e Billoüard, e secretário atuante no parlamento de Paris, escreveu um artigos para esse mesmo periódico que foi dividido em duas partes: *Lettre en Forme de Dissertation de Mr Marigner, Sr du Plessis, Ruel, & Billoüard, Avocat au Parlement de Paris, adressée à Mr Charles de Volaud de Matheron, Seigneur d'Aubenas, de Salignac, & d'Entrepierre, Gentilhomme de Provence, sur les Creatures des Elements, & autres sujets invisibles, corporels ou spirituels, sur les Stryges de Russie, & sur la Physique Occulie de la Baguette*, em janeiro de 1694, e *Sur les Stryges de Russie*, em fevereiro do mesmo ano.

O primeiro é uma carta destinada a Charles de Volaud de Matheron. Primeiramente, Marigner se atém a comentar sobre o que denomina de *Creatures des Elements*<sup>219</sup>, ou espíritos corporais e outros temas invisíveis, ou seja, assuntos que permeiam o sobrenatural. O advogado distingue com bastante ênfase o corporal do espiritual:

Dans ce dessein, & pour l'executer avec plus de netteté, vous trouverez bon, Monsieur, que je vous remette devant les yeux l'idée generale que nous avons des choses créées, dont l'un des extrêmes est le corporel, & l'autre est le spirituel. En effet, nous reduisons toutes nos connoissances au corporel & au spirituel.<sup>220</sup>

O texto possui muitos elementos da teologia cristã, como o paraíso, a recompensa por uma vida boa; o inferno, um lugar de eterna punição; e o purgatório, entre a punição e a recompensa. Isso está na passagem em que o autor comenta sobre as criaturas fantásticas, como por exemplo harpias e lobisomens, que em sua visão “ne peuvent être que des Demons & des ames condamnées

---

<sup>218</sup> VERMEIR, 2010, p. 5.

<sup>219</sup> Em tradução livre: Criaturas dos Elementos.

<sup>220</sup> “Nesta ilustração, e para a executar com mais clareza, achareis bom, senhor, que eu lhe forneça diante dos olhos a ideia geral que possuímos das coisas criadas, de que um dos extremos é o corporal, e o outro é o espiritual. De fato, reduzimos todos os nossos conhecimentos ao corporal e ao espiritual”. Cf. MARIGNER, 1694a, pp. 61 – 62. [Tradução livre].

& malheureuses”<sup>221</sup> que, de acordo com o grau da condenação estariam mais ou menos ligadas às partes mais grosseiras dos elementos<sup>222</sup>. Marigner justifica que na Bíblia há relatos de que sempre existiram demônios ou espíritos malignos que possuem o intuito de tentar ou de fazer mal ao homem, seja por permissão divina ou por serem filiados ao Diabo.

Sobre os que fazem pacto com Satã, Marigner afirma:

[...] ceux qui font des pactes avec luy, comme les Sorciers, Magiciens, & autres leurs émissaires, estant instruits de divers malefices & poisons, font plusieurs maux aux hommes & aux bestiaux, aussi bien qu'aux fruits.

Et à l'égard des ames condamnées au Purgatoire, elles peuvent aussi causer quelque desordre, comme les cruels Stryges de Russie [...]”<sup>223</sup>.

Neste artigo, o senhor de Plessis, Ruel e Billoüard estruturou um esquema sobre a divisão de espécies de seres vivos<sup>224</sup>. De acordo com este esquema, existiriam quatro gêneros de “misturas” com base nos quatro elementos<sup>225</sup>: “les pierres par rapport la terre & à sa secheresse; les métaux par rapport à l'eau & à sa froideur; les végétaux par rapport à l'air & à son humidité, & les Animaux ou sensitifs, par rapport au feu & à sa chaleur”<sup>226</sup>. Em cada um desses quatro grandes gêneros, havia mais quatro gêneros subalternos que estavam mais ou menos relacionados aos quatro elementos<sup>227</sup>. Cada um desses gêneros subalternos ainda continha quatro grandes espécies. Além delas, não era possível, na concepção de Marigner, que existissem outras divisões. Sendo assim, seu esquema resulta em 64 espécies de seres vivos no total. Sendo assim, os seres fantásticos, como nos mostra Vermeir (2010), não possuíam um lugar no mundo corpóreo. As aparições dos mesmos, portanto, só poderiam ser relegadas à imaginação<sup>228</sup>.

<sup>221</sup> “não podem ser outra coisa a não ser Demônios e almas condenadas e infelizes”. Cf. MARIGNER, 1694a, p. 74. [Tradução livre].

<sup>222</sup> *Idem*.

<sup>223</sup> “[...] aqueles que fazem pactos com ele [Satã], como os feiticeiros, os magos, e outros de seus emissários estão instruídos de diversos malefícios e venenos, fazem muitos males aos homens e às bestas, assim como aos frutos. E a respeito das almas condenadas ao Purgatório, elas podem também causar alguma desordem, como os cruéis *Stryges* da Rússia [...]”. Cf. *Idem*.

<sup>224</sup> A este esquema já fizemos referência quando comentamos sobre as contribuições de Koen Vermeir à historiografia dos vampiros. Entretanto, gostaríamos de analisar com um pouco mais de calma este esquema de Marigner.

<sup>225</sup> No original: “quatre genres de mixtes, par rapport aux quatre Elemens”. Cf. MARIGNER, 1694a, p. 95.

<sup>226</sup> “as pedras relacionadas à terra e a sua secura; os metais relacionados à água e a sua frieza; os vegetais relacionados ao ar e a sua humidade, e os animais ou sensitivos, relacionados ao fogo e a seu calor.” Cf. *Ibidem*, pp. 95 – 96.

<sup>227</sup> À terra estavam relacionados os répteis, ao ar os pássaros e à água os peixes. Ao fogo os animais *progressifs* [progressivos] que não eram nem pássaros, nem peixes, nem répteis. Cf. *Ibidem*, pp. 96 – 97.

<sup>228</sup> VERMEIR, 2010, pp. 7 -8.

Na segunda parte de seu artigo, publicada no mês seguinte, Marigner comenta mais especificamente sobre os *Stryges* da Rússia que

sont communs & frequens parmy les habitans de cette Province. Ils les appellent Upierz, & croyent que ce sont des Demons qui viennent la nuit leur succer sang pendant leur sommeil. Ces Peuples les comparent avec des Oiseaux<sup>229</sup> carnassiers & nocturnes, que nous appellons Chevesche ou Orfraye, & en Latin, *Strix*, qui fait au pluriel *Strige*.<sup>230</sup>

Marigner cita na íntegra a carta de Des Noyers publicada no ano anterior e a partir dela faz algumas reflexões. Se a história é verdadeira, afirma o advogado, ela traz muitas questões difíceis de serem esclarecidas ou mesmo refutadas. Devemos lembrar que o ex-secretário real da Polônia afirmou que padres e intelectuais russos confirmaram os casos, logo, não se poderia refutar esses relatos diretamente ou rotulá-los como fábulas.

As histórias bíblicas e ensinamentos dos padres não podiam ser, de acordo com Marigner, ignorados. Estes nunca negaram a existência de uma esfera sobrenatural, de algo mágico além da compreensão humana, ou mesmo feiticeiros, feiticeiras e criaturas extraordinárias que habitariam a nossa realidade. É possível, nesta concepção, analisar os casos dos *Stryges* russos e “examiner si cette *maladie* qui est particuliere au Pays, est une possession ou une obsession du Demon, ou une vexation de quelque autre Esprit, quel qu'il soit.”<sup>231</sup>. Já comentamos sobre como em Des Noyers o vampirismo passa de algo natural a algo demoníaco, mesmo utilizando o termo *maladie* [doença] Marigner não cita outras causas para ela a não ser as do mundo não-corpóreo.

Embora as causas sejam sobrenaturais, as soluções encontradas – decapitação e preparação do pão com o sangue do cadáver – estavam, de acordo com esse autor, na ordem dos remédios naturais, o que indicava que o vampirismo era uma obsessão do demônio, ou outro espírito maligno, e não uma possessão<sup>232</sup>, ou alguma outra doença. Marigner reafirma o que já

<sup>229</sup> Interessante notar que inicialmente a relação dos vampiros era com os pássaros e não com os morcegos, que surge somente no século XIX e foi imortalizada em *Drácula* (1897).

<sup>230</sup> “são comuns e frequentes entre os habitantes dessa província. Eles os chamam Upierz e creem que eles são Demônios que vêm à noite sugar seu sangue durante o sono. Essas pessoas os comparam com os Pássaros carnívoros e noturnos, que chamamos de Chevesche ou Orfraye, e em Latim *Strix*, no plural *Strige*”. Cf. MARIGNER, 1694b, p. 13. [Tradução livre].

<sup>231</sup> “examinar se essa doença que é particular ao País, é uma possessão ou uma obsessão do Demônio, ou uma vexação de qualquer outro Espírito, seja o que for”. [Grifo nosso]. Cf. *Ibidem*, p. 27. [Tradução livre].

<sup>232</sup> Há, como nos mostra Certeau (2005), uma diferença entre a *Possessão* e a *Obsessão* demoníacas. A primeira tem como as freiras de Loudun o grande exemplo, e mesmo o livro *O Exorcista* (1971) de William Petter Blatty nos exemplifica de modo claro este conceito. Na possessão, o demônio se apossa do corpo da vítima e dispõe de seus órgãos e membros para, através deles, realizar suas ações, como acontece com a madre superiora Jeanne des Anges e

havia sido estabelecido com Des Noyers, de que o vampiro era um corpo possuído por um demônio que saía à noite a busca de sangue. Este era levado para o corpo que era seu domicílio no intuito de deixá-lo “moins infect & corrompu”<sup>233</sup>. O cadáver ficava então flexível e robusto como se estivesse vivo.

Devemos considerar também que para Marigner o povo russo seria susceptível às tentações da carne. De acordo com Vermeir (2010), isso indica que os vampiros são tratados pelo advogado como uma punição divina àqueles povos que se recusam a escutar “les missionaires françaises qui les invitaient à rejeter leurs superstitions!”<sup>234</sup>. Os vampiros seriam então, uma oportunidade de os mortos avisarem seus parentes por meio de suas aflições para que abandonassem a vida de pecado<sup>235</sup>.

### 2.3.2. DE MASTICATIONE MORTORUM IN TUMULIS

Filósofo alemão, Michaël Ranft publicou em 1728 o livro – proveniente de sua dissertação defendida na Universidade de Leipzig – *De Masticatione Mortorum in Tumulis*, que logo ganhou uma tradução francesa. Sua obra foi grandemente influenciada pelo caso de Kisilova, ocorrido três anos antes. Orem (2011) afirma que também é uma resposta ao tratado de Philipp Rohr, *De Masticatione Mortorum* (1679). Rohr tratou os mastigadores como algo maligno, afirmando que eles surgiam a partir da possessão demoníaca de um cadáver. Como *modus operandi*, mastigavam sua mortalha, seus corpos e às vezes, partes de cadáveres enterrados nas proximidades.

Ranft rejeitou essa teoria. Para ele o demônio não possuía poder tão grande a ponto de possuir um cadáver<sup>236</sup>. Ranft buscou eliminar Deus e o Diabo de suas explicações e discorrer sobre causas naturais e também sobre o poder da imaginação, que é algo central em sua teoria. Ele afirma

---

a menina Reagan. Possessão é algo interno. Por outro lado, a Obsessão – que em muitos casos é algo que precede a possessão – é um processo externo. O demônio age para prejudicar a pessoa e não se utiliza do corpo da vítima para os atos de maldade. É o caso de muitos filmes de terror sobre casas assombradas, como por exemplo, *Terror em Amityville* (1979) e *Invocação do Mal* (2013).

<sup>233</sup> “menos infectado e corrompido”. Cf. MARIGNER, 1694b, p. 113. [Tradução livre].

<sup>234</sup> “os missionários franceses que os convidam a rejeitar suas superstições”. Cf. VERMEIR, 2010, p. 8. [Tradução livre].

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>236</sup> SÁINZ, s/d, p. 24.

que aqueles que procuram relegar tudo a Deus ou ao Diabo “trahissent ouvertement leur ignorance en matière de science des pouvoirs de la nature”<sup>237</sup>. O vampirismo, portanto, assim como outros fenômenos fantásticos – tais como premonições através de sonhos e a crença de que o corpo de um assassinado sangraria na presença do assassino – devia ser explicado pelas “forces cachées dela nature”<sup>238</sup>.

O filósofo alemão atribui a mastigação a muitas razões diferentes, uma delas, de acordo com Sáinz (s/d), é o enterro prematuro. A fome e o desespero poderiam levar alguém sepultado vivo a devorar partes do próprio corpo. Já as aparições de mortos devia ser porque

Los más afortunados, es decir, los que estaban enterrados encima podían por fin salir de nuevo a la superficie provocando el pánico entre las gentes de la época quienes creían que aquella reaparición era debía a las artes maléficas reavivando aún más las supersticiones y en consecuencia el mito del reviviente.<sup>239</sup>

Já o barulho da mastigação poderia ser explicado não só pelo processo de decomposição, mas também pela mastigação dos ratos, que muitas vezes conseguiam cavar os túmulos e devorar os cadáveres. Sendo assim a mastigação não passava de uma criação da imaginação humana<sup>240</sup>, baseada em fenômenos que ainda não haviam sido explicados pela ciência, mas também muito influenciada pelas lendas de mortos-vivos.

Ranft acreditava que outros fenômenos que eram observados – o crescimento do cabelo e das unhas, a ereção, a nova pele... – poderiam ser explicados pela ciência médica ou pela magia natural. Um bom número dessas reações poderia ser atribuído à energia vital que permanecia no corpo mesmo após o falecimento do indivíduo. Ora, não podemos esquecer o que nos informou Ariès (2009) acerca das crenças médicas da época. Entre os séculos XVI e XVIII muitos médicos afirmavam que a morte só estava completamente consumada após a total decomposição do corpo, antes disto, o cadáver se encontrava em um estado de semi-morte, sendo assim, não é de se espantar que Ranft atribuísse uma força vital ao cadáver que ainda não havia sido decomposto para explicar reações que geralmente eram interpretadas como provas de vampirismo.

<sup>237</sup> “traem abertamente sua ignorância em matéria de ciência dos poderes da natureza”. Cf. RANFT, 1995, p. 16. [Tradução livre].

<sup>238</sup> “forças escondidas da natureza”. VERMEIR, 2010, p. 9. [Tradução livre].

<sup>239</sup> “Os mais afortunados, ou seja, os que estavam enterrados acima podiam por fim sair de novo à superfície provocando pânico entre as pessoas da época, as quais acreditavam que aquela aparição se devia às artes maléficas revivendo ainda mais as superstições e, em consequência, o mito do revivente”. Cf. SÁINZ, s/d, p. 14. [Tradução livre].

<sup>240</sup> VERMEIR, 2010, p. 10.

Foi com bastante ironia que comentou sobre a incorruptibilidade dos corpos, fenômeno que para a Igreja Católica significava um indício de santidade:

Maintenant on peut se demander si, après sa séparation d'avec l'âme, le corps peut demeurer indemne de corruption. [...] les Papistes soutiendraient sans doute ce principe, en rejetant toutes les raisons que les *vrais savants* qui *observent* les phénomènes naturels peuvent emprunter à la Nature. Pour les Papistes, l'affaire est entendue : ils rangent parmi les miracles la non-putréfaction de corps, afin de confirmer l'autorité de leur orthodoxie et de leur religion. Ne pensent-ils pas que le corps des saints se maintiennent pour toujours exempts de corruption ? C'est pour cela qu'ils ont admis un nombre de Saints tellement impressionnant que, si on voulait tous les fêter, un millénaire y suffirait à peine, quand on même on procéderait à une cérémonie par jour ; car toutes les fois qu'ils tombent sur un corps humain encore intact longtemps après la mort et exempt de pourriture, ils se figure qu'ils viennent de découvrir un saint encore inconnu au calendrier...<sup>241</sup>

Ranft concedeu elogios para os, em sua opinião, verdadeiros sábios que utilizavam a observação para a explicação de fenômenos. Nesta época muitos autores contestavam a santidade dos corpos não corrompidos, mesmo religiosos. Muitos se perguntavam qual seria a diferença entre o corpo de um santo, de um vampiro ou qualquer outro que permaneceu incorruptível<sup>242</sup>.

É clara então a tentativa do filósofo de secularizar a explicação do vampirismo, todos os que buscavam no mundo espiritual a explicação para esses fenômenos, apresentavam em sua opinião, uma “grande pauvreté philosophique”<sup>243</sup>, ou revelavam uma “pratique insuffisante de la Raison”<sup>244</sup>. Todavia, em seu trabalho ainda permanece uma esfera fantástica. Ranft admite que os “vampiros” podem, sim, influenciar maleficamente a vida dos vivos. Contudo isso nada diz respeito a Deus ou ao Diabo e sim à imaginação. Como exemplo, a imaginação de mulheres grávidas tinha poderes para afetar o feto. Doenças poderiam ser contraídas apenas pelo medo. Os rituais mágicos, as poções e os encantamentos não teriam outro efeito a não ser o de excitar a imaginação das pessoas. Nisto residiam os seus efeitos.

---

<sup>241</sup> “Agora podemos perguntar-nos se, após sua separação da alma, o corpo pode permanecer isento de corrupção. [...] os Papistas sustentariam sem dúvida esse princípio, rejeitando todas as razões que os *verdadeiros sábios* que *observam* os fenômenos naturais podem emprestar da Natureza. Para os Papistas o assunto é compreendido: eles estão entre os milagres da não-putrefação dos corpos, a fim de confirmar a autoridade de sua ortodoxia e de sua religião. Não pensam eles que os corpos dos santos se mantêm para sempre isentos de corrupção? É por isto que admitem um número de santos realmente impressionante que, se quisermos celebrar a todos, um milênio dificilmente seria o suficiente, mesmo se realizássemos uma cerimônia por dia; pois toda a vez que tropeçam em um corpo humano ainda intacto mesmo após muito tempo passado de sua morte e isento de putrefação, eles imaginam que acabaram de descobrir um santo ainda desconhecido do calendário”. [Grifos nossos]. Cf. RANFT, 1995, p. 72. [Tradução livre].

<sup>242</sup> CEGLIA, 2011, p. 500.

<sup>243</sup> “uma grande pobreza filosófica”. Cf. RANFT, 1995, p. 16. [Tradução livre].

<sup>244</sup> “uma prática insuficiente da Razão”. Cf. *Ibidem*, p. 17.

Aplicando isso ao caso dos vampiros, quando um parente morria a família entrava em estado de luto e essa tristeza poderia causar diferentes efeitos nas pessoas. Juntando à tristeza a crença no purgatório e as histórias sobre aparições de mortos e os vampiros, alucinações poderiam ser criadas, tão fortes que poderia até mesmo levar uma pessoa à morte<sup>245</sup>. Entretanto esse não é o ponto que chama mais atenção nesta dissertação e sim a afirmação de que a imaginação não cessa com a morte. No caso de Kisilova, Ranft sugere que a imaginação de Plogojowitz pode ter sido a causa das mortes, pois ela tem o poder de dirigir seus efeitos a pessoas específicas<sup>246</sup>.

Se por um lado *De Masticatione Mortorum in Tumulis* (1728) nega a influência divina ou demoníaca no que diz respeito aos vampiros e afirma que essas explicações eram devido à ignorância e ausência da Razão para explicar os fenômenos, por outro ele admite que existem forças escondidas na natureza, as quais ele, por utilizar a Razão, não ignorava. A imaginação também possui um papel completamente fantástico. O morto conseguia influenciar na vida dos vivos mesmo dentro do caixão. Como a morte só estava completamente consolidada com a decomposição do corpo, para Ranft era completamente natural que as aflições cessassem com a decapitação e incineração do suposto vampiro.

### 2.3.3. DISSERTAZIONE SOPRA I VAMPIRI

Nascido em 29 de agosto de 1665 em Bari, Giuseppe Davanzati ingressou na Universidade de Nápoles aos 15 anos. Três anos depois, mudou-se para a Universidade de Bologna a fim de concluir os estudos para o sacerdócio. Por um breve momento em sua vida representou o papa em Viena durante o reinado de Carlos VI, o que lhe rendeu uma promoção como arcebispo de Trani. Na última década de vida atuou enquanto patriarca de Constantinopla. Faleceu aos 90 anos, em 1755<sup>247</sup>.

A dissertação do padre italiano Giuseppe Davanzati acerca dos casos de vampiros teve sua escrita muito influenciada pelos recentes casos ocorridos nos países da Europa oriental e que

---

<sup>245</sup> VERMEIR, 2010, p. 11.

<sup>246</sup> *Idem*.

<sup>247</sup> MELTON, 2008, pp. 111-112.



se tornaram famosos nos países ocidentais<sup>248</sup>. Nesse momento, *Visum et Repertum* já havia sido publicado e a *vampire craze*<sup>249</sup> já havia tomado a Europa. O religioso inicia sua obra contando sobre uma conversa que uma vez teve em Roma com o bispo de Olomouc. Este havia recebido alguns dias antes um relatório em que seus ministros o informaram que a doença dos vampiros estava se espalhando rapidamente por sua diocese, a Morávia<sup>250</sup>. Até esse momento a Igreja não havia se pronunciado claramente nem oficialmente sobre este fenômeno.

Francesco Ceglia (2011) compara a obra do antigo arcebispo de Trani com o modo como Jean Baptiste de Boyer escreveu suas *Lettres Juives*. Este autor afirmou haver apenas duas maneiras de acabar com a crença em vampiros: buscar explicações naturais ou negar completamente qualquer caso enquanto verdade, sendo que a preferência era pela segunda opção. O arcebispo, na visão de Ceglia, utilizou-se dessa mesma premissa dualista de Boyer.

Importante destacar que a Igreja Católica do século XVIII estava em um momento de crise. Influências iluministas e as reformas do Papa Benedito XIV faziam parte de um processo de transformação. De acordo com Keyworth (2010), o catolicismo setecentista procura reinventar-se e livrar-se de superstições e práticas de influência pagã. Benedito XIV declarou que os *revenants* não seriam nada mais do que alucinações e acusava os padres da Igreja oriental de alimentar essas crenças com o objetivo de receber pagamentos pelos exorcismos. Os argumentos de Davanzati não se distanciavam muito dos do Sumo Pontífice. Para o arcebispo, as crenças presentes nos países da Europa oriental deviam-se à corrupção e a credulidade e baixo nível educacional dos camponeses<sup>251</sup>.

Como vimos no tópico anterior a incorruptibilidade dos corpos passou a ser questionada até mesmo pela Igreja Católica. Antes da *Dissertazione* ser escrita já havia trabalhos que procuravam explicar a conservação dos corpos de maneiras diferentes, através de fenômenos naturais que iam da composição do solo à influência das estrelas<sup>252</sup>.

---

<sup>248</sup> A data de publicação é um tanto quanto controversa. Vieira (2011) e Melton (2008) afirmam que ela teria sido publicada em 1744. Ceglia (2011) afirma que ela foi escrita em 1739, mas manteve-se manuscrita até 1774, ano em que foi publicada, postumamente. Contudo, Ceglia também afirma que a forma manuscrita não a impediu de ser reproduzida e distribuída. O neto de Davanzati, que a publicou em 1774, escreveu que Pieter Burman considerou a *Dissertazione* o melhor livro sobre o assunto, ora, Burman faleceu em março de 1741, o que demonstra essa circulação da obra antes mesmo de sua publicação oficial. Cf. CEGLIA, 2011, p. 488.

<sup>249</sup> BARBER, 2010, p. 5.

<sup>250</sup> CEGLIA, 2011, p. 487.

<sup>251</sup> KEYWORD, 2010, p. 166.

<sup>252</sup> CEGLIA, 2011, P. 501.

Podemos incluir Davanzati nesse processo de reinvenção da Igreja elencado por Benedito XIV. Em um de seus escritos elogiou o trabalho de Galileu, que, nessa altura, ainda era considerado literatura proibida. Na visão do arcebispo, as leis da natureza eram invariáveis, ou seja, o que acontecia em seu tempo não era diferente do que acontecera no passado, logo, se os vampiros existissem não poderiam ser algo novo<sup>253</sup>. Grosso modo, os vampiros se assemelhavam aos fantasmas, contudo havia uma considerável diferença: a corporalidade. Tal aspecto pressupunha uma espécie de ressurreição, o que era completamente negado pela Igreja.

Para os católicos as aparições eram culpa das almas do Purgatório. Entretanto alguns setores da Igreja Ortodoxa e os protestantes negavam veementemente a existência do “third realm of the afterlife”<sup>254</sup>. Essa negação deixava apenas duas procedências para as aparições: o céu e o inferno. Os vampiros obviamente não eram divinos, logo, o poder do demônio estava se fazendo presente. Este poder, mais propriamente dito, era o poder de alterar a realidade. Essa visão era exatamente o que Davanzati não podia permitir, visto que lutava contra a excessiva pregação acerca dos poderes do Diabo<sup>255</sup> que tanto foram proferidas durante a Idade Média<sup>256</sup>.

Ceglia comenta ainda sobre o combate de Davanzati a uma noção de Diabo onipotente. O arcebispo de Trani procurou circunscrever os poderes do Demônio às leis naturais e desenvolveu em sua *Dissertazione* nove tópicos sobre os quais o poder diabólico não teria eficácia. São eles:

- 1) Raising the dead; 2) transgressing natural laws; 3) changing people into beasts; 4) changing a “species” into another, for instance iron into gold or water into wine; 5) making “therapeutics miracles”, such as restoring sight to one born blind or reattaching an amputated leg; 6) being everywhere, but only in a circumscribed and specific place; 7) knowing the future; 8) making people ill and acting on forces of nature (winds, currents etc.); 9) appearing under the form of incubuses and succubuses, which did not exist.<sup>257</sup>

Além disso, qualquer atitude por ele tomada deveria ter a prévia permissão de Deus, tal como é descrito na história bíblica de Jó – a qual foi muito citada por Calmet (1751).

<sup>253</sup> CEGLIA, 2011, p. 492.

<sup>254</sup> “terceiro domínio da vida-após-a-morte”. Cf. *Idem*. [Tradução livre].

<sup>255</sup> *Ibidem*, 493.

<sup>256</sup> O Diabo, no contexto medieval, “era uma força onipresente, sempre pronta a aproveitar-se dos instintos mais fracos do homem e a afastá-los, pela tentação, para os caminhos do mal”. Cf. THOMAS, 1991, p. 381.

<sup>257</sup> “1) levantar os mortos; 2) transgredir leis naturais; 3) transformar pessoas em bestas; 4) transformar uma “espécie” em outra, assim como ferro em ouro ou água em vinho; 5) realizar “milagres terapêuticos”, tais como restaurar a visão de alguém nascido cego ou recolocar uma perna amputada; 6) estar em qualquer lugar, mas somente em um lugar específico e circunscrito; 7) saber o futuro; 8) fazer pessoas ficarem doentes e agir sobre as forças da natureza (ventos, correntes, etc.); 9) aparecer sobre a forma de incubus e súcubus, os quais não existem”. Cf. DAVANZATI, 1774, pp. 73 – 85 *apud* CEGLIA, 2011, p. 494. [Tradução livre].

Procurando negar a existência dos vampiros, o que considerava um absurdo, e buscando, em conformidade com os ideais de reforma pela qual parte considerável da Igreja passava no século das Luzes – visto o título do décimo quinto capítulo da *Dissertazione: Che l'apparizione de' Vampiri non sai altro che puro effeto di Fantasia*<sup>258</sup> –, Davanzati, nas palavras de Melton (2008):

concluiu que os relatos sobre vampiros eram fantasias humanas – embora provavelmente de origem diabólica. Grande parte do argumento de Davanzati girava em torno da tendência do vampiro em aparecer para os analfabetos e camponeses de classes mais baixas – pessoas que se acreditava serem mais facilmente enganadas por tais aparições do que pessoas mais letradas. Davanzati surgiu como uma autoridade italiana proeminente em vampiros. Seu trabalho foi reimpresso em 1789, e suas opiniões vieram a ser aceitas pela maioria das pessoas que exerciam o poder, tanto no seio da igreja como no controle político. Entretanto, seu trabalho logo foi ofuscado pelo tratado de seu erudito colega **Dom Augustin Calmet**. O trabalho acadêmico de Calmet, publicado apenas dois anos depois do tratado de Davanzati<sup>259</sup>, não apoiava as duras conclusões de seu colega. Através de Calmet, o assunto de vampiros alcançou tanto a comunidade intelectual como os responsáveis pela política na Europa de uma forma que a tese de Davanzati não poderia ter feito.<sup>260</sup>

Na Itália, diferentemente da França, muitos acabaram apoiando e compartilhando as ideias do arcebispo. Na *Dissertazione* a imaginação também possuía um lugar de destaque. Ela poderia influenciar a visão de coisas que não existiam, causar confusões. Era a imaginação de uma pessoa que poderia influenciar a de outra e assim sucessivamente até que estivesse instalada uma verdadeira paranoia<sup>261</sup>.

Esses autores que aqui apresentados compõem a tradição da literatura vampírica não ficcional pré-Calmet. Pode-se observar como do *Le Mercure Galant* até a *Dissertazione Sopra i Vampiri* o Iluminismo, em especial a crença na capacidade humana de desvendar mistérios, e o empirismo, influenciaram nas análises vampíricas. Houve uma tentativa de secularização da explicação, embora apenas Ranft chegue mais próximo de excluir o elemento religioso. Outro sacerdote católico que se empenhou nos estudos sobre os vampiros foi Dom Augustin Calmet, que diferentemente de seu colega italiano não desvalorizou as crenças e tradições das regiões nas quais

<sup>258</sup> “Que a aparição de Vampiros não é nada além de puro efeito de Fantasia” [tradução livre].

<sup>259</sup> Ou seja, em 1746. Devemos lembrar que Melton, assim como Vieira (2011), considera que a *Dissertazione Sopra i Vampiri* foi publicada em 1744.

<sup>260</sup> MELTON, 2008, p. 112 [grifo do autor].

<sup>261</sup> CEGLIA, 2011, p. 509.

os relatos apareceram e dar crédito a estes, buscando assim uma explicação natural que melhor se encaixasse, visto a não existência de precedentes bíblicos para tais acontecimentos.

### 3. DOM CALMET: O MONGE PESQUISADOR

Dom Augustin Calmet nasceu em 16 de fevereiro de 1672 em Minil-la-Horgne, na França. Ingressou para a ordem dos beneditinos em 1688 e oito anos depois foi ordenado padre. Lecionou filosofia e teologia na Abadia de Moyen-Moutier. Inicialmente dedicou-se a escrever os 23 volumes de comentários sobre a interpretação dos livros da Bíblia<sup>262</sup>, o que o tornou muito conhecido entre os eruditos católicos<sup>263</sup>. Após uma temporada em Paris, Calmet retornou a Lorena e dedicou-se a trabalhos mais históricos, como o *Histoire de l'Ancien et du Nouveau Testament et des Juifs* (1718). Ainda escreveu um volume de história universal e outro, mais específico, sobre a história de Lorena<sup>264</sup>.

Mesmo com sua vasta obra acerca da interpretação do livro sagrado cristão, Calmet entrou para a história como um dos primeiros – e principais – especialistas em vampiros. Uma alcunha um tanto quanto reducionista visto que sua obra, *Dissertation sur les apparitions des anges, des demons et des esprits, et sur les revenans et vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie*<sup>265</sup>, publicada 1746, abarcava muitos outros aspectos do sobrenatural, além dos vampiros.

Analisando diversos casos sobre aparições de mortos, anjos, demônios e os recentes relatos sobre vampiros, além de comentar sobre o poder de Deus e do Diabo, a obra teve uma reedição em 1749. A terceira edição – publicada em 1751 – foi revisada e ampliada pelo próprio autor e teve seu nome modificado. O *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.*, foi dividido em dois tomos. Esta terceira edição foi utilizada para a análise neste trabalho e está disponível para consulta e *download* gratuitos no site da Biblioteca Nacional da França.

Neste terceiro capítulo analisamos esta famosa obra de Calmet buscando entender suas concepções acerca do conceito de natural e o modo como conciliou suas pesquisas e as conclusões com os dogmas da religião católica. Importante ater-se também aos diferentes meios pelos quais buscou explicar, a partir do natural, as aparições de mortos e como propôs uma explicação racional para os casos tidos como “inexplicáveis”.

<sup>262</sup> *Commentaire littéral sur tous les livres de l'Ancien et du Nouveau Testament* (publicado a partir de 1707).

<sup>263</sup> MELTON, 2008, p. 65.

<sup>264</sup> MARTIN, 2007, p. 115.

<sup>265</sup> Dissertação Sobre a Aparição de Anjos, Demônios e Espíritos, e sobre os *revenans* e vampiros da Hungria, Bohemia, Morávia e Silésia. [Tradução livre].

### 3.1. SUA LEGITIMAÇÃO COMO PESQUISADOR

Calmet inicia o primeiro tomo de sua obra buscando se legitimar como pesquisador. Sua obra, afirma, é destinada àqueles que “examinent les choses sérieusement & de sang froid”<sup>266</sup>, àqueles que não se contentavam com as verdades conhecidas e que com maturidade procuravam duvidar do incerto e negar o que seria falso. O beneditino também ironiza os que se classificam enquanto *Esprits forts*<sup>267</sup>, que

rejetent tout pour se distinguer & pour se mettre au-dessus du commun, je les laisse dans la sphere de leur élévation : ils penseront de mon ouvrage ce qu’ils jugeront à propos ; & comme il n’est pas fait pour eux, apparemment ils ne prendront pas la peine de lire.<sup>268</sup>

Seu objetivo, segundo ele próprio, é o de formar uma ideia justa sobre o que já havia sido dito acerca das aparições de anjos, demônios e almas separadas dos corpos – além é claro, dos casos de vampiros. Calmet aspira definir, dentro dessa temática, o certo e o incerto, o verdadeiro e o falso<sup>269</sup>, objetivos estes que condizem com o esclarecimento pregado por diversos pensadores da época. Recordemos da imperatriz Maria Teresa, a qual buscou, durante seu reinado, imprimir uma racionalização na corte, tendo por consequência a diminuição da perseguição aos bruxos e às bruxas. A soberana do império Habsburgo, assim como Calmet, não ignorou os casos de vampiros provenientes de suas recém-conquistadas possessões territoriais e chegou a enviar equipes compostas por médicos e oficiais do exército para averiguar a veracidade de tais notícias<sup>270</sup>.

Após se apresentar como pesquisador apto, Calmet busca legitimar seu objeto de pesquisa – algo que reitera nos dois tomos. Para ele, visto o respeito que se deve ter à verdade e a veneração que se deve à religião, era importante pesquisar, sanar dúvidas e esclarecer as opiniões iludidas ou

<sup>266</sup> “examinam as coisas seriamente e a sangue frio”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. II. [Tradução livre].

<sup>267</sup> Algo similar a “pensadores de mente forte”.

<sup>268</sup> “rejeitam tudo para se distinguir e para se colocar acima do comum, eu os deixo na esfera de sua elevação: eles pensarão de meu trabalho o que bem entenderem, e como este não é feito para eles, aparentemente não terão nem o trabalho de lê-lo.”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, pp. II – III. [Tradução livre].

<sup>269</sup> *Ibidem*, p. III.

<sup>270</sup> Sendo que muitas vezes – como vimos no capítulo anterior – os casos eram atestados enquanto verdadeiros.

enganadas acerca dessa temática. Aspirava isso, pois em sua opinião, era vergonhoso se enganar, contudo, persistir voluntariamente no engano ou saciar-se com explicações supersticiosas era perigoso, sobretudo em matéria de religião<sup>271</sup>.

Interessante notar que primeiramente são referenciadas as aparições de anjos, demônios e almas, que não constituem seu objeto principal. Muito provavelmente, por se tratar de um objeto não usual a pesquisas científicas, nem a tratados religiosos, Calmet tenha tido este cuidado de introduzir seu objeto aos poucos, primeiro defendendo sua pesquisa e depois explicando com cautela seu objeto de pesquisa principal: os vampiros da Hungria<sup>272</sup>. O material relacionado a outros tipos de aparições foi encontrado enquanto o beneditino separava o material sobre vampiros. Devido ao grande número de relatos, decidiu também as incluir em seu trabalho.

Sobre sua metodologia, Calmet afirma que se utilizou de três vertentes: a histórica, a filosófica e a teológica. A partir da perspectiva histórica, afirma, seria possível encontrar a verdade dos fatos. Enquanto filósofo examinaria as causas e as circunstâncias. Com a teologia seria possível analisar as consequências e reportá-las à religião<sup>273</sup>. Sendo assim, busca estabelecer uma diferenciação com autores contemporâneos que, em sua opinião, “racontent simplement les faits sans entrer dans l’examen des circonstances”<sup>274</sup>.

Outro ponto importante é o de trazer ao conhecimento público as antigas superstições, opiniões e os preconceitos com o intuito de refutá-los, trazendo assim, a verdade à tona. Calmet busca legitimar seu trabalho com a prerrogativa da ilustração. O padre aspira à verdade, ao conhecimento, ao esclarecimento sobre assuntos tidos por outros pensadores enquanto meras superstições e não merecedores de um estudo sério. Para isso atende a uma metodologia disseminada na época e demonstra a toda ocasião seus argumentos e os respectivos embasamentos.

Calmet não propõe colocar em dúvida as aparições relatadas na Bíblia. De acordo com o autor, a inspiração dos homens que escreveram os livros sagrados é infalível na verdade. Portanto, todas as aparições relatadas no novo e no velho testamentos seriam citadas, contudo não explicadas<sup>275</sup>. Entretanto, estas não são citadas sem razão, e sim com o objetivo de esclarecer de

<sup>271</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. IV.

<sup>272</sup> Como já explicamos no primeiro capítulo, há um pequeno equívoco geográfico. Calmet remete os casos de vampiro na Hungria, quando na realidade eles ocorreram na região da Sérvia. O complexo contexto político abordado no capítulo 2 também nos auxilia na compreensão desse equívoco.

<sup>273</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. VIII.

<sup>274</sup> “contam simplesmente os fatos sem fazer um exame das circunstâncias”. Cf. *Ibidem*, p. X. [Tradução livre].

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. XXI.

que modo Deus havia operado no que concerne a esse assunto. Calmet, assim como Davanzati, questionava a onipotência do poder do Diabo, relegando a Deus as permissões e proibições.

São comentadas também as aparições de anjos, demônios e almas de defuntos. Calmet estabelece aqui uma dualidade. Enquanto algumas pessoas as tomavam por fenômenos constantes, outras nem ao menos se importavam com o assunto. Enquanto pesquisador sua posição seria outra, a de tratar o assunto para verificar até que ponto ele poderia ser considerado<sup>276</sup>.

### 3.2. APARIÇÕES DE ANJOS E DEMÔNIOS

Frequentes no velho testamento, as aparições de bons anjos geralmente se dão com o objetivo de uma anunciação. A maneira mais comum é através da forma humana, como os relatos de profetas e da Virgem Maria. O autor também seleciona os poucos relatos em que as criaturas celestes não aparecem em forma humana, como por exemplo o arbusto ardente relatado por Moisés.

O autor cita também as aparições comuns nos livros sagrados cristão, judeu e islâmico. Os dois primeiros possuem diversos pontos em comum – principalmente se considerarmos o Velho Testamento. Para os muçulmanos os anjos também apareceriam em forma humana, como por exemplo, o anjo Gabriel quando de sua revelação a Maomé. Calmet contesta, baseado em estudos teológicos católicos, os que afirmam que anjos e demônios possuem corporalidade:

Je reconnois que dans leurs systême la matiere des Apparitions s'expliqueroit plus commodément : il est plus aisé de concevoir qu'une substance corporelle apparaisse, & se rende sensible à nos yeux, que non pas une substance purement spirituelle ; mais il n'est pas question ici de raisonner sur une question philosophique<sup>277</sup>

O padre afirma que na doutrina católica “les Anges sont d'une nature entièrement déagée de la matiere”<sup>278</sup>. Esta era, em sua opinião, uma explicação mais complexa e que representava a verdade. A aparição dessas criaturas não-corpóreas se dava, de acordo com a Igreja, somente pela

<sup>276</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. 1.

<sup>277</sup> “Reconheço que no seu sistema o assunto das aparições se explique mais comodamente: é mais fácil de conceber que uma substância corporal apareça, que uma substância não puramente espiritual; mas não é questão aqui de raciocinar sobre uma questão filosófica”. Cf. *Idem*. [Tradução livre].

<sup>278</sup> “os anjos são de uma natureza inteiramente desprendida da matéria”. Cf. *Ibidem*, p. 22. [Tradução livre].



permissão ou vontade de Deus. Esta temática das aparições não era inteiramente nova. Calmet reúne exemplos ao longo da história, como por exemplo, Homero que em sua obra *Odisseia*, narrou aparições de deuses e mortos.

Logo, historicamente falando

De tout ce que nous venons de dire il résulte, que les Apparitions des bons anges sont non-seulement possibles, mais aussi très-réelles ; qu'ils ont souvent apparu, & sous diverses formes ; que les Hébreux, les Chrétiens, les Mahométans, les Grecs, les Romains les ont crûes.<sup>279</sup>

Essas aparições, contudo, deram-se sob diferentes formas, uma questão que muito provocou indagações em Calmet. A primeira aparição diabólica relatada pelo livro sagrado cristão deu-se pela forma de serpente<sup>280</sup>. A serpente foi inclusive citada por santo Agostinho como o animal mais sujeito a sofrer efeitos de encantamentos e da magia. O demônio também, de acordo com o estudo, fez-se aparecer sob a forma de um dragão, sendo adorado pelos babilônicos.

A forma humana também é citada como um dos modos de aparição do Diabo. Seus objetivos são, segundo Calmet, a sedução e a firmação de um pacto – pensamento este firmado durante a Idade Média, como trabalham Baroja (1971) e Thomas (1991), principalmente quando da “explosão demoníaca” do século XIV sobre a qual discorre Delumeau (2009)<sup>281</sup>. Devido às sedições de Satã, diversos autores cristãos, como Paulo e Pedro aconselharam que os fiéis estivessem sempre alertas aos possíveis estratagemas malignos, sendo que um destes era a aparição do demônio enquanto um anjo de luz, o que iludiria as pessoas, que pensariam estar diante de algo divino<sup>282</sup>.

Interessante ressaltar este excerto que mostra a complexa relação entre a permissão divina e o poder diabólico:

---

<sup>279</sup> “De tudo o que comentamos resulta, que as Aparições de bons Anjos são não somente possíveis, mas também muito reais; que eles apareceram com frequência e sobre diversas formas; que os Hebreus, os Cristãos, os Maometanos, os Gregos, os Romanos nelas acreditaram”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. 35. [Tradução livre].

<sup>280</sup> Remetendo à história de Adão e Eva segundo a qual a mulher foi tentada pela serpente a comer o fruto proibido por Deus.

<sup>281</sup> São provenientes do século XIV os primeiros processos da Inquisição que Ginzburg estudou envolvendo os *benandanti*. O historiador analisa o modo com que os inquisidores moldavam, com suas perguntas, as declarações dos réus de modo com que fossem considerados feiticeiros, mesmo que seu objetivo fosse combatê-los. Cf. GINZBURG, 1988.

<sup>282</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. 45.

On peut mettre parmi les Apparitions de Satan les mortalités, les guerres, les tempêtes, les calamités publiques & particulieres que Dieu envoi aux Nations, aux Provinces, aux Villes, aux familles, à qui le Tout-puissant fait ressentir les effets terribles de sa colere & de sa juste vengeance.<sup>283</sup>

Neste trecho Calmet comenta que mesmo as aparições do Diabo – que estão envolvidas, muitas vezes, com fatores naturais – dão-se a partir da permissão divina<sup>284</sup>. O monge também afirma ser difícil classificar certos casos de bons ou maus anjos devido ao fato de que Deus muitas vezes envia os bons anjos para realizar sua vingança. Em seguida comenta que a magia, os incubos e súcubos e os encantamentos seriam obra de Satã, mas não fica claro se também estes estariam sob a jurisdição e a permissão divina ou se seriam uma afronta.

### 3.3. SOBRE A MAGIA, AS BRUXAS E A INFLUÊNCIA DO DIABO

No capítulo intitulado *De la Magie*, o autor afirma que era muito comum pensar a magia enquanto fruto da imaginação de mentes fracas, influenciadas pelo discurso do excessivo poder demoníaco – como analisa Thomas (1991) – ou enganados por impostores. Os principais parlamentos da Europa, assim como vimos em Klaniczay (1987), não mais condenavam pessoas acusadas somente de feitiçaria.

Para Calmet é importante “prouver la réalité de la Magie par l’Ecriture sainte, par l’autorité de l’Eglise, & par le témoignage des Ecrivains les plus sérieux, & les plus sensés”<sup>285</sup>. Em sua opinião eram os próprios feiticeiros e bruxas que, muitas vezes, sustentam a não realidade da bruxaria. Na Bíblia, afirma, há uma série de relatos mágicos entre os hebreus e os egípcios, principalmente.

O monge francês afirma que muitos acreditavam que a magia aparecia nestas passagens bíblicas porque fazia parte da crença daqueles povos, entretanto ainda defende sua existência.

<sup>283</sup> “Podemos classificar junto às Aparições de Satã as mortalidades, as guerras, as tempestades, as calamidades públicas & particulares que Deus envia às Nações, às Províncias, às Cidades, às famílias, a quem o Todo-poderoso faz ressentir os efeitos terríveis de sua cólera e de sua justa vingança”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. 49. [Tradução livre].

<sup>284</sup> Calmet cita a décima praga da história de Moisés. Esta teria consistido no envio de um anjo da morte que teria tirado a vida dos primogênitos egípcios.

<sup>285</sup> “provar a realidade da Magia pelas Escrituras sagradas, pela autoridade da Igreja, & pelos escritores mais sérios e mais sensatos”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. 54. [Tradução livre].

Reconhece a presença de charlatões que deveriam ser condenados criminalmente por engarem a população e que exatamente por essa ofensiva contra a população o demônio ganhava espaço em muitas explicações que não tinham relação com o sobrenatural. Contudo, o demônio ainda poderia se fazer presente na sociedade o que exigiria dos fiéis uma resistência contra as investidas do Diabo<sup>286</sup>.

Calmet assume que a magia existe e é produto do Diabo, todavia, na maioria dos casos, o charlatanismo é seria a explicação mais condizente com a realidade:

[...] pour l'ordinaire ce qu'on prend pour des effets de la Magie noire, n'est que la production de la friponnerie des Prêtres, des Magiciens, des Devins, & de toutes ces sortes de gens qui abusent de la simplicité de gens & de la crédulité du peuple : je ne nie pas que le Démon s'en mêle quelque fois, mais plus rarement que l'on ne s' imagine.<sup>287</sup>

Podemos observar uma influência do pensamento iluminista neste anseio pela racionalização. Calmet deseja separar os casos reais de *influência demoníaca* – destaco este termo propositalmente, pois é importante tê-lo em mente – dos casos fantasiosos propagados por charlatões que almejavam enganar a população. Estando na posição de um religioso, não podia negar totalmente a existência da magia e das tentações malignas devido aos relatos bíblicos que as sustentavam, contudo, na posição de pesquisador poderia questionar a veracidade através de uma metodologia, de uma pesquisa em busca de provas. Seguindo isto, não estaria cometendo heresia alguma ao duvidar de casos de magia, pois não estaria duvidando da existência de um poder mágico, mas sim buscava a comprovação da veracidade, para evitar confusões envolvendo enganadores.

Uma importante questão se coloca: a dos limites do poder do Diabo. Como visto no capítulo anterior, a Igreja Católica passava no século XVIII por uma mudança de pensamento, descreditando na extensão do poder diabólico onipotente e onipresente – a qual foi propagada por teólogos medievais. O italiano Giuseppe Davanzati foi um dos religiosos que procurou confrontar essa imagem, considerando o demoníaco como subjugado ao divino. Em sua obra coloca a culpa dos relatos de vampiros na dieta dos europeus orientais, que não os sustentando corretamente, os

<sup>286</sup> CALMET, 1751, tomo I, pp. 64 – 71.

<sup>287</sup> “[...] por ordinário, aquilo que tomamos como efeito da Magia negra, não passa de produção de canalhices de Padres, de Mágicos, de adivinhos, & de todos os tipos de pessoas que abusam da simplicidade & da credulidade do povo: eu não nego que o Demônio se envolve algumas vezes, porém mais raramente do que se imagina”. Cf. *Ibidem*, p. 88. [Tradução livre].

deixariam suscetíveis a alucinações. Calmet igualmente procurou mostrar os limites do poder diabólico. “Le Démon qui est d’une nature spirituelle, ne peut rien sans la permission de Dieu, dont les jugements sont toujours justes”<sup>288</sup>.

O autor contesta certos poderes que eram relegados ao Diabo:

[...] le Démon ne peut ni changer la nature ni de l’esprit, ni du corps de l’homme, pour le transformer en bête, mais seulement agir sur la fantaisie ou l’imagination de l’homme, & lui persuader qu’il est ce qu’il n’est pas, ou qu’il paroisse aux autres différent de ce qu’il est ; ou qu’il demeure profondément endormi, & qu’il croye porter pendant cet assoupissement des fardeaux que le Démon porte pour lui ; ou qu’il fascine les yeux de ceux qui croient les voir porter par des animaux, ou par des hommes métamorphosés en animaux.<sup>289</sup>

Neste trecho notamos a questão da influência demoníaca. Deus, devido à natureza espiritual do Diabo, necessita permitir que este aja. Sua ação não se dá diretamente sobre a matéria. Com isto Calmet nega a existência dos lobisomens – a licanthropia, aliás, é citada como uma doença da mente – e qualquer outra espécie de metamorfose. O Demônio teria, de acordo com o autor, um poder de influenciar, de aliciar, de tentar, de provocar a agir, mas não de utilizar seus poderes para alterar a realidade. Os modos de aliciamento, contudo, incluem a confusão dos sentidos, ver e ouvir coisas que não estão presentes realmente, como as alucinações. O Diabo, portanto, podia agir sobre a imaginação.

### 3.4. SOBRE A IMAGINAÇÃO

A imaginação é um tema importante para Calmet. Além da já comentada influência maligna, ela pode ser alterada por meio de ervas, plantas e medicamentos, o que pode ser gerador de relatos fantásticos de contatos com o sobrenatural<sup>290</sup>. O mesmo se aplica aos falsários. Como,

<sup>288</sup> “O Demônio que é de uma natureza espiritual, nada pode sem a permissão de Deus, cujos julgamentos são todos justos”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. 97. [Tradução livre].

<sup>289</sup> “[...] o Demônio não pode modificar a natureza nem de espírito, nem do corpo do homem, para transformá-lo em besta, mas somente agir sobre a fantasia ou a imaginação do homem, & o persuadir de que ele é o que não é, ou que ele pareça aos outros diferente do que é; ou que ele permaneça profundamente adormecido, & que ele creia carregar, durante esse sono, fardas que o Demônio carrega por ele; ou que ele fascine os olhos daqueles que creem os verem carregados por animais, ou por homens metamorfoseados em animais”. Cf. *Ibidem*, p. 97. [Tradução livre].

<sup>290</sup> *Ibidem*, pp. 98 – 99.

perguntava-se o beneditino, seria possível que várias pessoas acreditassem que alguém se transformou realmente em um animal em frente aos seus olhos? A resposta dada é o agir do demônio, não sobre a matéria, a pessoa, contudo, as testemunhas têm seus sentidos confundidos e adulterados pelo poder de Satã. Isso justificaria o que foi dito anteriormente sobre se armar e estar sempre atento aos estratagemas diabólicos.

Passemos, pois, para o que o autor comenta sobre os feiticeiros e feiticeiras que, de acordo com ele, prestam culto ao Diabo durante o Sabá<sup>291</sup>. Os relatos são recheados de momentos e presenças sobrenaturais. Essa visão do Sabá a que Calmet presta referência é a mesma que Ginzburg analisa em seus livros, *Os Andarilhos do Bem* (publicado originalmente em 1966) e *História Noturna* (publicado originalmente em 1989), a qual podemos, mesmo que genericamente, definir pelo primeiro parágrafo da introdução de *História Noturna*:

Bruxas e Feiticeiros reúnem-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes chegavam voando, depois de ter untado o corpo com unguentos, montando bastões ou cabos de vassoura; em outras ocasiões, apareciam em garupas de animais ou então transformados eles próprios em bichos.<sup>292</sup>

Em *Andarilhos do Bem*, o historiador italiano nos mostra como a pressão inquisitorial manipulava os discursos dos *benandanti* para acusá-los de bruxaria. A visão de Sabá que persistia ainda na época de Calmet era essa, propagada pelos inquisidores. Contudo, uma mudança no discurso se deu por influência do racionalismo. Calmet afirma “vouloir donner une description du Sabbat, c’est vouloir décrire ce qui n’existe point, & n’a jamais subsisté que dans l’imagination creuse & séduite des Sorciers & Sorcieres”<sup>293</sup>, ou seja, as descrições tais como chegaram nos inquisidores eram apenas fruto da imaginação dessas pessoas julgadas como tendo a mente fraca.

Nota-se, no entanto, uma mudança. Do Sabá relatado como uma festa de bruxas e bruxos em que ocorriam orgias e adorações ao Diabo para o Sabá fruto de uma imaginação fraca – ou doente, como Calmet, às vezes, denomina. Outra mudança foi sobre a marca do Diabo, deixada no bruxo ou na bruxa que o identificaria como praticante da magia. Esta marca seria uma região sem sensibilidade do corpo. O beneditino afirma que marcas podem ser encontradas em qualquer pessoa

<sup>291</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. 137.

<sup>292</sup> GINZBURG, 2012, p. 9.

<sup>293</sup> “querer dar uma descrição do Sabá, é querer descrever o que não existe, & jamais subsistiu a não ser na imaginação oca e seduzida dos Feiticeiros e Feiticeiras”. Cf. CALMET, 1751, tomo I, p. 138. [Tradução livre].

e que a questão da sensibilidade pode dar-se por doença, efeito de drogas ou mesmo naturalmente<sup>294</sup>.

O Sabá, conforme Ginzburg (1988; 2012), não contava com a presença física dos envolvidos, mas sim com a presença extracorpórea do espírito. Tal qual os *benandanti*, os bruxos poderiam deixar seus corpos quando do momento das reuniões. Mesmo que certos historiadores analisados por Calmet afirmem que isso era possível através de certas drogas, o religioso toma apenas como fruto da imaginação.

Calmet apresenta a história da possessão espiritual envolvendo Louis Gaufredi, pároco da Paróquia *des Accouls* em Marselha, e Magdalaine de la Palud, uma menina de nove anos. Em 1611, o tio do citado pároco, também um padre, teria lhe enviado, antes falecer, um caderno com seis folhas escritas. Cada folha continha apenas dois versos em francês na parte inferior. Os escritos estavam em números e caracteres irreconhecíveis. Gaufredi o guardou por cinco anos em uma gaveta. Quando finalmente abriu o caderno e leu os versos o Diabo apareceu oferecendo-lhe a concessão de seus desejos em troca de sua dedicação. Um dos desejos do pároco seria conquistar o amor da menina Magdalaine, sua devoção ao diabo, contudo, resultou possessão da menina por um demônio. Quando o caso se resolveu a menina afirmou que tudo o que ela havia falado contra Gaufredi, no que concerne à magia e à devoção ao demônio, enquanto estava supostamente possuída, foi fruto de sua imaginação. O pároco, ao final, foi condenado não por magia, considerada um motivo imaginário, mas sim por um crime concreto: o estupro da garota.

Calmet utiliza esta declaração para, novamente, demonstrar que muitas vezes há algo além do que é tido por sobrenatural. Também afirma que não há possibilidades de a menina ter sido possuída espiritualmente, contudo isso não significa negar que Deus, por vezes, permite ao Diabo influenciar – e enfatiza novamente o *influenciar* contra o *agir* – na vida das pessoas.

Muitas das possessões e obsessões relatadas no Novo Testamento, afirma Calmet, eram manifestações de doenças. Os judeus daquela época atribuíam as penúrias e doenças ao demônio. Contudo, a realidade das possessões e obsessões não poderia ser posta em dúvida, pois são provadas pela autoridade eclesiástica e pelas sagradas escrituras cristãs<sup>295</sup>. O próprio Cristo livrou corpos do controle diabólico. Calmet ainda traz outros relatos mais contemporâneos de possessões, como por exemplo, as possessões das freiras ursulinas de Loudun, para demonstrar que nem todos

---

<sup>294</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. 141.

<sup>295</sup> *Ibidem*, p. 194.

os casos são pura imaginação e que a Igreja tinha o poder de expulsar os demônios de corpos possuídos, entretanto a possessão era vista como alternativa apenas após a exclusão de todas as outras possibilidades – como, por exemplo, doenças e o efeito de drogas. Contudo, é importante saber que elas são reais, pois tratar tudo como imaginação desviaria a atenção da obra do Diabo, deixando-o mais livre. Também é interessante um relato que Calmet apresenta no qual o possuído afirma, durante o interrogatório dos exorcistas, que somente a fé católica era a verdadeira e que o luteranismo e o calvinismo eram falsas crenças<sup>296</sup>.

Identificar a obra demoníaca não era uma tarefa fácil. Calmet afirma que o Diabo mistura suas ilusões em meio a verdades, o que tornava difícil distinguir o real do ilusório, o verdadeiro do falso. Além disso, essa confusão permitia aos incrédulos sustentar suas opiniões<sup>297</sup>. Calmet, em muitos pontos, vai ao encontro de pressupostos iluministas de explicar os fenômenos pelo uso da Razão. Contudo, para ele, era necessário “revenir à la doctrine de la raison, pour décider de la soumission qu’on doit à toutes les autorités de l’Ecriture & des Peres sur la puissance des Démons”<sup>298</sup>. A explicação pela Razão era completamente legítima, entretanto, Calmet insistia na religião e nos ensinamentos do catolicismo. Ele combate as credices, assim como os iluministas, mas cada um em seu lugar e com suas ferramentas. O beneditino afirmava serem reais os casos em que o Diabo influenciava a vida de alguém, contudo eram menos comuns do que se acreditava e menos frequentes do que a Inquisição fazia parecer. Há que se distinguir, para Calmet, o verdadeiro do falso, a ilusão da realidade, o charlatanismo do sobrenatural.

### 3.5. FANTASMAS

Este mesmo discurso sobre a magia aplicava-se aos fantasmas. O beneditino afirmava ser necessário ter atenção para diferenciar as aparições verdadeiras – que são muito raras – das charlatanices. Delumeau (2009) cita algumas leis que garantiam que o locatário de uma casa mal-assombrada não precisaria pagar o aluguel. Também eram famosos os fantasmas que guardavam

---

<sup>296</sup> CALMET, 1751, tomo I, p. 201.

<sup>297</sup> *Ibidem*, p. 229.

<sup>298</sup> “retornar à doutrina da razão, para decidir sobre a submissão que devemos a todas as autoridades da Escritura & dos pais [da Igreja] sobre o poder dos Demônios”. Cf. *Ibidem*, p. 233. [Tradução livre].

tesouros. Por estarem protegendo riquezas foram relacionados aos demônios<sup>299</sup>. Calmet cita o historiador grego Pausânias, que relata que mesmo 400 anos após a batalha de Maratona ainda era possível ouvir à noite – sempre à noite – o relinchar dos cavalos e os gritos dos soldados. Esta história e a lei apresentada demonstram que a noção de “almas penadas” estava muito ligada a um lugar físico.

Para contrastar com relatos de indivíduos creditados – como Pausânias – são narradas algumas histórias de aparições de fantasmas e espectros comprovadamente falsas, como a de um casal que via um espectro luminoso em seu quarto. Tempos depois a esposa confessou que o “espectro” era apenas efeito de fósforos acesos que a criada, posicionada estrategicamente embaixo da cama, jogava para o alto.

Assombrações eram apenas besteiras e enganos para Calmet. Segundo Delumeau, “a morte institui uma separação total entre corpo e alma e esta não ronda o local em que o defunto viveu”<sup>300</sup>. A visão do beneditino não condizia com o pensamento médico da época, explorado por Ariès (2014). Lembremos que para os médicos a morte só era completa quando a putrefação já havia consumido o corpo totalmente.

Os fantasmas foram os grandes precursores dos vampiros. As duas criaturas eram pessoas mortas que apareciam para importunar os vivos, contudo a figura vampiresca implicava também na morte e, às vezes, transformação das testemunhas de tal aparição. O método de extermínio destes dois, entretanto, era o mesmo. Delumeau (2009) trata os vampiros sérvios como fantasmas, pois, assim como as bruxas e os *benandanti*, deixavam seu corpo falecido em espírito e atacavam as pessoas. Não fica claro quando o elemento da mastigação e, posteriormente, o ato de sugar sangue foram incorporados nestas lendas, contudo, Barber (2010) afirma que o “levantar do túmulo” foi adicionado por viajantes que não compreendiam corretamente as lendas que ouviam.

### 3.6. O FENÔMENO DOS VAMPIROS – UM TEMA DE PESQUISA LEGÍTIMO

O segundo tomo do tratado inicia-se com uma constatação de que

<sup>299</sup> Calmet afirma não haver motivos para que anjos também não possam guardar os tesouros.

<sup>300</sup> DELUMEAU, 2009, p. 127.



Chaque siècle, chaque nation, chaque pays a ses préventions, ses maladies, ses modes, ses penchans, qui les caractérisent, & qui passent & se succedent les uns aux autres ; souvent ce qui a paru admirable en un temps, devient pitoyable & ridicule dans un autre.<sup>301</sup>

Isso mostra que autor trata os vampiros como um fenômeno com espaço e temporalidade específicos, um conjunto de notícias que provocaram medo, admiração e despertaram curiosidade dos franceses – e também outros europeus. Calmet se propôs a analisar o vampirismo tal como fez com as aparições de anjos – bons e maus –, demônios, espectros e fantasmas, ou seja, buscar diferenciar o falso do verdadeiro, baseando-se para isso nas ciências, na medicina e na religião. O beneditino deixa bem claro que sua obra faz parte da “convulsão” que tomou seu tempo, a qual inclui Descartes e Newton, a busca pelo conhecimento, na efervescência do pensamento ilustrado<sup>302</sup>.

Em contraste a esse desenvolvimento intelectual, permaneciam os casos de mortos que se levantavam do túmulo para sugar o sangue dos vivos. O único modo de livrar-se deles era “les exhumant, les empalant, leur coupant la tête, leur arrachant le cœur, ou les brûlant”<sup>303</sup>. Como estudar temática tão bárbara, tão contrastante com a convulsão intelectual, e mais, por que tomar os vampiros como um tema a ser estudado? Calmet justifica sua escolha:

On donne à ces Revenans le nom d’Oupires, ou Vampires, c’est-à-dire sangsues, & l’on en raconte des particularités si singulieres, si détaillées, & revêtues de circonstance si probables, & d’information si juridiques, qu’on ne peut presque pas se refuser à la croyance que l’on a dans ces pays, que ces Revenans paroissent réellement sortir de leurs tombeaux, & produire les effets qu’on en publie.<sup>304</sup>

Para o religioso era importante não ignorar a cultura popular. Além disso, sendo os casos relatados tão detalhadamente a ponto de – como afirma o autor – tornar difícil a tarefa de refutá-los, Calmet, os analisa calmamente baseando-se na natureza e na teologia. O beneditino também

<sup>301</sup> “Cada século, cada nação, cada país tem suas prevenções, suas doenças, seus modos, seus pontos fracos, que os caracterizam, & que passam & se sucedem uns aos outros; frequentemente aquilo que pareceu admirável em um tempo, torna-se lamentável & ridículo em outro”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. II. [Tradução livre].

<sup>302</sup> *Ibidem*, p. V.

<sup>303</sup> “lhes exumar, lhes empalar, lhes cortar a cabeça, lhes arrancas o coração, ou lhes queimar”. Cf. *Ibidem*, pp. V – VI. [Tradução livre].

<sup>304</sup> “É dado a esses *Revenants* o nome de *Oupires*, ou Vampiros, que significa sanguessuga, & são contadas particularidades tão singulares, tão detalhadas, & revestidas de circunstâncias tão prováveis, & de informações tão jurídicas, que quase não se pode refutar a crença que se tem naqueles países, que estes *Revenants* parecem realmente sair de suas tumbas, & produzir os efeitos que são publicados”. Cf. *Ibidem*, p. VI. [Tradução livre].

utiliza a História para comparar os vampiros com outras espécies de mortos-vivos e lendas, mesmo que nela não exista nada como os recentes casos húngaros, poloneses e morávios<sup>305</sup>.

Primeiramente Calmet busca referências sobre o levantar dos mortos de suas tumbas na história do cristianismo. Afirma ele que a Antiguidade Cristã – o autor não especifica exatamente qual seria o recorte temporal – é recheada de relatos de mortos excomungados que se levantaram de suas tumbas e se retiraram da igreja após o padre ordenar a saída de todos os que haviam recebido a excomunhão. Não se poderia ignorar, segundo o beneditino, o fato de que muitos dos excomungados já haviam sido exumados de dentro dos templos.

Ainda sobre os que receberam o anátema da Igreja, Calmet aproveita para criticar os cristãos gregos ortodoxos:

La créance des nouveaux Grecs, qui veulent que les corps des Excommuniés ne pourrissent point dans leurs tombeaux, est une opinion qui n'a nul fondement, ni dans l'Antiquité, ni dans la bonne Théologie, ni même dans l'Histoire. Ce sentiment paroît n'avoir été inventé par les nouveaux Grecs Schismatiques, que pour s'autoriser & s'affermir dans leur séparation de l'Eglise Romaine. L'Antiquité Chrétienne croyoit au contraire, que l'incorruptibilité d'un corps étoit plutôt une marque probable de la sainteté de la personne, & une preuve de la protection particulière de Dieu sur un corps, qui a été pendant la vie le Temple de Saint Esprit, & sur une personne qui a conservé dans la justice & l'innocence le caractere de Christianisme.<sup>306</sup>

O beneditino criticava essa visão dos fiéis e clérigos gregos em várias passagens do tratado. Observemos que, enquanto um santifica, o outro condena. Lembremos de Oinas (2010) – citado no capítulo 1 – que afirmava que a ligação dos hereges com os vampiros na Rússia foi tão grande que a primeira palavra passou a ser sinônima da segunda, fazendo com que – nesta localidade – o termo *Upyr* caísse em desuso<sup>307</sup>.

Calmet afirma que os *Brucolaques* da Grécia são “Revenans d'une nouvelle espèce”<sup>308</sup> e considera inacreditável que tal nação pudesse cair em credices. Afirma ainda que a ignorância é algo disseminado entre os gregos, visto que nenhum eclesiástico ou outro escritor sequer buscou

<sup>305</sup> CALMET, 1751, tomo II, p. VII.

<sup>306</sup> “A crença dos novos Gregos, que reivindicam que os corpos dos Excomungados não se deterioram dentro de seus túmulos, é uma opinião que não possui nenhum fundamento, nem na Antiguidade, nem na boa Teologia, nem mesmo na História. Esse sentimento parece não ter sido criado pelos novos Gregos Cismáticos, a não ser para se autorizar & crescer em sua separação da Igreja Romana. A Antiguidade Cristã acreditava o contrário, que a incorruptibilidade de um corpo era mais uma marca provável da santidade da pessoa, & uma prova da proteção de particular de Deus sobre um corpo que havia sido durante a vida templo do Espírito Santo, & sobre uma pessoa que conservou na justiça & inocência o caráter do Cristianismo”. Cf. *Ibidem*, p. VIII. [Tradução livre].

<sup>307</sup> OINAS, 2010, pp. 35 – 36.

<sup>308</sup> “Revenants de uma nova espécie”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. IX. [Tradução livre].

desenganar a população em relação a esse tema. Segundo o beneditino, é a imaginação que faz com que a crença nos *Brucolaques* persista, logo, anuncia, não se dará nem ao trabalho de refutá-la<sup>309</sup>. Interessante notar que em um momento é afirmado que não se pode simplesmente ignorar os relatos de *revenants* e logo em seguida o autor tome esta atitude em relação aos gregos<sup>310</sup>.

Dois eram os tipos críticos a sua obra segundo ele próprio: os que tomavam os vampiros por reais e o acusariam de temeridade e presunção, e os que negavam completamente a existência dos mortos-vivos e por isso zombariam da “perda de tempo” que havia sido sua pesquisa. Contudo, persiste na opinião de que a temática dos sugadores de sangue era importante para a religião – e não menos para a ciência –, pois se o retorno dos mortos era real, tornava-se importante, portanto, prová-lo e defendê-lo. Seu compromisso, como já explicitado, era com a verdade, com o esclarecimento do assunto.

Foram propostos, de acordo com Calmet, quatro sistemas de explicação para as aparições de vampiros. O primeiro consistia em simplesmente negá-los e rejeitá-los, tratando as histórias como frutos da ignorância dos povos daquelas localidades. Um segundo defendia que os “mortos que levantavam de seus túmulos” não estavam realmente mortos, e sim foram enterrados erroneamente, causando confusões ao acordarem e saírem para fora do caixão. O terceiro sistema explicativo defendia que os *revenants* estavam realmente mortos, contudo, Deus permitiu a eles o retorno à vida através do antigo corpo. O último sistema explicativo elencado por Calmet defendia que os vampiros eram fruto do poder do Diabo, responsável pelo mal que acontecia aos homens e animais<sup>311</sup>.

Supondo que a ressurreição fosse real, Calmet elenca uma série de perguntas que deveriam ser feitas e respondidas, a fim de caminhar em direção à verdade. Entre elas: Como se dava tal ressurreição? Por meio de quais forças o morto voltava? Eram estas forças próprias ou de anjos e demônios? Tal fenômeno teve a permissão de Deus ou teria a ressurreição acontecido por vontade do próprio *revenant*?

O beneditino defende que o retorno à vida é um fenômeno que pertence somente à alçada divina. Todas as ressurreições relatadas na Bíblia são, de acordo com o religioso, provenientes de milagres divinos. “Ni les Anges, ni les Démons, ni les hommes le plus saints & les plus favorisés

<sup>309</sup> CALMET, 1751, tomo II, p. IX.

<sup>310</sup> Porém novamente sustenta que os vampiros da Hungria, Morávia, Silésia e Polônia são um objeto de estudo legítimo.

<sup>311</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 2 – 3.

de Dieu, ne sçauroient par leur propre puissance rendre la vie à un mort réellement mort.”<sup>312</sup>. Este poder seria concedido apenas através de uma intervenção divina.

No capítulo intitulado *Résurrections de gens qui n'étoient pas vraiment morts*<sup>313</sup>, Calmet recorre à medicina. Afirma que certas pessoas que foram consideradas mortas estavam simplesmente adormecidas ou em estado de letargia. Inclui também o caso de pessoas afogadas que “voltariam”, não por milagre, mas por assistência de pessoas, de remédios ou de médicos. O religioso não as classifica como realmente mortas, considera que tais pessoas estavam apenas em um estado de morte aparente<sup>314</sup> que poderia se efetivar não fosse a intervenção destes elementos.

Neste mesmo capítulo, almeja também discorrer sobre outra espécie de ressuscitados, aqueles que retornaram mesmo após meses ou mesmo anos depois de mortos. Se foram enterrados vivos “auroient dû être étouffés dans leurs tombeaux”<sup>315</sup>. Contudo, era possível encontrar sinais de vida tais como sangue líquido, carne preservada, coloração vermelha e membros flexíveis<sup>316</sup>. Estes retornados incomodavam os vivos, sentavam-se com eles à mesa para comer, sugavam seu sangue e os levavam à morte. Estes casos Calmet classifica como *Résurrections momentanées*<sup>317</sup>.

Calmet comenta que

Si cette dernière sorte de Ressuscités n'étoient pas réellement morts, il n'y a de merveilleux dans leur retour au monde, que la maniere dont il se fait, & les circonstances dont il est accompagné. Ces Revenans se réveillent-ils simplement de leur sommeil, ou reprennent-ils leurs esprits, comme ceux qui sont tombés en syncope, en foiblesse, ou en défaillance, & qui au bout d'un certain tems reviennent naturellement à eux-mêmes, lorsque le sang & les esprits animaux ont repris leur cours & leur mouvement naturel ?<sup>318</sup>

O beneditino busca estabelecer então as perguntas que norteiam este tomo. Preocupa-se em como se dá o retorno, em como é possível um *revenant* sair de sua tumba sem que a terra aparente ter sido perturbada. Sua busca também perpassa pela medicina. Aos casos em que o morto

<sup>312</sup> “Nem os Anjos, nem os Demônios, nem os homens mais santos & mais favoritos de Deus, não poderão por seu próprio poder dar vida a um morto realmente morto”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 6. [Tradução livre]

<sup>313</sup> “Ressureição de pessoas que não estavam realmente mortas”. [Tradução livre].

<sup>314</sup> “ils n'étoient pas morts, ou ils ne l'étoient qu'en apparence” [elas não estavam mortas, ou não estavam a não se rem aparência]. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 7. [Tradução livre].

<sup>315</sup> “Deveriam ter sufocado dentro de seus túmulos”. Cf. *Idem*. [Tradução livre].

<sup>316</sup> *Idem*.

<sup>317</sup> “Ressureição momentânea” [tradução livre].

<sup>318</sup> “se este último tipo de Ressuscitados não estavam realmente mortos, não há maravilhas em seu retorno ao mundo, a não ser a maneira como ele se dá, & as circunstâncias que o acompanham. Esses *Revenans* acordam simplesmente de seu sono ou retomam suas consciências, como aqueles que caíram em estado de síncope, em fraqueza, ou em insuficiência, & que ao fim deste período, voltam naturalmente a eles mesmos, quando o sangue e espírito animais retomam seu curso e seu movimento natural?”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 9. [Tradução livre].

demorou muito a retornar, Calmet afirma que não há precedente na história da medicina de síncope que tenham durado tanto tempo.

A procedência de tal poder de ressuscitação é muito debatida neste tomo. Calmet questiona:

S'ils ne sont pas ressuscités par eux-mêmes, est-ce par la vertu de Dieu qu'ils sont sortis de leurs tombeaux ? Quelle preuve a-t-on, que Dieu s'en soit mêlé ? quel est l'objet de ces Résurrections ? Est-ce pour manifester les œuvres de Dieu dans ces Vampires ? Quelle gloire en revient-il à la Divinité ?<sup>319</sup>

Nas histórias bíblicas de ressuscitações o beneditino via um por que, contudo, em relação aos vampiros, não conseguia pensar no motivo de tal ato, se é que ele era verdadeiro e se é que ele provinha de Deus. Outra possibilidade seria que o fenômeno ocorresse através do poder diabólico – algo que já havia sido contestado no primeiro tomo e mesmo na introdução.

Vamos conceder um destaque especial ao capítulo IV, intitulado *Um homme réellement mort peut-il apparôître en son propre corps?*<sup>320</sup>. Nele, Calmet trata como reais as aparições vampíricas e apresenta vários argumentos para sustentá-las, como por exemplo, o reconhecimento pelos familiares e o modo de execução. Na Bíblia também poderiam ser encontrados relatos que ajudariam a comprovar que um ressuscitado pode voltar ao seu corpo, a ressurreição do Cristo e o aparecimento de Moisés são exemplos. Mesmos estas provas ainda estariam na classificação de *Résurrections momentanées* e serviriam o propósito de manifestar o poder de Deus.

Uma aparição à qual Calmet concede crédito é a presenciada e relatada por São Martinho. Em uma igreja foi erguido um altar em homenagem a um suposto mártir. O Santo suspeitava do caráter do beneficiado. Uma noite, na igreja, apareceu um espectro que declarou ser o homenageado e revelou que na realidade era um ladrão. A aparição, neste caso, veio para revelar uma verdade<sup>321</sup>.

A partir desta história, o beneditino apresenta vários relatos diferentes sobre *revenants*. Uma moça que voltou dos mortos para passar as noites com seu namorado e que quando descoberta pelos pais faleceu novamente<sup>322</sup>; a alma do pai que aparece ao filho para indicar o local aonde está

<sup>319</sup> “Se não são ressuscitados por eles mesmos, é pela virtude de Deus que eles saem de seus túmulos? Que prova temos, que Deus se envolveu? qual é o objetivo destas Ressurreições? É para manifestar a obra de Deus através destes Vampiros? Que glória retorna à Divindade?”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 9. [Tradução livre].

<sup>320</sup> “Um homem realmente morto pode aparecer em seu próprio corpo?”. Cf. *Ibidem*, p. 15. [Tradução livre].

<sup>321</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 18 – 19.

<sup>322</sup> *Ibidem*, pp. 22 – 24.

um comprovante de quitação<sup>323</sup>; São Macário que ressuscitou uma vítima de homicídio para que ela inocentasse um homem que era injustamente acusado<sup>324</sup>; outra história do mesmo santo conta que este ressuscitou um homem já a algum tempo para que este revelasse a sua esposa onde havia guardado o dinheiro<sup>325</sup>. Nota-se, portanto, que estas aparições – excetuando a primeira – possuem um por que definido: a revelação, o esclarecimento.

Não só de revelações tratam os relatos. Um exemplo é a história da filha de um mercador de Paris que havia sido prometida em casamento por seu pai para um amigo dele. Logo após a cerimônia a moça adoeceu e faleceu. Seu primeiro namorado, intrigado com a morte prematura, desenterrou-a e descobriu que ela apenas se encontrava em um estado de letargia. Quando a moça voltou a si, os dois se casaram. Dez anos depois, quando viajaram para Paris, encontram com o primeiro esposo, que a reclamou na justiça. A defesa argumentou que o casamento era uma promessa “até que a morte separe os cônjuges”, logo, como a moça faleceu, o casamento já havia sido anulado<sup>326</sup>. Outro relato comenta sobre uma moça que caiu em um estado de letargia e foi tida como morta. Quando retornou aos sentidos, passado algum tempo, descobriu que estava grávida. O padre confessou o abuso. No final a moça ainda foi obrigada a casar com o religioso<sup>327</sup>. Estes dois últimos casos são diferentes dos relatados no parágrafo anterior. Enquanto naqueles trata-se de um retorno temporário, nestes não se trata de uma volta à vida, e sim o encerramento de um estado catatônico. “Ces personnes pouvoient n’être pas mortes, ni par conséquent ressuscitées”<sup>328</sup>.

Estes exemplos, entretanto, não abordam o vampirismo. Calmet conta que soube da temática através do falecido Monsieur de Vassimont, que havia sido enviado à Morávia pelo duque de Lorraine. De Vassimont ficou sabendo do assunto pelo bispo de Olmuz<sup>329</sup> e pelo “bruit public”<sup>330</sup>. O beneditino ainda conta que padres procuraram Roma, que nem ao menos deu uma resposta, tratando tudo como mera ilusão – assim como o tratou Davanzati. Estes relatos, contudo, influenciaram Charles Ferdinand de Schertz a escrever a obra *Magia Posthuma*, publicada em Olmuz em 1706.

<sup>323</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 26 – 27.

<sup>324</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>325</sup> *Idem*.

<sup>326</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>327</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>328</sup> “Estas pessoas não podiam estar mortas, nem por consequência ressuscitadas”. Cf. *Idem*. [Tradução livre].

<sup>329</sup> Nome afrancesado da cidade de Olmütz, que por sua vez é o nome germânico da cidade de Olomouc. Este é o mesmo bispo que contou a Davanzati sobre os casos.

<sup>330</sup> “barulho público”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 32. [Tradução livre].

Nesta obra foi publicado – provavelmente pela primeira vez, neste formato – o modo como os vampiros deveriam ser exterminados, acrescido de uma série de relatos para justificar tal prática e a eficácia do método. Ferdinand de Schertz explica – e Calmet faz questão de ressaltar – que não há injustiça nesses casos devido ao fato de que

on cite & on entend les témoins ; on examine les raisons ; on considere les corps exhumés, pour voir si l'on y trouve les marques ordinaires, qui font conjecturer que ce sont ceux qui molestent les vivans, comme la mobilité, la souplesse dans les membres, la fluidité dans le sang, l'incorruption dans les chairs<sup>331</sup>

Somente após averiguação a “condenação” se seguia. Primeiro a busca por marcas, que lembra os tribunais do santo ofício conforme analisados por Ginzburg (1988; 2012). Vê-se aqui que Calmet ressalta essa busca por provas, o empirismo. O morto é acusado, averiguam-se os depoimentos, procuram-se as provas. Se estas se fazem presentes o cadáver é condenado. Monta-se um verdadeiro tribunal dos mortos. Mais uma vez gostaríamos de ressaltar a noção de morte durante o século XVIII, de acordo com Ariès (2014), pois não era vista como completa até que o corpo fosse completamente decomposto. Sendo assim havia uma sobreposição da morte sobre a vida. Aquela ia lentamente tomando o corpo. Corpos que não se decompunham demonstravam que não havia ocorrido uma “vitória da morte”, o que também ajuda a explicar a concepção de Ranft (1728) sobre a imaginação, que continuaria ativa mesmo após a morte.

O monge beneditino também narra um caso relatado nas *Lettres Juives* de número 137 de 1738. Nesta carta é relatado um caso de vampirismo atestado por dois oficiais do tribunal de Belgrado<sup>332</sup>. No começo do mês de setembro faleceu na vila de Kisilova<sup>333</sup> um homem de 62 anos. Ele passou a aparecer na casa de seu filho, exigindo comida. Após algumas visitas o filho foi encontrado morto e no mesmo dia faleceram também outras cinco ou seis pessoas. Outros habitantes da vila começaram a falecer. O representante local do rei informou o caso ao tribunal de Belgrado que enviou os dois citados oficiais. Novamente seguiu-se o “processo judicial” trabalhado por Ferdinand de Schertz. No corpo do filho não foram encontrados sinais de vampirismo, logo,

---

<sup>331</sup> “citam-se e ouvem-se as testemunhas; examinam-se as razões; consideram-se os corpos exumados, para ver se neles encontram-se as marcas ordinárias, que permitem conjecturar que esses são aqueles que molestam os vivos, como a mobilidade, a flexibilidade dos membros, a fluidez do sangue, a incorruptibilidade da carne”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 36. [Tradução livre].

<sup>332</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>333</sup> Na Sérvia, mesma vila de Peter Plogojowitz.

este foi novamente enterrado. Por outro lado, o corpo do pai foi encontrado com os olhos abertos, coloração vermelha e respirando, por isso recebeu uma estaca no coração e foi incinerado<sup>334</sup>.

Calmet também comenta sobre o caso de Arnod Paole<sup>335</sup>. Interessante notar a preocupação em demonstrar que os relatos não provêm de pessoas desacreditadas. “Cette opinion”, afirma o autor, “vient d’être confirmée par plusieurs faits, dont il semble qu’on ne peut douter, vû la qualité des témoins qui les ont certifiés”<sup>336</sup>. Novamente o enfoque se encontra no processo de busca de provas e na condução da “sentença”. Este caso, como visto no capítulo anterior, não se limitou apenas a Paole, mas implicou em uma verdadeira busca por vampiros, totalizando 22 vampiros exterminados, contando com o principal.

Todas as informações e a execução no caso dos vampiros da Medvegia, “ont été faites juridiquement, en bonne forme, & attestées par plusieurs Officiers, quisonten garnison dans les pays, par les Chirurgiens Majors des Régimens, & par les principaux habitans du lieu”<sup>337</sup>. Os casos possuem, e o autor insiste nisso, sustentação de testemunhos de pessoas de crédito. O testemunho verbal decorrente desse caso foi enviado a Viena para análise de veracidade<sup>338</sup>.

### 3.7. EXPLICAÇÕES NATURAIS PARA O VAMPIRISMO

A grande questão que surge, após todos esses creditados relatos e seguidos do ritual jurídico de investigação e condenação, é a de como combater e refutar a crença nos *revenants*. Há dois meios de fazer isso, como relatado no capítulo XI do tratado. A primeira maneira seria a de explicar por causas físicas a maravilha que seria o vampirismo e a segunda seria a de simplesmente negar a existência de tais criaturas, sendo que esta última seria a forma mais sábia e certa. Entretanto, torna-se uma opção inviável visto que os testemunhos foram dados por autoridades certificadas, ou seja, possuem grande força perante a população. Portanto, para demonstrar o quão

<sup>334</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 40 – 41.

<sup>335</sup> Referenciado por Calmet como Arnold Paul.

<sup>336</sup> “Essa opinião foi confirmada por muitos fatos, dos quais não se pode duvidar, visto a qualidade dos testemunhos que os certificam”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 42. [Tradução livre].

<sup>337</sup> “foram feitos juridicamente, em boa forma, & atestados por muitos Oficiais, os quais têm guarnição no país, pelos Cirurgiões Principais dos Regimentos, & pelos principais habitantes do local”. Cf. *Ibidem*, p. 45. [Tradução livre].

<sup>338</sup> *Idem*.



pouco dever-se-ia financiar as formalidades judiciais que envolvessem este assunto, Calmet propôs supor brevemente que realmente morrem “plusieurs personnes du mal qu’on apele le Vampirisme”<sup>339</sup>.

Em primeiro lugar, afirmava tomar como verdadeiro que alguns cadáveres enterrados, após um certo tempo, sangrassem. Este facilmente é relegado ao sangue das supostas vítimas devido à imaginação de certas pessoas. Tal imaginação pode causar uma reação tão violenta que é capaz de causar danos à vida do indivíduo<sup>340</sup>. Calmet cita Jean Christophe Herenberg, autor de *Pensées Philosophiques & Chrétiennes sur les Vampires*. Herenberg, segundo o beneditino, prova através de experimentos que a imaginação é capaz de causar danos nos corpos e mentes dos indivíduos<sup>341</sup>.

Calmet afirma que para os antigos o retorno dos mortos era possível e crível, contudo mesmo com os testemunhos contemporâneos de pessoas de crédito, ele sustentava sempre que o vampirismo era impraticável. Os mortos sugadores de sangue eram, em sua opinião, produtos de olhos pouco filosóficos e uma *imagination frappée*<sup>342</sup>.

Há uma busca também, por parte do religioso, de explicar “physiquement”<sup>343</sup> os tais sinais de vampirismo. Alguns solos, de acordo com Calmet, apresentam a tendência de conservar os corpos, como ocorria no cemitério de uma igreja de Toulouse, em que mortos há mais de 200 anos ainda permaneciam incorruptíveis. Sobre o crescimento de unhas, barba e cabelos, afirma que isto é uma reação natural causada pela umidade, e não por uma força vital restante no cadáver. O sangue fluido pode ser uma reação ao calor do sol que esquenta as partes nitrosas e sulfurosas do solo. Essas partes, que também auxiliam na preservação do cadáver, incorporam-se então ao corpo e acabam por fermentar e descoagular o sangue, tornando-o líquido, o que permite com que flua pelos canais corporais<sup>344</sup>.

A questão da imaginação teria também relação com os hábitos alimentares. Contudo, não cita Davanzati, que como visto no capítulo 2, desenvolveu uma dissertação ligando a *imagination frapée* dos gregos ortodoxos com a dieta dos mesmos. O religioso francês cita o periódico *Glaneur de Hollande*, que em 1733 publicara uma matéria sobre o tema. A crença nos *revenants* era relegada

<sup>339</sup> “muitas pessoas do mal que chama-se Vampirismo”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 47. [Tradução livre].

<sup>340</sup> *Idem*.

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>342</sup> Traduzindo literalmente, “imaginação machucada”.

<sup>343</sup> Traduzindo literalmente, fisicamente. Este fisicamente está relacionado ao mundo físico, à natureza.

<sup>344</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 57 – 58.

ao excesso de ignorância e credulidade. As aparições eram apenas um sintoma da *imagination frapée*. A má alimentação – cuja base era o pão de aveia – deixava o sangue grosseiro e mais disposto a corromper-se e a desenvolver ideias falsas. O periódico compara as vítimas do vampirismo a cães raivosos que transmitem seu veneno a outros seres<sup>345</sup>. O “veneno” no caso do vampirismo seria um verme que causa a morte e, postumamente, a não-rigidez do cadáver. O sangue líquido é outra consequência da verminose. Quanto ao grito, “rien n’est plus naturel”<sup>346</sup>, pois o ar ao sair pela garganta violentamente produziria tal efeito.

Após apresentar essas teorias que explicariam a partir do natural esse fenômeno dos vampiros, Calmet busca combater os argumentos de que os sugadores de sangue possuiriam um embasamento histórico. O autor cita vários casos desde a Antiguidade, sempre argumentando que nada na história se compara aos atuais casos de vampirismo – mesmo que, como observado por Lecouteux, o padre não tenha bem definido o significado de vampiro<sup>347</sup>. Neste ato de recorrer à história, Calmet também aproveita para novamente criticar a doutrina cristã ortodoxa. Um patriarca, conta, para verificar se os corpos dos excomungados realmente conservavam-se mandou exumar uma mulher que havia recebido o anátema. Constatado que o corpo estava mesmo conservado, o patriarca deu-lhe absolvição de todos os pecados. Depois de três dias o corpo havia se transformado um pó. Comenta o autor: “Dans cela je ne vois point de miracle : tout le monde sçait, que les corps que l’on trouve quelquefois bien entiers dans leurs tombeaux, tombent en poussiere, dès qu’ils sont exposés à l’air”<sup>348</sup>. Calmet também critica o ato de absolvição póstuma, afirmando que o patriarca não possui tal autoridade.

### 3.8. SOBRE O PODER DO DEMÔNIO E OS PROPÓSITOS DAS APARIÇÕES

Já havia sido dito que somente Deus teria poder sobre a vida e sobre a morte, entretanto o beneditino considerou importante que se comentasse mais sobre o assunto, já que existiriam certos

<sup>345</sup> CALMET, 1751, tomo II, pp. 61 – 63.

<sup>346</sup> “nada é mais natural”. Cf. *Ibidem*, p. 63. [Tradução livre].

<sup>347</sup> LECOUTEUX, 2005, p. 80.

<sup>348</sup> “Nisto não vi nenhum milagre: todos sabem, que os corpos que são encontrados as vezes inteiros em seus túmulos, transformam-se em poeira, a partir do momento que são expostos ao ar”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 125. [Tradução livre].

sábios que tentavam sustentar que o poder demoníaco agia sobre as pessoas. Este poder estaria relacionado aos casos de vampiros, pensando nesse sistema, pois o Demônio substituiria a alma do falecido no cadáver, revivendo-o e causando malefícios aos vivos<sup>349</sup>.

Calmet cita alguns casos da Bíblia e analisa que nestes nunca há ação do Diabo ou de maus anjos se não existe uma previa autorização ou ordem divina. Conclui, portanto que “Dieu seul qui puisse donner la vie à une personne réellement morte, soit immédiatement par lui-même, ou par le moyen des Anges, ou de Démons exécuteurs de ses volontés”<sup>350</sup>. Calmet cita o caso de um padre que foi punido por Deus, para que Ele pudesse demonstrar sua justa vingança. O Diabo recebeu então permissão para possuir o corpo do padre a ser punido, com a condição de que não o corrompesse fortemente. Este último exemplo, afirma Calmet, “peut admirablement s’appliquer aux Revenans de Hongrie & de Moravie”<sup>351</sup>.

Os próprios cristãos poderiam prestar devoções ao Demônio, buscando a partir delas um poder sobrenatural ou o malefício de alguém. Um exemplo destas práticas era a construção de um boneco de cera parecido com a pessoa a que se desejava o mal. Nesta crença, quando fosse derretido o boneco, a tal pessoa faleceria. O mais correto, de acordo com o autor, seria negar a veracidade dessas práticas, pois para serem consideradas reais deveria existir uma explicação física. Elas também não poderiam ser atribuídas ao Diabo.

Outra “prática” criticada por Calmet é a necromancia. Os necromantes supostamente invocariam os maus espíritos para enviar malefícios a outrem, ou poderiam capturar demônios e prendê-los em espelhos para interrogá-los sobre o passado e o futuro. Desde a Idade Média tais práticas eram condenadas. Calmet cita algumas cartas papais do século XIV<sup>352</sup> condenando as práticas mágicas. O beneditino não cita – neste momento em específico – que estas cartas concedem um grande poder ao Diabo, ressaltando a oposição Bem *versus* Mal que permeava a cristandade medieval. O autor ressalta apenas a não permissão de Deus, relatada pelo Papa, para que ocorressem os malefícios.

<sup>349</sup> CALMET, 1751, tomo II, p. 143.

<sup>350</sup> “somente Deus que pode dar vida a uma pessoa realmente morta, seja imediatamente por ele mesmo ou por meio de Anjos, ou de Demônios executores de suas vontades”. Cf. *Ibidem*, p. 149. [Tradução livre].

<sup>351</sup> “pode admiravelmente se aplicar aos *Revenans* da Hungria e da Morávia”. Cf. *Ibidem*, p. 150. [Tradução livre].

<sup>352</sup> Justamente o século em que Delumeau (2009) afirma ter ocorrido uma “explosão demoníaca”.

Quanto aos magos e pessoas que acreditavam em tal poder, Calmet afirma que “l’ignorance de la Physique faisoit prendre alors pour surnaturels plusieurs effets de la nature”<sup>353</sup>. Devido à certeza, pela fé, de que Deus permite que o Diabo aja em alguns casos, podem ocorrer diversas confusões e equívocos. Estes chegam ao fim, porém, na opinião do monge, quando se examina a Magia mais de perto. O resultado deste exame seria a conclusão de que ela seria apenas “empoisonnemens accompagnés de superstitions & d’impostures”<sup>354</sup>. Logo, tal como os vampiros, a crença na magia era fruto de *imagination frapées*.

Calmet cita também os mortos que possuem um objetivo, avisar, para contrastar com a falta de propósito dos vampiros. Diversos são casos de mortos que retornam para avisar seus parentes ou amigos para serem cautelosos com suas condutas, adverti-los que seu tempo de vida estaria acabando, ou simplesmente para provar a realidade do que era pregado pela Igreja: de que existia um Céu e um Inferno. Calmet conclui:

Le Retour des Ames & leur apparition n’est pas une chose naturelle, ni qui soit du choix des Trépassés. C’est un effet surnaturel & qui tient du miracle.

[...]

Le Retour des Ames, leurs apparitions, l’exécution des promesses que quelques personnes se sont faites de venir dire à leurs amis des nouvelles de ce qui se passe en l’autre monde, n’est pas en leur pouvoir. Tout cela est entre les mains de Dieu.<sup>355</sup>

### 3.9. SISTEMAS DE EXPLICAÇÃO PARA O RETORNO DOS MORTOS

Devido ao grande alarde provocado pelos relatos de ataques de mortos-vivos, afirma Calmet, diversos sistemas explicativos surgiram, os quais poderiam então ser melhor analisados visto que já havia exposto seus argumentos. Um deles consistia em analisar os *revenants* como uma ressurreição momentânea, causada pelo breve retorno da alma ao seu corpo ou pelo poder

<sup>353</sup> “a ignorância da Física faz com que se tomem então por sobrenaturais muitos efeitos da natureza”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 168. [Tradução livre].

<sup>354</sup> “envenenamentos acompanhados de superstições e imposturas”. Cf. *Ibidem*, p. 169. [Tradução livre].

<sup>355</sup> “O retorno das Almas & sua aparição não é algo natural, nem que seja da escolha dos Mortos. É um efeito sobrenatural e que detém milagre  
[...]

O Retorno das Almas e suas aparições, a execução de promessas que algumas pessoas fizeram de vir dizer a seus amigos notícias sobre o que se passa no outro mundo, não está em seu poder. Tudo isso está nas mãos de Deus”. Cf. *Ibidem*, pp. 192 – 193. [Tradução livre].

demoníaco. A consequência seria a fluidez do sangue e a incorruptibilidade do cadáver. Outra explicação seria a de que os supostos vampiros não estivessem completamente mortos. Conservando ainda algumas sementes de vida<sup>356</sup>, era possível que a alma retornasse ao corpo, de tempos em tempos, fazendo com que este agisse como se estivesse vivo, encontrando os parentes, amigos e até mesmo realizando refeições. Entretanto deveriam “renouveller leur suc nourricier & leurs esprits animaux, en suçant le sang de leurs proches”<sup>357</sup>.

A *Dissertation sur l'Incertitude des Signes de la Mort, & l'Abus des Enterremens Précipités*<sup>358</sup>, escrita por Jacques Vinslow<sup>359</sup>, pode, na visão de Calmet, esclarecer muitos pontos sobre o vampirismo. O médico comenta em seu trabalho sobre as pessoas que eram enterradas como mortas por algum engano ou precipitação e que, após certo tempo, acordavam e se viam sepultadas. Vinslow é elogiado por Calmet, pois também busca um esclarecimento, busca como definir se a morte é verdadeira ou apenas um estado de letargia ou síncope. Vários relatos são trazidos para sustentar que ao longo da história diversas pessoas foram precipitadamente enterradas.

O beneditino escreve um capítulo específico para as mulheres sepultadas por engano. Segundo o autor, doenças que levam ao estado de letargia são mais comuns entre elas<sup>360</sup>. Alguns médicos da época afirmavam que uma mulher que sofria de sufocação de matriz poderia ficar até trinta dias sem respirar. O próprio Calmet afirma saber de um caso em que uma mulher teria ficado 36 horas sem exibir sinais de vida. Esta só não foi enterrada porque seu marido havia se oposto. Após acordar, contou que tinha plena consciência de tudo o que estava acontecendo. A maior parte dos casos refere-se a mulheres enterradas grávidas, ocasionando o nascimento do bebê dentro do túmulo<sup>361</sup>.

Qual seria a aplicação desses exemplos de pessoas enterradas precipitadamente para a explicação dos mortos-vivos da Europa centro-oriental? Nesta lógica “le sang qu'on leur trouve beau & vermeil, la flexibilité de leurs membre, les cris qu'ils poussent lorsqu'on leur perce le cœur,

<sup>356</sup> No original: “certaines semences de vie”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 194.

<sup>357</sup> “renovar seu suco nutritivo & seus espíritos animais, sugando o sangue de seus parentes”. Cf. *Ibidem*, p. 194. [Tradução livre].

<sup>358</sup> Dissertação sobre a incerteza dos signos da morte. [Tradução livre].

<sup>359</sup> Doutor regente na faculdade de medicina de Paris.

<sup>360</sup> CALMET, 1751, tomo II, p. 224.

<sup>361</sup> *Ibidem*, pp. 207 – 211.

ou qu'on leur coupe la tête, prouvent qu'ils vivent encore"<sup>362</sup>. Que um enterro possa acontecer erroneamente, não resta dúvidas, entretanto Calmet deseja saber como o tal “morto não morto” consegue sair de sua cova sem que a terra pareça ter sido remexida. Além do mais, se estão vivos, por qual motivo retornariam a seus túmulos? Qual a necessidade de sugar o sangue de seus parentes? A questão recai novamente sobre a imaginação. Teria ela tanto poder assim?

Si tout cela n'est qu'imagination de la part de ceux qui sont molestés, d'où vient que ces Vampires se trouvent dans leurs tombeaux sans corruption, pleins de sang, souples & maniables ; qu'on leur trouve les pieds crotés le lendemain du jour qu'ils ont couru & effrayé les gens du voisinage, & qu'on ne remarque rien de pareil dans les autres cadavres enterrés dans le même tems dans le même cimetiere ? D'où vient qu'ils ne reviennent plus, & n'infestent plus, quand on les a brûlés ou empalés ?<sup>363</sup>

Calmet percebe então cinco grandes teses: *Revenants* enquanto algo miraculoso; casos de retorno dos mortos como efeitos de *imaginationes frapées*; os supostos mortos não estariam mortos; os *revenants* enquanto obra do Demônio; e os que afirmavam que não eram os cadáveres que mastigavam suas vestes e mesmo sua própria carne, mas sim os animais como ratos, toupeiras e lobos<sup>364</sup>. Ainda sobre esta última teoria, o beneditino acrescenta que os corpos das vítimas de peste tinham maior dificuldade na coagulação do sangue. O monge então argumenta que os vampiros se distribuía por um recorte geográfico específico – Hungria, Morávia e Silésia – que coincidia com os locais onde a peste é mais comum, isto somado a especificidades do solo, da alimentação e do clima. Outro fator a ser contabilizado <sup>365</sup>, de acordo com Calmet, era o preconceito, a imaginação e o medo das pessoas destas regiões.

Ainda pensando nas causas naturais, o beneditino abordou dois tipos de causas de morte. No primeiro a consumação se daria pela coagulação do sangue, consequência da mordida de algumas serpentes. O outro seria justamente o contrário, a ebulição do sangue, causada por mortes violentas, pestes e alguns venenos. Somente os mortos neste segundo caso – que eram bem mais

---

<sup>362</sup> “o sangue que encontra-se belo e vermelho, a flexibilidade de seus membros, os gritos que dão quando lhes perfuram os corações, ou quando lhes cortam as cabeças, provam que eles ainda vivem”. Cf. CALMET, 1751, tomo II, p. 211. [Tradução livre].

<sup>363</sup> “Se tudo isso não passa de imaginação da parte daqueles que são molestados, de onde vem que esses Vampiros se encontram em seus túmulos sem corrupção, cheios de sangue, flexíveis e maleáveis; que encontram-se com os pés enlameados no dia seguinte do dia que eles correram & assustaram as pessoas da vila, & que não se percebe nada parecido em outros cadáveres enterrados ao mesmo tempo no mesmo cemitério? De onde vem que eles não voltam mais & não infestam mais, quanto são queimados ou empalados?”. Cf. *Ibidem*, p. 212. [Tradução livre].

<sup>364</sup> *Ibidem*, pp. 219 – 220.

<sup>365</sup> Doenças quentes. [Tradução livre].

numerosos que os falecidos da outra forma – poderiam retornar, contudo neste retorno não haveria nenhum milagre.

Ao final de sua obra, Calmet afirma que os vampiros podem ser consequência dessas *maladies chaudes* que conservam no cadáver um resto de vida. Estes podem a qualquer momento retomar suas atividades – especialmente na primavera ou quando uma fogueira é montada próxima a eles. Restando esse último “respingo de vida”, a alma não deixaria o corpo no momento da morte<sup>366</sup>, o que só aconteceria após a decomposição. Quando retornam à vida e se veem enterradas, as pessoas, comenta o beneditino, seriam tomadas por tal sensação de pânico que explicaria o fato de se alimentarem das próprias vestes e, às vezes, até do próprio corpo<sup>367</sup>.

A única dificuldade que Calmet reconhece é a de explicar como seria possível que os vampiros saíssem de seus túmulos e retornassem sem deixar a terra remexida<sup>368</sup>. Além disso, não era possível definir um motivo racional para alguém que acordasse enterrado, conseguir sair e retornar para a cova. A única explicação possível seria a de que na realidade o morto não saía de seu túmulo, e sim apenas o seu fantasma. Resta, pois, um aspecto de mistério que mesmo para o monge pesquisador era difícil de superar.

Após analisar estes diversos casos e diferentes teorias, Calmet realiza algumas conclusões para seu tratado. Primeiramente, conclui que a ressurreição de um corpo já corrompido, ou com sinais de decomposição, somente poderia se dar a partir de um milagre divino. Por outro lado, indivíduos que caíram em síncope e são enterrados precipitadamente podiam retornar sem nenhum milagre, mas sim pelas “forces de la Medicine”<sup>369</sup> ou mesmo por meio natural. Quanto aos vampiros, Calmet afirma que mesmo com diversos relatos plenos de detalhes e oficiais, não representam a realidade. Os mortos-vivos sugadores de sangue eram apenas fruto da imaginação. O medo confundia os sentidos. O autor afirma que nenhum dos testemunhos sobre os vampiros foram feitos por pessoas não amedrontadas ou que tivessem refletido seriamente sobre o assunto.

Notamos, portanto, que ainda resta um aspecto de dúvida sobre a existência ou não dos sugadores de sangue. Calmet não negou pura e simplesmente que eles existissem, mas sim redigiu um tratado para desenvolver seus argumentos e proporcionar um diálogo entre a ciência e a religião.

---

<sup>366</sup> O que Calmet considera que ocorre em mortes naturais, diferente, portanto do pensamento médico da época.

<sup>367</sup> CALMET, 1751, tomo II, p. 254.

<sup>368</sup> *Ibidem*, pp. 254 – 255.

<sup>369</sup> “forças da medicina”. Cf. *Ibidem* p. 295. [Tradução livre].

É notável sua busca pelo conhecimento e o modo como realiza esta busca sem confrontar a teologia com a discussão a respeito do Natural/Sobrenatural. O beneditino proporciona uma conciliação entre essas visões com a justificativa de buscar a verdade. A doutrina católica era a grande verdade evidentemente, contudo a análise empírica dos fatos e a pesquisa médica serviriam no intuito de separar o falso do verdadeiro, de comprovar se tal ato mágico ou sobrenatural era realmente milagre divino, logo, uma verdade, ou charlatanismo, logo, uma mentira.

Para Calmet as “verdades da medicina” e as “verdades da natureza” não anulariam a “verdade religiosa”, mas as complementariam no sentido de verificar, de selecionar as manifestações sobrenaturais verdadeiras das falsas. Os vampiros, portanto, eram criaturas potencialmente verdadeiras, e ao mesmo tempo, potencialmente falsas. Os mortos-vivos eram teologicamente possíveis, logo não se poderia negar um relato sobre eles, contudo sendo tais relatos proferidos por pessoas visivelmente alteradas pelo medo eram passíveis de dúvida. O único modo de resolver a questão seria através da pesquisa. O resultado não seria comprovar se os vampiros existiriam ou não, visto que Deus teria poder para tal, mas sim se aquele relato específico era uma verdade ou uma mentira, pois era tarefa dos homens ilustrados, segundo Calmet, desacreditar as superstições e comprovar as verdades.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática dos *vampiros folclóricos* – como denomina Barber (2010) – demanda mais estudos. Pesquisas recentes investem principalmente na figura do vampiro literário e em suas mudanças ao longo do tempo, entretanto quando se procura sobre os casos relatados sobre ataques vampírescos, pouco se encontra. Ainda podem ser exploradas as relações entre história e medicina. Além disso, podem ser muito produtivos estudos que relacionem os vampiros com a *História do Medo* e com o conceito de *imaginação*. No que diz respeito à religião, pudemos observar a dificuldade de Calmet em tratar de certos assuntos que confrontavam os dogmas do cristianismo. A ressurreição, por exemplo, não poderia ser simplesmente negada, mas sim pesquisada, estudada e teorizada, com base nos argumentos que recolheu de sua pesquisa – herança também de seus trabalhos anteriores.

Constatamos que o contexto político da Europa centro-oriental, mais precisamente a ocupação militar austríaca das novas possessões conquistadas com os tratados de Carlowitz (1699) e Passarowitz (1718), foi fundamental para o intercâmbio dos relatos. O olhar preconceituoso acerca destas regiões e a rixa entre as igrejas apostólica romana e ortodoxa grega – muito evidente em Calmet – contribuíram para a efetiva disseminação das lendas do vampiro pelos países da parte ocidental do continente.

Calmet, um religioso erudito que compartilhava dos ideais iluministas de pesquisa empírica, destaca-se neste contexto por unir duas visões que negavam a existência dos vampiros, mesmo sem uma adequada investigação, o que era criticado pelo monge. Propôs-se então, a recolher extenso material sobre aparições de anjos, demônios e fantasmas, magia, *revenants* e os sugadores de sangue. Sua pesquisa buscou conciliar as visões religiosa e médica, buscando sempre a *verdade*, a racionalização, o esclarecimento.

Atacar os vampiros significava também, de acordo com Huet (1997), proteger e reafirmar o poder da Igreja, visto que o vampiro era como uma imagem invertida do Cristo. “The vampire wins disciples who will, in turn, make their victims into new converts. Vampirism is not just a plague, it is a false religion”<sup>370</sup>.

---

<sup>370</sup> “O vampiro ganha discípulos que irão, por sua vez, transformar suas vítimas em novos convertido. Vampirismo não é somente uma praga, é uma falsa religião”. Cf. HUET, 1997, p. 227. [Tradução livre].

Algumas das questões são essenciais para o entendimento dos argumentos do beneditino, que sempre as analisou baseado na medicina e, principalmente, na teologia. A imaterialidade das aparições, por exemplo. Um dos argumentos para a impossibilidade dos vampiros era o fato de que na doutrina católica as aparições não tinham associação com a corporalidade. Elas são, portanto, separadas do mundo material, contudo podem interpor-se e intervir a partir da permissão ou vontade divinas.

Estas esferas – material/corpórea e divina – são bem definidas na obra de Calmet. Só se entrecruzam por vontade ou permissão de Deus. O monge pesquisador refuta diversas aparições e casos de vampiros com base nas pesquisas médicas contemporâneas. Fala sobre a impossibilidade de uma pessoa em estado de letargia sobreviver a um grande período enterrado. Comenta sobre o irrealismo das ressuscitações, bem como a atuação demoníaca – autônoma – sem atacar os dogmas cristãos. As ressurreições perpetradas pelos apóstolos, por Cristo e a própria ressurreição de Jesus são tidas como fatos reais, momentos em que o plano divino se liga com o plano material/corpóreo. Somente a partir desta interação é que os milagres podem efetivar-se.

Calmet, portanto, define e estabelece diferenças entre os planos terreno e divino a fim de defender a veracidade de sua fé e combater qualquer espécie de afronta ou mesmo algum fato que pudesse gerar dúvidas, como é o caso dos vampiros. Prezando pelo empirismo e pela argumentação fundamentada – histórica e teologicamente – conseguiu realizar o mais completo trabalho sobre o vampirismo até então produzido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

CALMET, Dom Augustin. *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* Tome I. Paris: Debure l'aîné, 1751.

\_\_\_\_\_. *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* Tome II. Paris: Debure l'aîné, 1751.

### BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Gênero e Cultura no Iluminismo. In: \_\_\_\_\_. *Para Além De Sophie: A construção do modelo feminino nas obras Les Conversations d'Emilie, de Madame d'Épinay, e Corinne, de Madame de Staël.* 163f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014,

ARGEL, M. & MOURA NETO, H. *O vampiro antes de Drácula.* São Paulo: Aleph, 2008.

ARIÈS, P. *O Homem Diante da Morte.* Trad. Luíza Ribeiro. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2014 [1977].

ARMOUR, Ian D. *A History of Eastern Europe 1740-1918: Empires, Nations, and Modernisation.* 2<sup>nd</sup> edition. New York: Bloomsbury Academic, 2012 [2006].

BAROJA, J. C. *As Bruxas e o Seu Mundo.* Lisboa: Vega, 1971 [1961].

BARBER, P. *Vampires, Burial & Death: Folklore and Reality.* New Heaven and London: Yale University Press, 2010 [1988].

BRÄULEIN, Peter J. The frightening borderlands of Enlightenment: The vampire problem. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*. n.43, pp. 710 – 719, 2012.

BURNS, Stu. “*And With All That, Who Believes in Vampires?*” *Undead Legends and Enlightenment Culture*. Trabalho apresentado no 33. European Studies Conference, Omaha, 2008. Disponível em: <[http://www.unomaha.edu/esc/2007Proceedings/Burns\\_vampirespaper.pdf](http://www.unomaha.edu/esc/2007Proceedings/Burns_vampirespaper.pdf)>. Acesso em: 25/02/2015.

CEGLIA, F. P. de. The Archbishop’s Vampires: Giuseppe Davanzati’s *Dissertation* and the Reaction of “Scientific” Italian Catholicism to the “Moravian Events”. *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*. v.61, n. 166-167, pp. 487 – 510, jun./dez., 2011.

CERTEAU, M. A Formalidade das Práticas. In: \_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. Tradução: Maria de Lourdes Mendes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 [1975].

\_\_\_\_\_. *La Possession de Loudun*. Saint-Amand: Gallimard/Julliard, 2005 [1970].

CHARTIER, R. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002 [1988].

\_\_\_\_\_. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo, Ed. UNESP, 2003 [1987].

\_\_\_\_\_. *O Homem de Letras*. In: VOVELLE, M. (Org.) *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 119-153

\_\_\_\_\_. *O Mundo Como Representação*. Revista Estudos Avançados, vol. 5, n.11, São Paulo, p. 172-191, jan./abr., 1991.

CROCE, Delton; CROCE JR, Delton. *Tanatologia Forense*. In: \_\_\_\_\_. Manual de medicina legal. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012, s/p.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989 [1978].

DES NOYERS, Pierre. *L’arrive du Roi de Pologne à Bantzig – Ce que c’est que le vampire – Nouveau soulèvement des Cosaques – ou va enfin traiter avec les Suédois*. In : \_\_\_\_\_. Lettres de Pierre des Noyers secrétaire de la reine de Pologne Marie-Louise de Gonzague,

Princesse de Mantoue et Nevers, pour servir a l'Histoire de Pologne et de Suède. Berlin : Librairie de B. Behr, 1859, pp. 560 – 564.

\_\_\_\_\_. Sem título. Le Mercure Galant, Paris, mai. 1693, pp. 62 – 71.

FEBVRE, L. *Pour l'histoire d'un sentiment: le besoin de securité*. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 11e année, n° 2, pp. 244-247, 1956.

FLORESCU, R.; MACNELLY, R. Vampirism: Old World Folklore. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 41 – 52.

FORBES, N. ; HOGARTH, D. G. ; MITRANY, D. ; TOYNBEE, A. *The Balkans – A History of Bulgaria – Serbia – Greece – Rumania – Turkey*. Oxford: Clarendon Press, 1915.

FRAZER, J. The Need of Fire. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 53 – 64.

GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010.

\_\_\_\_\_. Sirin. In: \_\_\_\_\_. *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, p. 79.

GAUER, Ruth M. Chittó. *A Civilização do Medo Produz a Civilização da Ira*. In: BREPOHL, Marion; CAPRARO, André Mendes; GARRAFFONI, Renata Senna. (Orgs). *Sentimentos na História: linguagens, práticas, emoções*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012, pp. 93-111.

GINZURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Trad. Nilson M. Louzada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012 [1989].

\_\_\_\_\_. *Os Andarilhos do Bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XIV e XVII*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988 [1966].

GUILEY, R. E. *The Encyclopedia of Vampires, Werewolves and Other Monsters*. New York: Facts On File, Inc., 2005.

\_\_\_\_\_. Tlahuelpuchi. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 73 – 77.

HUET, Marie-Hélène. Deadly Fears: Dom Augustin Calmet's Vampires and the Rule Over Death. *Eighteenth-Century Life*. v. 21, n.2, pp. 222 – 232, 1997.

IVANITS, L. 'Spoiling' and 'Healing'. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 65 – 66.

JENKINS, M. C. The Vampire Epidemics. In: \_\_\_\_\_. *Vampire Forensics: Uncovering the Origins of an Enduring Legend*. Washington: National Geographic, 2010, pp. 100 – 129.

KEYWORTH, David. Lycanthropy and the Undead Corpse. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 105 – 117.

\_\_\_\_\_. The Aetiology of Vampires and Revenants: Theological Debate and Popular Belief. *Journal of Religious History*. v.34, n.2, pp. 158 – 173, jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Was the Vampire of the Eighteenth Century a Unique Type of Undead-Corpse?. *Folklore*. v.117 n.3, pp. 241 – 260, dez. 2006.

KLANICZAY, G. Decline of Witches and Rise of Vampires in Eighteenth-Century Hapsburg Monarchy. *Ethnologica Europea*. n.17, pp. 165-180, 1987.

LECOUTEUX, C. *História dos vampiros – Autópsia de um mito*. São Paulo: Unesp, 2005 [1999].

MANDROU, Robert. Pour une histoire de la Sensibilité. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 14e année, n° 3, pp.581-588, 1959.

MARIGNER. *Lettre en Forme de Dissertation de Mr Marigner, Sr du Plessis, Ruel, & Billoüiard, Avocat au Parlement de Paris, adressée à Mr Charles de Volaud de Matheron, Seigneur d'Aubenas, de Salignac, & d'Entrepierre, Gentilhomme de Provence, sur les Creatures des Elements, & autres sujets invisibles, corporels ou spirituels, sur les Stryges de Russie, & sur la Physique Occulie de la Baguette*. Le Mercure Galant, Paris, jan. 1694a, pp. 58 – 166.

\_\_\_\_\_. *Sur les Stryges de Russie*. Le Mercure Galant, Paris, fev. 1694b, pp. 13 – 119.

MARTIN, P. *Don Calmet et les vampires*. In : Séance hors les murs du 19 octobre 2007, Nancy. Anais... Nancy : Académie de Stanislas, 2007.

MELTON, J. G. *Enciclopédia dos Vampiros*. São Paulo: M.Books do Brasil, 2008 [2003].

MUSI, Carla C. *La Vague de Vampirisme Dans La France du XVIIIe siècle - Les récits d'enquêtes militaires étrangères comme des « médias » ante litteram*. Astrolabe, s/p, mar/abr, 2008. Disponível em: <<http://www.crlv.org/astrolabe/marsavril-2008/la-vague-de-vampirisme-dans-la-france-du-xviiiie-si%C3%A8cle>>. Acesso em: 20/01/2015.

OINAS, F. Heretics as Vampires and Demons in Russia. in: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 31 – 39.

OREM, William. Corpse-Chewers: The Vampire in Ulysses. *James Joyce Quarterly*, v.49, n.1, pp. 57 – 72, 2011.

RANFT, Michael. *De la Mastication des Morts dans leurs Tombeaux*. 1<sup>a</sup> ed. Grenoble: Jérôme Million, 1995 [1728].

RICCARDO, M. *Breve História Cultural dos Vampiros*. In: MELTON, J. G. *Enciclopédia dos Vampiros*. São Paulo: M.Books do Brasil, 2008, pp. IX – XIV.

SÁINZ, S. *Los Vampiros, Reyes de la Noche*. s/d. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/view/16319588/los-vampiros-reyes-de-la-noch-ee-por-salvador-sainz-a->>. Acesso em: 14/09/2015.

SANTOS, A.; SANTOS, L.; SILVA L.; LUCINDA, L. *Explicações Médicas Para o Mito do Vampiro*. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 24.4, pp. 526 – 531, 2013.

SCHWARZBACH, B. E. Reason and the Bible in the So-Called Age of Reason. *Huntington Library Quarterly*. v.74 n.3, pp. 437 – 470, set. 2011.

STEIGER, B. Vampires. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 25 – 28.

STOKER, Bram. *Dracula*. New York: Grosset & Dunlap, 1897.

THOMAS, K. *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. Trad. Denise Bottmann e Tomas Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 [1971].

TYSON, D. A Vida de Agrippa. In: \_\_\_\_\_. *Três Livros de Filosofia Oculta*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Masdras, 2008, pp. 13 – 44.

\_\_\_\_\_. A Respeito da *Filosofia Oculta*. In: \_\_\_\_\_. *Três Livros de Filosofia Oculta*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Masdras, 2008, pp. 45-49.

VERMEIR, Koen. *Vampires as Creatures of the Imagination: Theories of Body, Soul and Imagination in Early Modern Vampire Tracts (1659 – 1755)*. In: HASKELL, Yasmin. *Diseases of the Imagination and Imaginary Disease in the Early Modern Period*. Turnhout: Brepols Publishers, 2012, pp. 341-373.

\_\_\_\_\_. *Vampirisme, Corps Mastiquants et Force de L'imagination: Analyse des Premiers Traités Sur Les Vampires (1659-1755)*. *Camena*, nº8 dez, 2010. Disponível em: <[http://www.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/6-\\_Veirmeir.pdf](http://www.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/6-_Veirmeir.pdf)>. Acesso em: 30/03/2015.

VIEIRA, Maytê R. *Don Calmet, o Primeiro Caçador de Vampiros da História*. *Leituras da História*, v. 37, p. 38-43, 2011.

WRIGHT, D. What is a Vampire?. In: GARZA, Thomas J. (org), *The Vampire in Slavic Cultures*. San Diego, CA: Cognella, 2010, pp. 15 – 21.

ZERBINI, Talita. *Cronotanatognose*. In: \_\_\_\_\_. *Estimativa do intervalo postmortem por análise de imagens tomográficas das hipóstases viscerais torácicas*. 113f. Tese (Doutorado em Patologia) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Pp. 11-21. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5144/tde-01112013-112000/>>. Acesso em: 14/06/2015.